

RANIERE MENEZES



GRANDE

e o Reino
Soberano
de Cristo

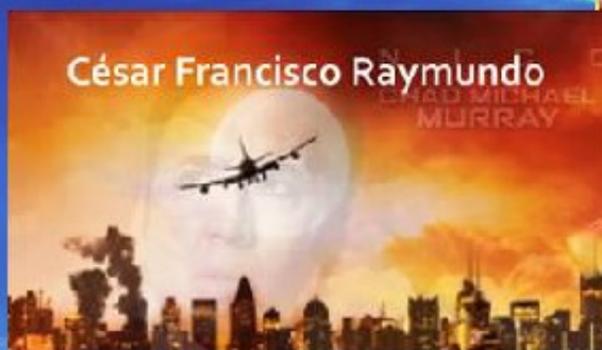
RESET

Revista Cristã
Última Chamada

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

with
CHRIS MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Grand Reset e o Reino Soberano de Cristo

Raniere Menezes

—Revista Cristã—
Última Chamada
- Junho de 2021 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Grand Reset

e o Reino Soberano de Cristo

Autor: Raniere Menezes

Capa: Raniere Menezes

Todos os direitos autorais desta obra pertencem a Raniere Menezes.

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.

É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Junho de 2021

Londrina - Paraná

Índice

Prefácio	08
Introdução	11
1. Não estamos perto do fim	18
2. Cooperação vs discórdia	40
Fases integrativas e desintegrativas	41
Menos cooperação internacional	47
3. Medo e Esperança	52
4. Panorama do cenário mundial e riscos para 2021-2030	56
Cada nação por si	64
G-Zero	65
Pressões estruturais	70
Tendências da nossa época	76
Encruzilhada histórica	84
5. Para onde vamos daqui? Segundo o Grande Reset	90
1. Instituições internacionais fortes e eficazes	90
2. Igualdade e justiça social	90
Impacto social devastador	91
Os desafios mais importantes do mundo no século atual	92
Maiores Riscos segundo os relatórios	98
6. CONTRAMUNDUM	107
Mandato Cultural e Grande Comissão	110
7. Grande Reset	115
Extração da média	117

Aguilha no palheiro	117
Previsão do tempo e bolsa de valores	119
Sabedoria Rumsfeld	120
O que sabemos?	120
Arsenal de palavras-chaves do Grande Reset	124
Três componentes principais da agenda pública do Grande Reset	125
Quatro blocos de construção do Grande Reset	129
8. Revisão de perspectivas e respostas	130
Categorias de pirâmides e hierarquias de poço	132
Teoria Estrutural-Demográfica	136
9. Brasil, um estudo de caso para entender o Grand Reset	139
Macromudanças / Macrohistória	143
10. Agenda Globalista	146
11. A verdade libertadora	154
A pedra que enche toda terra	159
12. De Cristo é o reino, o poder e a glória	163
Obras importantes para pesquisa	165

Prefácio

A grande maioria das pessoas que recebem a Cristo como seu Salvador, acabam cedo ou tarde frequentando alguma comunidade cristã. E na frequência aos trabalhos de determinada Igreja, essas pessoas recebem ensinamentos a respeito do tempo do fim. O problema é que a maioria das comunidades religiosas estão contaminadas por uma escatologia pessimista em relação ao futuro. Nessa escatologia o crente aprende que haverá um futuro sombrio para a humanidade, pois virá um grande líder mundial que seria o Anticristo ou a Besta de Apocalipse 13, o qual lançará o mundo em uma terrível Grande Tribulação da qual nunca houve na história da humanidade.

Enquanto esse suposto Anticristo não chega, inúmeras especulações sem fim sobre sua identidade, conspirações mundiais vindas dos illuminatis e maçonaria e, atualmente, o chamado Grand Reset - que seria uma poderosa e centralizada tecnocracia global criada pela elite do Fórum de Davos - são incutidas nas mentes dos crentes.

Por outro lado, quando os cristãos através do ensino do Preterismo Parcial e do Pós-milenismo descobrem que sua escatologia pessimista está errada, tendo consciência de que não haverá um futuro Anticristo como líder mundial, e que as inúmeras conspirações envolvendo o Grand Reset são inimigos do Evangelho que passarão para que a Igreja avance, esses mesmos cristãos acabam carecendo de explicações sobre como interpretar o atual cenário mundial.

Por isto, nesta obra escrita com muito entendimento pelo irmão em Cristo, Raniere Menezes, temos uma direção segura baseada na Bíblia sobre como lidar com as conspirações mundiais que vez ou outra mexe com a cabeça dos cristãos. No caso aqui em questão, o autor fala sobre o Grand Reset e sua impossibilidade de ser implantado no mundo pelo fato de termos um Rei no Céu que não está omissa, mas Reina e dirige a história como lhe apraz, pois quando se trata de líderes mundiais, Sua palavra diz:

“O coração do rei é como canais de águas controlados pelo Senhor; ele os conduz para onde quer”.

(Provérbios 21:1)

César Francisco Raymundo, editor
da www.revistacrista.org

Onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

(2 Co 3.17)

Deus falou uma vez; duas vezes ouvi isto: que o poder pertence a Deus.

(Sl 62.11)

A desgraça dos homens com interesses amplos e generalizados é que enquanto desejam comandar tudo acabam não comandando nada.

Baltasar Gracián

Deus está em ação, fazendo de seus inimigos um estrado para os pés de Jesus. Quer seja Marx, Lênin, Stálin, Hitler, Mussolini, ou Mao; Deus está em ação, fazendo de seus inimigos um estrado para seus pés. Mesmo que prosperem por algum tempo, eles serão humilhados, a menos que se arrependam. Isto inclui todos os inimigos da cruz em nossos dias e, aparentemente, há milhões deles, como vemos em nossa cultura pop.

James Kennedy

O passado está repleto de cadáveres de estados e impérios falidos.

Peter Turchin

Introdução

Cristo foi enviado pelo Pai “para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a **curar os quebrantados** de coração, a proclamar **libertação aos cativos** e a pôr em **liberdade os algemados**” (Is 61.1).

A menos que estejamos enganados (...) o século 20 (...) irá testemunhar um gigantesco conflito de espíritos (...). Muito mais sério e feroz que nunca, o conflito é entre a antiga visão de mundo e a nova visão de mundo.

- Herman Bavinck, teólogo cristão, 1901. –

Vale ressaltar que estes problemas não são exclusivos do século 20, porém cada geração considera seus problemas maiores. O problema identificado é que geralmente a leitura que se realiza inserido num contexto histórico tende mais para uma análise micro histórica e não macro. É como colocar um jornalista para trabalhar apenas num hospital de emergência 24h, se ele permanece ali por seis meses poderá constatar que “o mundo está acabando” e todos morrerão por acidentes ou ataque cardíaco. É preciso ampliar o escopo.

Os conflitos entre cosmovisões existem desde Gênesis, sempre existiram, em todas as gerações, a cada século se espera uma subversão maior, porém Deus diz:

“Por que se amotinam as nações e os povos tramam em vão? Os reis da terra tomam posição e os governantes conspiram unidos

contra o Senhor e contra o seu ungido, e dizem: 'Façamos em pedaços as suas correntes, lancemos de nós as suas algemas!' Do seu trono nos céus o Senhor põe-se a rir e caçoa deles. Em sua ira os repreende e em seu furor os aterroriza, dizendo: 'Eu mesmo estabeleci o meu rei em Sião, no meu santo monte'. Proclamarei o decreto do Senhor: Ele me disse: 'Tu és meu filho; eu hoje te gerei. Pede-me, e te darei as nações como herança e os confins da terra como tua propriedade. Tu as quebrarás com vara de ferro e as despedaçarás como a um vaso de barro''.

Salmos 2:1-9

O Reino de Cristo é assaltado por inimigos por toda história, mas é protegido por sua própria mão e poder. Cristo não está em seu trono de modo ocioso, mas atuante, em ação. Não é um rei inerte. Nenhum Grand Reset (ou plano humano) irá parar o crescimento do Reino soberano de Cristo até os confins da terra. O orgulho dos governantes será quebrado. As disputas entre esquemas de poderes e de reinos no nível dos homens mortais são batalhas falidas, guerrear contra o Senhor dos Exércitos é loucura. Para Deus pouco importa se Rússia e China estão trabalhando em equipe, se a China tem tentáculos de poder na Europa, Oriente Médio, se EUA e Europa têm um plano de poder mundial. Não existe autoridade no mundo que não esteja debaixo dos decretos de Deus (Romanos 13.1; João 19.11). Os poderes humanos conspiram, possuem exércitos poderosos, mas seus planos ímpios são inúteis. Todo poder unido, nada pode contra Deus. E a confiança da Igreja está em Deus, Ele é nosso escudo e fortaleza. Só um tolo declara guerra contra Deus.

Os reinos mais poderosos do mundo foram e são sombras de um poder maior, majestoso e de fonte celestial. Todos os reinos temporais buscaram um raio glorioso do reino de Deus. Homens desejam serem deuses, mas seus reinos temporais não podem disputar contra um reino eterno, os reis da terra não podem competir com o rei da terra e céu.

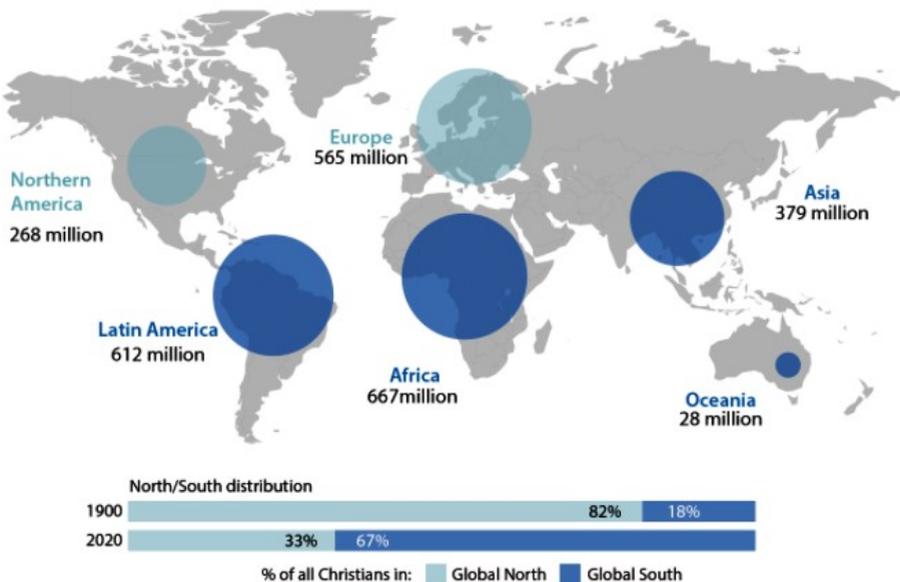
A ONU não tem uma cadeira de honra para Cristo, o Partido Comunista Chinês não tem uma cadeira de honra para Cristo, os califados não têm uma cadeira de honra para Cristo, porém Cristo é o Juíz (João 5.22) e tem a sentença justa na mão, todo poder anticristão, ímpio, traçoeiro, arrogante e blasfemo será condenado. Somente Cristo tem um reino indestrutível, ferro e fogo não destroem seu trono. Ele pode facilmente vencer qualquer força e exército. Mas por que Ele não acaba com toda injustiça na terra? Porque Ele é Deus e não recebe conselho de ninguém, Ele age no tempo dEle e apenas dEle. Quando seu domínio é perturbado por rebeliões não significa falta de capacidade de agir, mas sua ira é aplicada no seu tempo. Mas a Igreja passa por perseguição! Sim, enquanto Cristo não estende sua poderosa mão sobre seus inimigos seu povo pode passar por sofrimentos e tristezas, porém na provação seu povo se fortalece e toda perseguição tem um tempo próprio para cessar. Enquanto Estevão passava pelo martírio (Atos 7.54; 8.8) viu a glória de Deus, e Jesus em pé à direita de Deus. Jesus Cristo em pé, em ação, não livrou Estevão do martírio, porém a partir deste ato a Igreja se dispersou, espalhou-se por um grande raio de ação levando consigo a mensagem e o poder do evangelho para comunidades distantes, e também marcou com o sangue do martírio a vida do apóstolo Paulo, Saulo, algóz e testemunha da morte de Estevão, tornando-se o maior missionário transcultural da história. A missão é de Deus, o tempo é de Deus, o tempo do juízo é de Deus, Ele governa e nós confiamos. De Deus é O REINO, O PODER E A GLÓRIA ETERNAMENTE.

O poder dos inimigos da Igreja Primitiva, o antigo poder religioso dos judeus e o poder político-militar dos romanos ao tentarem esmagar a igreja nascente de Cristo agiram em extrema perversidade por um tempo, mas chegou o momento em que ambos receberam a vingança dAquele que está em pé, primeiro os judeus perderam sua cidade sagrada e seu templo santo, destruição total, desolação, matança, dispersão do povo e escravidão. O Império Romano no primeiro século d.C. derramou sua orgulhosa ira sobre aquela geração

que crucificou Cristo, e poucos séculos depois a glória dos césares se transformou em ruínas. Tudo no tempo de Deus. O Pai não deixou impune aquela geração (Mateus 24) que crucificou seu Filho. E não deixará impune quem persegue sua Igreja. Religiosos arrogantes, assassinos, achando que nunca teria fim seu orgulho, enchiam o peito e gritavam: “Paz e segurança”, achando que tamanho poder não teria fim. E de repente receberam uma destruição avassaladora. A Igreja deve confiar. Bem-aventurados são todos os que põem em Cristo sua confiança.

Todos os dias dezenas de cristãos no mundo todo são mortos por causa de sua fé, todos os dias dezenas de templos são atacados, todos os dias dezenas são presos, sequestrados e torturados. Este sofrimento acontece, é real, é atual e facilmente encontrado em relatórios missionários das perseguições. Mais de 300 milhões de cristãos vivem em áreas com níveis altos de perseguição, espalhados por todos os continentes. Aí das ditaduras comunistas! Aí dos perseguidores religiosos! Oremos pela Igreja perseguida na Coreia do Norte, China, Afeganistão, Somália, Líbia, Paquistão, Eritreia, Iêmen, Irã, Nigéria, Congo, Moçambique, Comores, Camarões, Etiópia, Mali, Cuba, Sri Lanka, Emirados Árabes, Turquia, Bangladesh e Índia (Relatório da missão Portas Abertas 2019-2020). Estimativas razoáveis registram aproximadamente de 3.000 a 5.000 martírios por ano e centenas de pessoas sequestradas, mas há quem contabilize 100 mil martírios anuais. Aos olhos humanos a Igreja perseguida está acabada, porém os cristãos perseguidos não se acovardam, sofrem, migram, realizam missões clandestinas, mas não negam a fé. A ira de Deus eliminará seus inimigos quando acreditarem que estão na metade de sua corrida, a destruição é repentina. Sabemos como os desprezadores de Deus costumam vangloriar-se na prosperidade e cometer grandes excessos, porém a Igreja continuará em expansão até que o Senhor retorne. A dimensão do cristianismo é global e ultrapassa 2 bilhões de cristãos.

Christians by continent, 2020



Source: World Christian Database

Cristãos por continente, 2020: América do Norte: 268 milhões; Europa: 565 milhões; Ásia: 379 milhões; América Latina: 612 milhões; África: 667 milhões; Oceania: 28 milhões.

Seja poder opressor político, religioso, étnico, violência urbana, ideologias, planos humanos, aos olhos humanos são poderes formidáveis, mas estão desafiando o Ungido de Deus, Cristo Jesus. A Igreja perseguida recua e avança, mas não pode negar o poder do evangelho. Cristo provou seu poder por meio dos milagres e por meio da pregação do evangelho, e seus discípulos hoje agem como embaixadores (equipados com armas espirituais para lançar para baixo tudo que se levanta contra Cristo [2Co 10.4]), no lugar de Cristo e autorizado por Ele (Mt 28.18). A expansão do evangelho continuará até sua volta gloriosa. O mundo não entende isso. O evangelho pregado a cada dia apresenta a majestade do seu reino e nenhum reino humano pode falar: “Assim na terra como no céu”. O

Pai não nega nada ao Filho, Deus diz: “PEDE-ME”. *Pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão.* (Salmos 2.8). A posse é do Filho. Os cristãos perseguidos devem perseverar e orar.

Cristo governa sobre o mundo inteiro. O mundo está em suas mãos por direito soberano, toda autoridade e majestade estão em suas mãos. Cristo não pode receber nada que aumente seu poder, ele tem TODO poder. - *...lhe foi dado um nome que é sobre todo nome, para que diante dele se dobre todo joelho...* (Fp 2.9). Cristo é o único que subjuga a si o mundo inteiro e mantém todas as terras e nações sob seu domínio. Olhe novamente para o mapa acima e se lembre que Cristo começou com 12 homens comuns. O Evangelho já foi traduzido para mais de 2500 idiomas.

A autoridade de Cristo foi dada para seus discípulos expandirem o evangelho por todo mundo, e neste momento a ordem está sendo cumprida e nada pode destruir sua autoridade e poder. Quanto mais insolentemente os ímpios agem, e quantos mais rejeitem sua soberania, não podem, por sua rebelião, destruir sua autoridade e poder. Cristo reina não somente sobre sua Igreja, mas sobre seus inimigos. -- *Com vara de ferro as quebrarás e as farás em pedaços como um vaso de oleiro.* (Sl 2). Cristo reina sobre aqueles que se opõem à sua autoridade e recusam obedecê-lo. Nem todos recebem voluntariamente seu jugo, muitos se manterão obstinados e rebeldes, não obstante, ele subjugará pela força e os compelirá a se submeter. Cristo, pelo sopro de sua boca destrói seus inimigos.

Cristo é um Pastor manso, bom, gentil, amoroso, doce, misericordioso, mas também o maior terror dos ímpios e dos demônios. Considere a bondade e a severidade de Deus. (Rm 11.22). Deus é amor e também justiça. Sua soberania para os cristãos é um consolo, mas para seus inimigos algo assustador, os demônios tremem. O bom pastor ama suas ovelhas, mas trata as bestas selvagens com severidade. No Salmo 110, o rei exaltado destrói reis e exércitos hostis e abate o obstinado com seu cetro de ferro. O cetro

na mão de Cristo despedaça inimigos. Os ímpios podem recusar ter Cristo como rei, mas o terão como juiz. Aos olhos humanos a China é uma rocha sólida passando por cima das nações como um rolo compressor, mas para Cristo é um vaso de argila.

Parte da Igreja está neste momento sofrendo perseguição e regimes tirânicos duram décadas, muitas vezes temos uma sensação de demora, e não vemos os inimigos de Cristo sendo despedaçados, a Igreja parece despedaçada debaixo de foices, martelos, espadas, fuzis dos ímpios, MAS considere os juízos de Deus executados todos os dias, a ira se manifesta do céu e anuncia o fim de todos os inimigos de Cristo, os quais no tempo de Deus será consumada no tempo e na eternidade. Exercitemos a paciência e confiança no rei, o orgulho dos inimigos de Deus não ficará impune. Como diz o Salmo primeiro: **O caminho do ímpio perecerá.** Oremos pela Igreja perseguida.

1

Não estamos perto do fim

Cada geração acha que é o fim e a história continua. A pandemia da peste negra no século 14 matou um terço da população, por vezes matando 60% de cidades inteiras. Imagine mais da metade da população de sua cidade morrendo! Os doentes enterravam os mortos e muitos acreditavam que aquele momento era de fato o fim do mundo. Se fosse hoje seriam mais de 2,5 bilhões de pessoas mortas. Na época, estima-se entre 75-200 milhões de mortes. A gripe Espanhola, entre 1918-1920, estimativas de mortes está entre 17-100 milhões. A gripe Espanhola veio logo em seguida a carnificina na Primeira Grande Guerra Mundial, com um saldo de mortos de 8 milhões. Hoje estamos fabricando vacinas em menos de 10 meses, o que antes levava 10 anos. Temos segurança alimentar e logística avançada, e mesmo assim para muitos estamos vivendo o fim do mundo. Sim, a pandemia do Covid-19 é real e ceifou até abril/2021, aproximadamente três milhões de vidas e não tem previsão para acabar (a estimativa científica no começo desta pandemia era de 30 milhões de mortos). O desafio de planejamento para o futuro é imenso e tudo acontece em meio a **incertezas**, porém os líderes mundiais de hoje possuem uma comunicação global capaz de saber em que direção todos nós estamos indo no curto prazo. Consequências de perdas de vidas e perdas econômicas desafiam diariamente as perspectivas do impacto global e podemos afirmar que a recessão global será duradoura, porém não asseverar o fim. Paremos de fazer exegese de jornal!

Felipe Sabino escreveu um artigo com o título “Ainda não é o fim!”, destaque aos dois primeiros parágrafos e conclusão:

“Não poucos cristãos ficam alarmados diante das tragédias dos nossos dias. Quer estejamos falando de catástrofes naturais, como o tsunami [PANDEMIA], ou de decadência moral, como a legalização do “casamento” homossexual, tais acontecimentos são vistos pelo povo de Deus como “sinais dos tempos”, como uma prova de que o fim do mundo está próximo. Tais cristãos, como diria o falecido Greg Bahnsen fazem exegese de jornal, em vez de exegese das Escrituras, a única fonte segura acerca do futuro da humanidade.

Não sabemos quando Jesus voltará. Tragédias como essas e outras bem piores já aconteceram ao longo da história da humanidade, e foram superadas, com a graça a Deus. O nazismo é um dos mais claros exemplos. Muitos achavam que Hitler era o próprio anticristo e que Jesus voltaria naquela geração. Pessoas que vaticinaram isso trouxeram vergonha ao nome de Deus, e ao seu Evangelho. Anunciaram uma mentira, em vez da verdade revelada por Deus nas Escrituras do Antigo e Novo Testamento”.

O pequeno artigo é finalizado com a seguinte exortação:

“Assim, em vez de alarmismo e previsões tolas acerca do fim do mundo, que só envergonham o Evangelho, precisamos ser confortados e encorajados com essa verdade.

Abandonemos a teologia “The Doors” em favor de uma postura bíblica diante dos acontecimentos ao nosso redor. Deus não nos deu uma sequência exata dos eventos que precederão o fim do mundo, mas nos deu a certeza de que ele está no controle de todas as coisas. Não fomos chamados a sermos videntes, mas a vivermos por fé, e não por vista (2 Coríntios 5.7)”.

Seja na política ou na economia ou na escatologia, as previsões são divergentes e pontos de vista pessimistas dominam algumas discussões, as perspectivas otimistas são pequenas. Visões pessimistas e otimistas sobre um mundo pós-Covid se confrontam e se misturam às percepções, interpretações e ilusões provocadas pelo volume de dados. A pandemia Covid-19 é um choque global pior do que a recessão econômica de 2008, pois a economia mundial esta cada vez mais interconectada e literalmente um espirro na China tem um efeito de um tsunami na economia, o desemprego atinge famílias e empresas mundialmente. Um verdadeiro teste social de resiliência para o mundo (e para a Igreja). Esta é uma daquelas horas da história que se faz necessário separar os meninos dos homens. Hora de reação e não de refúgio.

Esta é uma daquelas horas da história que se faz necessário separar os meninos dos homens

A confusão escatológica do século XXI é tão grande que muito se fala em “última geração” e “volta iminente do Senhor”, enquanto antigos cristãos projetavam a expansão do Reino para MILÊNIOS a frente, como neste comentário de David Chilton [Atitude de esperança e expectativa de vitória une todas as linhas escatológicas, isto é uma característica fundamental do Cristianismo]: No “Livro da Oração Comum” (data: 1549? 1662?) haviam tabelas para encontrar os Dias Santos até o ano 8400 d.C.[!!!!]. Muitos cristãos antigos não esperavam um arrebatamento iminente da Igreja. Cristãos! O Rei das nações está no comando! Tenham coragem e trabalhem pelo Reino soberano de Cristo! Escatologia é mais sobre a soberania do Cristo Rei e não sobre datas! Compreenda escatologia pela perspectiva da soberania de Cristo e não se prenda a calendários! Faça uma reforma escatológica individual de modo produtivo, proativo e positivo PARA O REINO! Se Deus colocou sua Igreja numa luta contra o mundo qual deve ser nossa reação? Aceitar a derrota antes de lutar? Olhe

para a história! Estudar um pouco de história trará uma grande libertação de negativismo! Examine mais as Escrituras, tenha fé! Um povo que conhece sua história e tem fé nunca será escravizado (nem por homens nem por doutrinas). Ter fé é um poderoso ato contra os sistemas mundanos!

Compreenda escatologia pela perspectiva da soberania de Cristo e não se prenda a calendários

Analisando a história por um contexto mais recente, desde os anos de 1960/70 que se alarma uma grande ameaça pagã da Nova Era, uma invasão vertical “bárbara” cultural, “Era Aquariana”, por décadas este era o assunto predominante. A igreja não ficou imune a esta influência mística, a cada década nos arraiais evangélicos, a produção de estudos, literatura e palestras neste tema “aquariano” multiplicaram-se exponencialmente. Nos anos 80/90 a bagagem do misticismo, sincretismo religioso e ensinos de batalhas espirituais trouxeram um cansativo glossário de novos termos que todo cristão “deveria” estudar. Lembro-me das revistas de estudos de algumas igrejas evangélicas no final dos anos 90, nas quais o estudante teria que conhecer “mil armas” do inimigo, quando na verdade a Igreja deveria conhecer somente as Escrituras, suficiente escudo contra qualquer ensino estranho. Ao invés de conhecer enciclopédias de heresias seria muito mais produtivo e edificante estudar as Escrituras, todo conselho de Deus e seu poder, e não perder tempo com todas as terminologias da Nova Era ou batalha espiritual.

A Escritura é suficiente! Hoje, as narrativas são outras, porém as armadilhas de pressões surgem em maior quantidade, em 30 anos as narrativas serão outras! Devemos pensar como Igreja e não como redação de jornal! A Igreja do Deus Vivo é coluna e fundamento da

verdade (Cf. 1 Timóteo 3.15). Temos um Reino em expansão e devemos avançar com a pregação e poder do Evangelho.

Hoje falar em esoterismo caiu no ridículo, mas quem estava vivendo dentro da bolha mística na época não falava noutra coisa. Como vivíamos poucas décadas atrás? Os homens são frutos de sua época, e alguns são pensadores à frente do seu tempo, a exemplo de um dos maiores pesquisadores brasileiros de política internacional e comunismo, Olavo de Carvalho, nos anos 80 seus estudos mais destacados pertenciam à astrologia, esoterismo e simbologias (não seria isto a ênfase que se dava a Era de Aquário?), o que lhe rendeu uma rotulação bizarra de “astrólogo”, mas nos anos 80 as rádios, jornais, programas de TV, novelas, revistas davam muita ênfase à astrologia.

E hoje? De 1994 para cá, Olavo deu uma guinada em seus estudos e no *time* certo descortinou toda uma bibliografia clássica, conservadora e política, e como um homem do seu tempo, apesar de polêmico tornou-se uma figura importante na história do pensamento público brasileiro. Expôs com precisão a metodologia que a Esquerda intelectual usa nas universidades e cultura, e ao mesmo tempo popularizou uma bibliografia liberal que o Brasil não conhecia, indicou dezenas e centenas de livros e autores para tradução, formou jovens para uma guerra cultural e contribuiu com a queda política da Esquerda. Fez sua contribuição não sendo um acadêmico, mas um autodidata, que torna seu legado marcante. O domínio cultural da Esquerda foi rachado de modo irremediável aos moldes do tempo o qual não havia nenhuma (ou pouca) resistência conservadora. Graças, em grande parte, ao poder de comunicação da Internet e redes sociais com Olavo, um mestre anticomunista.

A contribuição de Olavo para fraturar a espinha dorsal da Esquerda no Brasil não tem preço, porém toda sua construção narrativa de Nova Ordem Mundial tem deixado de levar em conta um elemento muito importante para entender nosso milênio: A

DESCENTRALIZAÇÃO dos sistemas por razões demográficas da população mundial na casa dos oito bilhões de habitantes, com a chegada de uma nova mídia com potencial transformador estrutural da civilização como foi a prensa e comunicação impressa, e finalmente o processo de descentralização da transformação digital, impulsionando mudanças disruptivas nos setores de comunicação, administração, educacional, político, consumo, economia, social, enfim, grande parte das esferas de nossa sociedade. A descentralização é a dispersão ou distribuição de funções e poderes; a delegação de poderes de uma autoridade central para autoridades regionais e locais, é uma arquitetura em redes que se comunicam a partir de comando-controle ou sem administração centralizada. A descentralização é a biodiversidade do mundo digital.

Uma Rede Descentralizada nada mais é do que uma rede onde as tarefas e os serviços não são centralizados. Ou seja, há a necessidade de centralização do gerenciamento. A própria Internet é um exemplo de rede descentralizada. O próprio poder da comunicação do Olavo de Carvalho é derivado da capacidade de descentralização da Internet, suas redes sociais têm milhões de inscritos. O mesmo poder da Big Tech que trabalha pelos interesses de organizações hipercapitalistas e globalistas, trabalha também a favor da influência de Olavo de Carvalho por causa do poder indomável dos sistemas descentralizados e distribuídos, apesar das tentativas de cancelamento da liberdade de expressão e do politicamente correto. A rede de comunicação do Trump era o Twitter, sem gastar nenhum dólar com outros canais de comunicação. O poder da Big Tech é maior do que o poder de estados e países. Cada vez menos há aquela dicotomia da guerra fria que basicamente os estados-nações se chocavam, temos no século XXI uma competição e/ou cooperação intralite, das elites que conduzem a macroeconomia mundial e seus membros pertencem aos interesses de seus grupos, não necessariamente representam um país. Este poder está acima do poder de uma nação.

EUA acusam a China de falta de transparência e que a origem do vírus da pandemia Covid-19 pode ter acontecido a partir de um laboratório chinês, e a China em reação diz que a pandemia de Covid-19 pode ter começado nos EUA. Isto é mais um capítulo de uma animosidade crescente entre o G2 e um balde de água fria nos planos do Grande Reset que depende exclusivamente de cooperação internacional. Como conciliar os interesses de poder do grupo europeu de Davos com o poder chinês e russo é algo que ainda entenderemos, é uma agenda oculta a qual temos vestígios e peças de um quebra-cabeça. É possível que a China tenha tentáculos de influência política sobre o congresso americano, o parlamento europeu, ONU, FMI, Fórum Mundial de Economia, Big Techs, empresas e países? A China apenas com dinheiro compra consciências pelo mundo? O mundo dará legitimidade para a China governar? Toda elite ocidental está a serviço da China? As fundações criadas por Bill Gates e George Soros estão em competição ou cooperação com os planos de domínio chinês? Até onde um homem pode dirigir o processo histórico, se ele não sabe nem se vai morrer neste momento? Alguns questionamentos válidos como estes e muitos outros indicam que a certeza de domínio global de governo único não é uma expectativa realizável. E o mais triste é ver cristãos fatalistas deificando homens e grupos de homens poderosos. Quem era o povo hebreu debaixo do poderio de Faraó e Nabucodonosor? Apenas Deus tem poder sobre o curso da história de modo que aquilo que Ele decreta se cumpre.

No entendimento secularista existem três poderes/forças históricas no mundo ou projetos de dominação [e esta esquematização deixa de considerar o maior poder existente para exercer o verdadeiro poder mundial, o Cristianismo]:

1. Uma **elite** (ou elites) de megabilionários ocidental; especialmente pertencentes ao grupo Bilderberg e outros concílios, instituições financeiras e comissões, como por

exemplo, o Fórum Mundial de Economia. Poder militar: OTAN.

2. O **projeto Eurasiano** (Rússia-China); especialmente elaborado por elites governamentais de inteligência militar e política. Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo (Rússia). A China desembarca parcerias em negócios globais com todos os esquemas de poder.
3. O **poder islâmico**. As lideranças religiosas e políticas muçulmanas. Projeto de um califado universal. – “O Islã tem a obrigação de obter poder sobre todas as nações”. (IbnKhaldun). Donos de impérios bilionários bancários, imobiliários e industriais.

Existe um questionamento lógico não considerado pelos defensores dessa cosmovisão tripartite de poder: O nível de **competição** entre os projetos permite **cooperação** para formar um governo único mundial? Qual o lobo alfa desses projetos de poder? Qual desses poderes pode se dar ao luxo de um desacoplamento comercial nos outros dois?

Apesar da incompatibilidade de projetos o pragmatismo político pode criar pontos de convergências, como por exemplo, alianças comerciais e políticas entre os três projetos. Os interesses desumanos militares, políticos, econômicos, religiosos desses projetos são conciliatórios? Os três projetos possuem rara convergência? Dos três esquemas de poder, qual é o mais flexível e variável com mais capacidade de influência e adaptação às mudanças em um sistema? Qual o mais adaptável dos três?

Existe um ponto cego nesta esquematização de poderes em não considerar o poder do Espírito Santo (o 4º esquema de poder seguindo esta apresentação) em expandir o evangelho até os confins da Terra com a conversão de bilhões de pessoas, uma influência

crescente e dominante da Fé Cristã em todos os assuntos humanos; o avanço do Reino de Cristo mediante a pregação da Palavra e das ações sobrenaturais do Espírito Santo. O que mais intriga os sistematizadores de esquemas de poder é que a Fé Cristã avança, especialmente hoje, sem a força da espada. - Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos. (Zacarias 4:6). - O poder mais incompreendido pelo mundo, o maior inimigo dos sistemas mundanos, o mais difamado, mais odiado pelos materialistas, globalistas e religiosos. Poder que nenhum poder secreto ou manifesto pode superar. Tão odiado que é deixado de fora nas análises sobre poderes expansionistas, quando citado é pouco enfatizado e muito subestimado. Enquanto as Escrituras demonstram que:

Os inimigos serão convertidos. Sl. 87.4.

A parábola da semente (Mt13:3-23) indica tremendo crescimento do reino (“trinta, sessenta, cem”).

A parábola do trigo e joio (Mt13:24-30, 36-43, 47-50) indica que o reino sempre incluirá uma mistura de justos e injustos, porém o campo é de trigo.

A parábola do tesouro escondido e da pérola de grande valor (Mt13:44-46) referência às bênçãos inumeráveis do reino.

As parábolas da semente de mostarda e do fermento (Mt13:31-33) descrevem o crescimento gradual e o domínio último do reino, a semente de mostarda indicando a extensão gradual do reino no mundo, e o fermento indicando sua infiltração intensiva.

O único Grande Reset que irá funcionar será um avivamento mundial pelo poder soberano de Cristo, assim como nos avivamentos, reavivamentos, reformas, restaurações e transformações de povos, nações e gerações. O poder de Deus é como um vento que sopra onde quer. Europa e EUA têm um caminho seguro para

retornar, à Fé em Cristo, desde que abandone o secularismo, antes que o islamismo modifique todo desenho geográfico religioso da Europa. Por mais de mil anos a Europa cristã segurou o portão da cristandade mundial contra os inimigos da Fé, agora totalmente infiltrada pelo secularismo e islamismo. A herança cristã da Europa está excluída da constituição da UE. A árvore tombou, mas as raízes permanecem como uma semente encapsulada.

Para a apostasia da Europa e EUA existe uma saída, apenas redescobrir suas raízes e retornar aos pés da cruz. Os antigos missionários saíam da Europa e EUA para o mundo, hoje os missionários da América Latina e África estão reevangelizando os antigos colonizadores. Somente Deus pode trazer à memória dos povos do hemisfério Norte o quanto o ateísmo trouxe de destruição para o mundo (nazismo, fascismo e comunismo). Há esperança para abandonar a apostasia, através da pregação da Palavra e das ações sobrenaturais do Espírito Santo que levem ao arrependimento e avivamentos. Deus é soberano sobre todas as coisas e predeterminou todas as coisas, devemos confiar no seu poder e nas suas promessas, longe disto estaremos distante da verdade.

Ficaremos exaustos se tentarmos estudar todas as artimanhas da oposição que se levantam contra Cristo, é possível, sim, ter uma ideia geral dos principais cenários e usar mais nosso tempo, energia, foco, recursos, talentos em rivalizar contra os sistemas anticristãos, realizando mais evangelização e missões. A Fé Cristã é simples e pode ser praticada pelas pessoas mais simples. A simplicidade da salvação e a suficiência da fé nos faz viver uma vida libertadora e abençoada. A mensagem da cruz é a revelação da sabedoria e do poder de Deus, todos os sistemas mundanos têm perspectivas falsas, portanto não se sobrecarregue com especulações. Não conseguimos entender todos os movimentos da humanidade, somos limitados, isto só conduz aos paradoxos e incompreensões. Tenhamos prudência, oremos por sabedoria para desacelerar perante toda enxurrada de ciências e filosofias, pois as falácias e os absurdos tomarão o tempo produtivo

para o Reino. Temos uma fonte inesgotável de sabedoria nas Escrituras.

Surpreendentemente, muitos cristãos em 2021 sentem a pressão imperativa de aprendizagem de uma suposta “nova ordem mundial” e apenas poucos iniciados, iluminados, conhecem os segredos herméticos dos planos de uma elite bilionária mundial que esquematiza escravizar metade do mundo e destruir outra metade. E você, pobre mortal, se sente “obrigado” a conhecer como funciona o intestino do grande Leviatã do século XXI e participar dos gases expelidos pelos supostos iluminados. Se você não conhece nem nunca ouviu falar no Clube de Bilderberg, Grand Reset, Nova Ordem Mundial, Black Rock Inc e VanguardGroup, você não entende nada do que está acontecendo! Dizem. Você não conhece os planos da *Big Tech*, *Big Farm*, *Big Media*, os gigantes da tecnologia, da indústria farmacêutica e da grande mídia, George Soros, Bill Gates, Globalismo (além do marxismo cultural), os senhores do mundo, os donos dos trusts e holdings?!? Absurdo! Eles que determinam o futuro do mundo, da cultura, da política, da economia, enfim, são os reptilianos dominadores e você simplesmente ignora isso! Mas e quanto a Era de Aquário, temos que estudar também?

Ficou confuso? Fique somente com as Escrituras, porque não existe nada de novo sob o sol. -- *Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus.* (Mateus 22.29). – Mas ficaremos alienados? Iremos ignorar os acontecimentos contemporâneos? Não seremos pegos de surpresa? Não é isto! Trata-se apenas de ajustar a abordagem correta como cristãos. Ao invés de estudar exaustivamente todos os sistemas antibíblicos, devemos focar mais na compreensão da estrutura da revelação de Deus. Podemos conhecer (com prudência) os ensinamentos atuais para que possamos exortar, aconselhar, orientar incautos e imaturos na fé cristã, mas devemos investir mais nossos recursos e talentos (tempo, dinheiro e energia) em permanecer firmes e fundamentados na fé, como está em Colossenses 1.23, alicerçados e firmes, o primeiro dever do cristão.

Recebamos as promessas de Deus com confiança, Ele mesmo nos aperfeiçoa, firma, fortifica e fundamenta. Ele nos dá poder para enfrentar demônios, sistemas e pecados. Quem não se firma na doutrina de Cristo é considerado folhas ao vento, como espuma das ondas do mar, como estrelas errantes. Quem são estas pessoas que não se firmam nem se fundamentam na fé? São pessoas comparadas a barcos sem velas, que as ondas levam de um lado para o outro. Contextualizando para os nossos dias, são pessoas que enfatizam mais as artimanhas dos homens contra Deus, e ao fazerem isto cometem atitudes de heresias destruidoras. Thomas Watson tem uma frase que diz que uma pessoa pode ir para o inferno tanto por heresia, quanto por adultério e por não ser firme na fé. Cipriano tem uma frase que diz: “O trigo que não é ajuntado, o vento sopra como palha”. Portanto, tais pessoas são comparadas às crianças, Efésios 4.14 - ...para que não mais sejamos como meninos agitados de um lado para o outro. – Como podemos ser firmes na doutrina? Parando de ser criança na fé.

Antes de avançarmos é importante que se diga que este livro não nega a possibilidade de conspirações de sociedades secretas (semi-secretas, ocultas ou discretas) que tenham intenções de expandir poderes e controles sobre as massas, que haja cooperação entre poderosos, que estejam no poder dos governos mundiais e até desejem e trabalhem por uma agenda de uma Nova Ordem Mundial, mas à luz da Palavra de Deus, a inimizade humana contra o Criador sempre trabalhou pela tentativa de destronamento de Deus. Os planos de Deus, seus decretos, sua soberania, sua ação na história são obstáculos intransponíveis para toda criatura. A revolta do coração, seja de um faraó, de um Nero, Hitler, Stalin, Nietzsche ou satanistas e de qualquer ícone do mal, nada mais é do que rebelião contra o Criador. - do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicções, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. -- Marcos 7.21,22. Como escreveu Lloyd Jones:

“Não poderemos entender a grandeza do poder da salvação de Deus enquanto não compreendermos que, por natureza, o homem está espiritualmente morto. Além disso, temos que captar o fato de que ele é governado por este mundo e pela mente deste mundo, que é governado pelo princípio do mal que está operando neste mundo e que, por sua vez, é governado pelo “príncipe das potestades do ar”, aquele grande chefe, o diabo, satanás, o deus deste mundo, que exerce controle sobre todos os poderes e forças que dirigem e governam os homens e determinam o tipo de vida que o homem leva neste mundo. Esse é o estado, a condição”.¹

Na antropologia bíblica, a natureza humana sem Cristo está escravizada, morta, endurecida, corrompida, conduzida pelos desejos perversos do mundo, da carne e do inimigo. Portanto, sob esta perspectiva revelacional o que esperar dos sistemas mundanos? A fé como uma estrutura de conhecimento destrói toda fortaleza e anula sofismas.

“Embora vivamos como homens, não lutamos segundo os padrões humanos. As armas com as quais lutamos não são humanas; ao contrário, são poderosas em Deus para destruir fortalezas. Destruímos argumentos e toda pretensão que se levanta contra o conhecimento de Deus e levamos cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo”.

2 Coríntios 10.3-5

“Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”.

Colossenses 2.3

A agenda da Igreja está fundamentada numa Rocha eterna, CRISTO, enquanto a agenda do mundo nunca se cumpre plenamente. Os homens fazem planos, mas quem determina o

¹ http://www.monergismo.com/textos/pecado_original/pecado_lloyd.htm

resultado é Deus. O homem coleciona monumentos do seu fracasso e orgulho. Um dos homens mais poderosos da história foi o imperador mongol do século XVII ShanJahan, teve o mundo aos seus pés, mas não impediu a morte da pessoa que mais amava, sua esposa AryumandBanuBegam, a qual ele trocaria todo seu império por sua vida, algo fora do seu controle. Restou apenas honrar sua memória numa construção que levou 20 anos, o imponente Taj Mahal, um monumento à morte, assim como as pirâmides no Egito. O homem é uma partícula audaciosa neste universo do Criador. A rebelião dos reis-deuses não atinge em nada a soberania de Deus.

A humanidade tem memória curta (graças a Deus pelas bibliotecas!). Quantos impérios já se ergueram com os piores déspotas e hoje não existem mais? - *A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda.* (Pv 16.18). – Só há um túmulo de um rei que não foi saqueado por ladrões, o sepulcro de Cristo. Toda soberba dos faraós, os homens mais poderosos da terra, se transformou em tumbas reais saqueadas. A Igreja de Cristo não deve temer nenhum Ninrode, Nabucodonosor, faraós, imperadores e ditadores. Saddam Hussein, em 1986, no auge do seu poder tentou reconstruir os prédios das ruínas da Babilônia, e registrou seu nome nos tijolos: “De Nabucodonosor a Saddam Hussein”. O final de Saddam todos já sabem, foi capturado como um rato pulguento no esgoto, literalmente, e levado a julgamento e morte por enforcamento. Hoje os palácios de Saddam estão em ruínas e servem apenas para jovens fumantes de narguilé. O controle de Deus, seu domínio absoluto sobre tudo é invencível, como escreveu Michael S. Heiser:

É um fato científico: os continentes do mundo se afastam um do outro a cada ano. Mas não se detecta a progressão da “deriva continental” através dos sentidos humanos. Nós só sabemos que ela ocorre por causa das observações feitas após o ocorrido. O mesmo se aplica ao avanço firme e incessante do reino de Deus. Não podemos perceber a olho nu o quanto, a cada dia, o domínio dos deuses e dos poderes das traves encolhe, nem o quanto o evangelho libera, um por

um, aqueles que estão subjugados a tal domínio. Mas é uma certeza indiscernível.

A Igreja precisa ter uma visão macro da história e reconhecer que Cristo é o Senhor da história. Uma das elites mais poderosas da história foi a romana, os nobres de sangue e de terras, do Grande ao Pequeno Augusto, esta elite cometeu todo tipo de atrocidade, Calígula, Nero, Diocleciano praticaram cruéis perseguições contra não romanos que não reconhecessem o senhorio romano. Não havia direitos humanos internacionais para contestar sua ação, porém violência gera mais violência. A Roma Antiga foi um lugar perigoso para ser Imperador, cerca de 20% dos imperadores foram assassinados quando estavam no poder. A expectativa de vida de um imperador romano era curta: 43 de 69 imperadores romanos (62%) morreram violentamente, por assassinato, suicídio ou em batalha. Um império que durou 500 anos, mas não existe mais. A vida é como um vapor, que aparece um pouco e desvanece. (Cf. Tiago 4.14). *Na verdade, todo homem anda numa vã aparência; na verdade, em vão se inquietam; amontoam riquezas, e não sabem quem as levará.* - Salmos 39:6 – O maior tirano existe como um sopro. - *O Altíssimo domina sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer.* Daniel 4.32. - Os poderosos andam como fantasmas, amontoam riquezas e não sabem de quem será, toda vaidade termina em nada. Na poesia de William Shakespeare, em Macbeth:

Apaga-te, vela fugaz! (breve vela!)
A vida não é senão uma caminhada
Sombria (uma sombra que anda),
um pobre ator
Que se pavoneia e gasta (se agita) a sua hora
No cenário (durante sua hora no palco)
E logo ninguém mais o ouve;
Vem a ser um conto
Narrado por um idiota,
Cheio de ruído e fúria,

Que não significa nada.

Porque toda a carne é como a erva, e toda a glória do homem como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor (1 Pedro 1.24). Esta sabedoria faz parte da cosmovisão cristã e nos é dada para fortalecimento da nossa fé, reconhecendo que somente a Palavra do Senhor permanece para sempre. Compreender a estrutura da Revelação de Deus é mais importante do que conhecer todos os sistemas anticristãos. Imagine um mar de papéis com TODOS os escritos de conhecimentos humanos do passado, presente e futuro, e alguém ter que atravessar a nado, este é o esforço humano, uma luta exaustiva e inglória, porém a mensagem de Cristo, a declaração da verdade, desafia toda tradição religiosa não bíblica, tradições culturais e humanas, e voa como uma águia sobre o mar. O coração do rei é como uma corrente de água na mão de Deus, e Ele inclina para onde quer. (Pv 21.1).

Todos os projetos de poder da história inventados por mentes anticristãs coexistem contra o Reino de Cristo, e por mais que haja cooperação não podem competir com o Rei. Cristo esmaga. Motins, confrontos, rebeliões se levaram e a extensão da soberania de Deus avança. O governo ou domínio soberano de Deus é universal, absoluto e imutável. Seu reino domina sobre tudo (cf. Sl 103.19). - o Altíssimo tem domínio sobre os reinos dos homens (Dn 4.17). Gordon Lyons resume bem sobre a soberania absoluta de Deus como uma cápsula concentrada de poder, quando diz:

“A soberania de Deus é absoluta. Sua autoridade é perfeita em sua administração; ela é exercida a partir da sabedoria infinita de Deus, e é suprema na extensão de seu poder, glória e domínio. Nenhum limite pode, e nem será, posto no lugar da autoridade, poder ou controle soberano de Deus. No avanço de Seus propósitos e planos eternos, o SENHOR age como Lhe agrada com os habitantes dos céus e entre os moradores da terra. Nada em toda a criação é capaz de resistir à vontade de Deus, ou frustrar os

Seus propósitos seja por meio de homens, super-homens, anjos, espíritos caídos ou maus, ou qualquer outra coisa”.²

No mesmo contexto em Colossenses capítulo primeiro no qual o apóstolo exorta a firmeza na fé, para que não sejamos como crianças, a resposta está inserida, Deus deu a igreja apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres PARA firmar os cristãos na fé, para aperfeiçoar, para tornar mais frutífero, para a edificação da igreja. A Palavra de Deus é chamada de martelo e espada. A Igreja não pode paralisar por causa de dias maus, não pode parar seu avanço, seu serviço, suas preces, seu poder de transformação através da Palavra, nossas armas são espirituais, oramos por justiça, praticamos o bem, independentemente das circunstâncias. A Igreja deve expandir mesmo debaixo dos tiranos e temos promessas de vitórias. Abandone toda escatologia que prega a derrota da Igreja na história e no tempo! A soberania absoluta de Deus é a essência, o conteúdo e o fundamento da esperança vitoriosa na história e eternidade.

“O justo jamais será abalado; para sempre se lembrarão dele.

Não temerá más notícias; seu coração está firme, confiante no Senhor.

O seu coração está seguro e nada temerá. No final, verá a derrota dos seus adversários”.

Salmos 112:6-8

Há um povo no mundo que teme e serve ao Senhor. É um povo que não deve temer o vale da sombra da morte e nas horas mais sombrias de provação o Espírito Santo ilumina com paz, segurança e esperança. Nosso Deus é socorro bem presente, não cochila nem dorme. A Igreja deve ter sempre um espírito estável e não afundar em ansiedades como fazem os pagãos. Na prática significa focar menos nas agitações humanas e fixar o coração em Deus, e nesta referência correta, tão-somente neste foco manteremos o coração calmo e

²http://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/lyons_extensao_soberania.htm

imperturbável em qualquer circunstância. Confia no Senhor! Aí está a rocha para a Igreja se firmar! Fortaleza e paciência! A Igreja não pode ter medo de más notícias! Nada! Nenhuma! Nem de perdas, destruições, desastres, fome, guerras, tiranos enfim. Assim como o apóstolo Paulo não teve medo das más notícias de um naufrágio, e em meio a uma profecia de desastre recebeu promessas de bênçãos. - *...tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio.* (Atos 27.22).

“Ainda que um exército se acampe contra mim, meu coração não temerá; ainda que se declare guerra contra mim, mesmo assim estarei confiante”.

Salmos 27:3

“Por isso não temeremos, embora a terra trema e os montes afundem no coração do mar...”.

Salmos 46:2

“Mas eu, quando estiver com medo, confiarei em ti. Em Deus, cuja palavra eu louvo, em Deus eu confio, e não temerei. Que poderá fazer-me o simples mortal?”

Salmos 56:3,4

“Podemos, pois, dizer com confiança: “O Senhor é o meu ajudador, não temerei. O que me podem fazer os homens?”

Hebreus 13:6

“Quem me ouvir viverá em segurança e estará tranquilo, sem temer nenhum mal”.

Provérbios 1:33

“Meu coração está firme, ó Deus, meu coração está firme; cantarei ao som de instrumentos!”

Salmos 57:7

“Deus é o nosso refúgio e a nossa fortaleza, auxílio sempre presente na adversidade”.

Confia no Senhor, Igreja, lança sua preocupação aos cuidados de Deus, confia com segurança em suas promessas e providência!

O povo de Deus não tem motivos para temer más notícias, sejam temporais ou eternas, nem calamidades, guerras, convulsões, revoluções ou da maldição da lei, do juízo eterno e inferno. Cristo redimiu sua igreja de toda maldição e condenação. Não temeremos quando os mortos ressuscitarem! Não temeremos quando o tribunal final chegar. A Igreja pode cantar o hino que diz:

Se nos quisessem devorar
Demônios não contados
Não nos podiam assustar
Nem somos derrotados
O grande acusador
Dos servos do Senhor
Já condenado está
Vencido cairá
Por uma só palavra

O coração do cristão deve estar firme em Deus, enraizado e fundamentado nele. E nada pode separar o escolhido de Deus do seu amor. O coração do crente deve estar preparado para servir ao Senhor, confiante em sua proteção e salvação, em verdade e liberdade. O mundo pode passar por fases ruins, porém a aliança e a graça de Deus nunca abandonam seus filhos. O Senhor nos dará forças e nos capacitará a cumprir nosso dever, confiando em sua Palavra. A Igreja deve orar por avivamentos e reavivamentos, e não ficar acuada, medrosa, tímida clamando por um “botão de fuga” que possa ejetar (arrebatamento) a Igreja deste mundo.

Creia nas promessas do Senhor que diz que a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar! (Cf. Isaías

11.9). “Todos os limites da terra se lembrarão, e se converterão ao SENHOR; e todas as famílias das nações adorarão perante a tua face” (Sl 22.27). “Todas as nações que fizeste virão e se prostrarão perante a tua face, Senhor, e glorificarão o teu nome” (Sl 86.9). “Ele anunciará paz aos gentios; e o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da terra” (Zc 9.10). Esta é a sã escatologia, com base no poder do REINO e não em datas e exegeses de jornais!

Jack Van Deventer, em seu artigo: *Reavivamento Inevitável*, resumiu da seguinte forma:

“Tendo recebido toda autoridade no céu e na Terra, Cristo ordenou que todas as nações fossem feitas Seus discípulos por meio da pregação do evangelho (Mt. 28:18,19). A expansão do reino de Cristo é um ato redentor progressivo, como uma pequena semente de mostarda que cresce e cresce até ser uma grande árvore (Lucas 13:19), e como o fermento que permeia toda a massa (Lucas 13:21). O sucesso no evangelismo do mundo continuará até o fim da história, “porque convém que [Ele] reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés” (1Co. 15:25). Dado o domínio de Cristo (1Pe. 4:11) sobre o mundo como Sua justa herança (Sl. 2:8), é inevitável que o reavivamento ocorrerá”.

Reinos se levantam e caem, e o Cristianismo sempre se expande. Historicamente na expansão do Reino há oscilações, bifurcações e fragmentações (altos e baixos), o Evangelho acompanha lado a lado a macro história. É como aquela palavra do profeta Daniel ao explicar o sonho do rei babilônico, há uma pedra que rola e destrói uma estátua gigante, e a pedra gira, destrói e cresce. A estátua representa os maiores reinos que o mundo já testemunhou e todos viraram pó, enquanto o Reino de Cristo avança. O último poderoso império na linha do tempo de 2000 anos para cá foi o Romano. Após a fragmentação deste império, todos os outros foram e são reflexos deste poderio. Todas as tentativas de poder unificador e centralizador

sejam europeu, muçulmano, asiático, sejam monarquias ou revoluções, foram reflexos de um espelho quebrado em mil pedaços dos grandes impérios.

O que é a China comparada ao poderio romano? Por mais armas, exército e superioridade econômica que tenha, ela simplesmente não pode ultrapassar suas fronteiras e conquistar novos territórios geográficos sem provocar uma guerra autodestruidora. Daí, hoje se fala em guerras de quarta e quinta gerações, assimétricas, cibernéticas, competições tecnológicas, espaciais etc, porém invadir militarmente uma ilha vizinha, como Taiwan se torna um grande obstáculo geopolítico. A complexidade da configuração dos países atualmente torna obsoleta a guerra convencional. A escala dos problemas demográficos no século 21 é bem diferente dos séculos anteriores. A China hoje precisa de aproximadamente 4 bilhões de pratos de comida por dia, três refeições por dia para 1,3 bilhões de chineses. Nesta escala o mundo necessita de mais de 20 bilhões de refeições diariamente. Uma ameaça militar em grande proporção, mundial, simplesmente aumentaria os níveis de insegurança alimentar e seria o colapsos do mundo como conhecemos hoje. Os países estão altamente interconectados, interdependentes e descentralizados, com exceções de países fechados de modo cultural ou econômico.

E hoje vivemos mais do que nunca as consequências de toda essa entropia e fragmentação que vem acontecendo na história. Estamos inseridos num tempo de maior fragmentação, descentralização, volatilidade e incertezas, como nunca antes. Este é o século 21. O que a Igreja “perde” em unidade ganha em mobilidade. Em 2020 e começo de 2021, muitas igrejas têm demonstrado sua capacidade de flexibilização ao usarem intensamente discipulados online e reorganizando igrejas nos lares, em pequenos grupos. Pelo histórico da Igreja, nenhuma circunstância adversa pode paralisar sua vida. O Estado pode fechar suas fronteiras para os missionários estrangeiros, porém as boas novas serão entregues por missionários nativos, o Estado pode ordenar fechamento de templos, entretanto a Igreja

pode se reunir em células e usar os recursos disponíveis (cursos, lives, entrevistas, pregações, livros, artigos etc), o poder do Estado pode restringir a comunicação livre socialmente de modo local, porém a difusão da informação clandestina segue suas redes.

2

Cooperação vs discórdia

Até aqui vimos que o reino de Cristo tem domínios a expandir e que os esquemas de poderes anticristãos gradualmente serão enfraquecidos com o crescimento do povo de Deus. Os projetos mundanos de poder contra Cristo têm um ponto fraco em especial, a falta de cooperação entre projetos e uma competição ambiciosa. Cada vez mais os sistemas humanos estão adentrando em fases desintegrativas. Um assunto chave para entender se é possível um império/estado dominar o mundo (e todos os povos), hoje, é observar o nível de cooperação social e unidade que a potência candidata a ser dominante possui. Esta é a tese do antropólogo russo-americano, Peter Turchin, analista das dinâmicas das sociedades. Turchin afirma que o mundo atual está menos cooperativo, a densidade de laços associativos e alto grau de capital social estão em declínio. Esta desintegração da capacidade de cooperação acontece especialmente após a Segunda Grande Guerra. Este é um ponto muito importante a ser considerado, a desintegração da cooperação.

As sociedades ocidentais no século 20, em grande parte foram caracterizadas por laços associativos e capital social; associações voluntárias; uma maior cooperação na solução dos problemas que exigiam uma ação coletiva combinada. Essa capacidade de cooperação aparentemente durou até a era pós-Segunda Guerra Mundial, mas vários indicadores sugerem que, durante as últimas 3-4 décadas, ela se desintegrou.

Robert Putnam (link abaixo³) aponta para indicadores como a taxa de participação em organizações voluntárias (lojas maçônicas, associações de pais e professores, clubes esportivos e ligas de boliche). Quantos clubes foram fechados em sua cidade? Há um declínio nessas organizações e instituições. Até 1960 a taxa média de filiação só aumentava e durante os anos 1970 essa tendência se inverteu. A participação tem diminuído desde então.

Outro indicador é o nível de confiança generalizada, incluindo confiança em instituições como o Estado. As pessoas hoje confiam menos em instituições, esta é uma característica do nosso tempo. Menos confiança significa menos cooperação social. Assim como outro fator importante relacionado à cooperação social, é o grau de desigualdade econômica. Tanto as teorias gerais da evolução social quanto os estudos empíricos sugerem que a desigualdade é corrosiva para a cooperação. Como Emmanuel Saez, Thomas Piketty e colegas de trabalho do Peter Turchin demonstraram. A desconfiança e desigualdade são corrosivas para a cooperação. Em contrapartida, as denominações cristãs se desenvolvem em todos os níveis de redes sociais de sistemas de governos, desde episcopais até os independentes. A flexibilidade de adaptação dos sistemas de governos eclesiásticos permite adentrar em todas as camadas do tecido social. A igreja também trabalha em múltiplos níveis de visibilidade, das praças públicas à clandestinidade. Em muitos locais em que o Estado não entra a igreja está atuante, como em regiões violentas e de difícil acesso.

Fases integrativas e desintegrativas

O que se move na direção contrária a desconfiança e desigualdade? O que pode trazer altos níveis de cooperação social para uma

³ <http://peterturchin.com/cliodynamica/strange-disappearance/>

comunidade? Só há uma resposta: O bem-estar geral. Estudiosos sociais dividem as fases históricas de nações, povos, reinos em “fases integrativas” e “fases desintegrativas” ou em “tempos de paz e prosperidade”, e tempos de “guerras e misérias”. Durante as fases desintegrativas, a desigualdade é alta, enquanto o bem-estar e a cooperação são baixos. Durante as fases integrativas, a desigualdade é baixa, enquanto o bem-estar e a cooperação são altos. Esta associação antagonica produz um padrão característico de 'dupla hélice', este é um modelo “matemático”, empiricamente testável pelo trabalho do Peter Turchin. Esta é uma das fórmulas mais básicas na sociologia para entender como os impérios entram em colapso. Não é por acaso que o projeto de poder de Davos, o Grande Reset tem o slogan “bem-estar”, “igualdade”, “cooperação”, mas na prática a elite palestrante busca seus próprios interesses de mais poder e mais lucro. “Os gatos gordos do cume da neve de Davos” pousam com seus jatinhos e deslizam em seus esquis nos resorts mais caros do mundo e dizem para as câmeras que estão trabalhando por um mundo melhor, mais justo, mais igual, com mais bem-estar, com mais cooperação, com mais inclusão e outras mentiras. E quando a elite do Partido Comunista Chinês diz ao mundo que construirá o mundo mais justo, mais igual, com mais bem-estar (ao mesmo tempo em que constrói campos de concentração para as minorias dentro da China), o que o projeto de poder do Putin e dos príncipes do deserto acham desses discursos? Se já é difícil para o Grande Reset pastorear gatos europeu, muito mais asiáticos.

O que podemos extrair para uma melhor compreensão do nosso tempo? Construir sociedades pacíficas, prósperas e justas são difíceis de realizar e manter porque dependem de cooperação de muitas pessoas. Hoje somos 8 bilhões de pessoas em sociedades complexas que exigem 24 bilhões de refeições por dia! Certamente há indivíduos que são mais nobres e justos, mas sociedades não podem ser feitas por indivíduos, não importa os quão bem intencionados eles sejam. A única maneira que todos nós podemos eliminar a injustiça e a pobreza é trabalhando juntos, ou seja: cooperação. Neste aspecto a

Igreja tem história, experiência e diretrizes das Escrituras para agir em cooperação, enquanto outros sistemas de cooperação não são essencialmente voluntários. Com base no que examinamos até aqui, podemos asseverar que a Europa está numa fase desintegrativa, no entanto, pela providência e soberania de Deus o declínio cristão da Europa tem sido superado pelo crescimento do cristianismo na América Latina e África. Se no passado houve um movimento missionário cristão do Norte para o Sul, agora está acontecendo o refluxo, do hemisfério Sul para o Norte, com a rede missionária mais conectada, mais equipada.

O professor Todd Johnson, do Centro de Estudos do Cristianismo Global da Universidade Gordon-Conwell calcula que havia no mundo cerca de 400 mil missionários cristãos em 2010, saídos de 230 países. Desses, 34 mil eram brasileiros - quantidade inferior apenas à dos evangelizadores norte-americanos, que somavam 127 mil. O número de brasileiros é inédito, explica Johnson à BBC Brasil. Representa um aumento de 70% em relação aos anos 2000 (quando o país tinha cerca de 20 mil missionários no exterior) e tende a crescer. “A quantidade de missionários enviados pelo Sul global supera o declínio (do cristianismo) na Europa”, diz o estudioso. No caso da América Latina e do Brasil, isso se justifica por um senso maior de responsabilidade pelo mundo exterior, por suas conexões de idioma com a África e por um desejo de evangelização. Johnson explica que o estudo inclui todos os grupos cristãos, de católicos romanos a protestantes, pentecostais e igrejas independentes. Ele ressalta que o número é uma estimativa aproximada, já que muitos dos missionários não estão ligados a grandes congregações, e sim a pequenos grupos autônomos e difusos. A força de multiplicação dos pequenos grupos de forma descentralizada e distribuída é uma força imparável⁴.

⁴ <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/03/brasil-cresce-como-exportador-de-missionarios-cristaos-diz-estudo.html>

A Europa secularizada e em fase desintegrativa quanto ao cristianismo tem se esforçado em iniciativas de cooperação social internacional através da EU (União Europeia) e ONU (Organização das Nações Unidas) criada para promover cooperação internacional dos países do mundo (193 são membros da ONU). As maiores conquistas da ONU incluem lidar com a fome e aumentar a segurança alimentar, auxiliar refugiados, proteger crianças, promover direitos diversos, combater epidemias como HIV e AIDS, realizar operações de manutenção da paz pela ONU. A ONU opera em parcerias às instituições e agências, como por exemplo OMS (Organização Mundial de Saúde), agência subordinada a ONU e cooperação militar com a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Basicamente, este é o maior esforço de cooperação humanista e secularizado pós-guerra (é importante lembrar que o Fórum Econômico Mundial/Grande Reset é uma organização europeia e diz ser imparcial, não estando ligada a qualquer interesse político, partidário e nacional, e tem o “compromisso” com a melhoria global). O orçamento anual da ONU gira em torno de 40 bilhões. Os países membros da OTAN investem 1 trilhão em defesa militar. É uma cooperação cara, o preço da cooperação entre diferentes países e persuasões políticas. Uma cooperação difícil de alcançar e, uma vez alcançada, difícil de preservar. No governo dos EUA com o Trump (2016-2020), houve discórdia sobre cortes de financiamentos à ONU, OTAN e à OMS, alegações dos EUA quanto aos gastos com estas instituições justificariam a saída (o atual governo Biden retomou todo financiamento). Tratou-se de uma ameaça desintegrativa temporária (o posicionamento do Trump) que demonstrou a fragilidade de cooperação entre esta elite europeia/americana.

Todos os esquemas mundiais de poder tem algo em comum, o alto investimento financeiro e o esforço colossal para manter a mínima cooperação internacional. A China investe bilhões dólares em infraestruturas em todos continentes, em sua Nova Rota da Seda, em contratos agressivos comercialmente, com acordos e garantias que

tem potencial de interferências em soberanias nacionais. Não investe só em infraestruturas, mas em lobby, propinas e corrupção para que mais países fechem acordos com a potência econômica mundial. A China tem necessidades de recursos externos, especialmente produtos agrícolas, alumínio, carvão e petróleo; ela depende de parceiros econômicos como Rússia, Austrália, EUA, Canadá, Brasil e outros. Enquanto regiões as quais a China tem menos dependência, como África, Oriente Médio e Sudeste Asiático, ela investe no fornecimento de infraestrutura (estradas, ferrovias, canais, portos e aeroportos) e aguarda o retorno de recursos (minérios e alimentos) dos empréstimos. E se por vários motivos os países que receberam investimentos não pagarem a China, ela simplesmente reivindica poder sobre a obra e os construtores chineses financiados por bancos chineses assumem a obra como propriedade chinesa. E se algum governo devedor resolve estatizar a obra pode receber pressão diplomática e ameaça militar da China.

Pode parecer simples para China forçar militarmente um país (pobre) devedor a pagar ou entregar a infraestrutura para o domínio chinês, porém o uso da força militar geraria gastos e esforços, e ainda seus parceiros comerciais poderiam condenar e retaliar suas ações. Note como é difícil manter uma cooperação internacional e tem outro detalhe, quanto mais parcerias a China construir com países membros de organizações intergovernamentais mais votos favoráveis irá conseguir em suas demandas globais. É uma troca de interesses constantes e não se trata de cooperação espontânea. Outro exemplo, o Cazaquistão, país que faz fronteira com a China e Rússia, recebeu investimentos de infraestrutura e vendeu o silêncio sobre a perseguição do seu próprio povo que habita ao Noroeste da China, uma população de milhares de muçulmanos, que sofre em campos de concentração e trabalho escravo em campos de algodão, o mesmo algodão que é fornecido para as grifes de luxo da Europa.

Outra armadilha mortal chinesa aconteceu no Siri Lanka, país ao sul da Índia, que não conseguiu pagar pela infraestrutura portuária

fornecida pela China e pelo contrato a obra pertence a China por 99 anos, conforme o contrato. Tecnicamente é um território chinês em outros países. Paquistão e Turquia também podem perder parte de sua soberania devido aos acordos de empréstimos. A China age com a astúcia de um agiota internacional e não é um agiota qualquer, trata-se de uma ditadura comunista. Atualmente há mais de 3000 projetos desse tipo no mundo, incluindo Argentina. A China sabe bem explorar a fragilidades de cada país e sistema. A rejeição à agressividade da China por mais países é crescente e isto demonstra que ela não tem poder de coesão social global (coesão comunitária e cooperação social) para formar uma coalizão de domínio mundial. O maior poder do século XX, a Rússia Comunista colapsou literalmente da noite para o dia.

A China não tem poder de coesão social global para formar uma coalizão de domínio mundial.

Em 1991, a União Soviética se fragmentou em 15 novos Estados independentes, um deles a Federação Russa. A dissolução social não parou por aí. A economia da Rússia encolheu 50%. Houve uma guerra sangrenta de secessão étnica que irrompeu no Cáucaso. Atualmente a Rússia tem desafiado a OTAN em participações e ações contrária ao bloco europeu (atuando na guerra na Síria e anexando a Criméia). Uma sinalização clara de não cooperação com os interesses da OTAN. Cooperação internacional, globalização e multilateralismo proclamados pela ONU e Grande Reset não influenciam países como Rússia, China e Arábia Saudita (e Oriente Médio), perceba que os esquemas de poder são elites em competição (e não cooperação internacional). Isto demonstra uma característica marcante de sistemas complexos de cooperação, quanto maior o sistema mais se fortalece o potencial desintegrativo.

E a crise Covid-19 expôs toda fragilidade dos sistemas e estruturas operacionais (políticos, econômicos e sociais). Muitos países fortaleceram seu nacionalismo, autoritarismo e vigilância social. A “desglobalização” se fortalece na crise Covid-19. “Minha nação primeiro” é a política do “novo normal” e não uma economia mais humanitária como expressa o Grande Reset. Nenhum sistema hoje tem o potencial de domínio de cooperação internacional, seja UE, seja China ou EUA. A Covid-19 atingiu em cheio não só o organismo humano, mas as fraquezas sistêmicas pré-existentes da economia mundial (a qual antes da pandemia estava em recessão). A recessão global agora será prolongada. Os países mais pobres terão mais desigualdades e mais dívidas. Estes indicadores podem fortalecer o nacionalismo (por mais regiões), tornando alguns países mais autoritários e mais vigilantes sobre seu povo. Este novo mundo programado pós-Covid (ou “novo normal” do Grand Reset) está fora da realidade de nossa década. O modelo matemático é simples: Mais desigualdade, menos cooperação. O mesmo se aplica à China, a Rússia e outras regiões. Cada um dos esquemas de poder quer apenas manter seu posicionamento de poder.

Menos cooperação internacional

O Partido Comunista da China, em março de 2021, aprovou o 14º Plano Quinquenal da China, que demonstra que a estratégia da visão econômica é de longo prazo. A peça central do 14º Plano Quinquenal é a estratégia de “dupla circulação”, segundo a qual a China terá como objetivo promover o crescimento com base na demanda doméstica e na autossuficiência tecnológica. Isso não apenas reduzirá a dependência da China da demanda externa; também aumentará a confiança de seus principais parceiros comerciais - exceto os Estados Unidos - no acesso ao seu mercado e aos fabricantes de alta tecnologia.

A China vem preparando as bases para essa estratégia há algum tempo. Nomeadamente, no final do ano passado, o Presidente Xi Jinping celebrou o Acordo Global de Investimento (CAI) com a União Europeia. Ele teve que fazer algumas concessões para fechar o acordo: o negócio tinha potencial não apenas para aprofundar os laços UE-China, mas também para abrir uma divisão entre a Europa e os EUA. Mas Xi agora está minando seu próprio trabalho, obstruindo as relações com parceiros comerciais importantes. Nas últimas semanas de março/2021, a China colocou na lista negra vários membros do Parlamento Europeu, legisladores britânicos e canadenses, acadêmicos e instituições de pesquisa na Europa e no Reino Unido. As sanções foram retaliatórias: a UE, o Reino Unido e o Canadá sancionaram um pequeno número de autoridades chinesas que estão implicadas em constantes abusos dos direitos humanos contra a minoria muçulmana uigur na província de Xingjian.

Embora esses abusos não sejam novidade, há relatos recentes da prática de trabalho forçado em Xingjian, os uigures estão sendo usados para colher algodão. A China está sancionando seus críticos para mostrar sua indignação com essas acusações, que insiste serem mentiras com motivação política. Mas seja qual for a mensagem que as sanções devem enviar, é improvável que haja menor cooperação internacional com a China em curto prazo.

Canadá, Europa e Reino Unido até agora estavam relativamente neutros na rivalidade sino-americana - e é do interesse da China que permaneçam assim. A China pode se dar ao luxo de uma dissociação econômica com os EUA? Também não pode permitir uma dissociação simultânea com o resto das principais economias ocidentais. Minando ainda mais suas perspectivas econômicas, a China está “atacando diplomaticamente” empresas privadas por terem expressado preocupações com as alegações de trabalho forçado. No ano passado, a varejista sueca de roupas H&M anunciou que não usaria mais algodão proveniente de Xinjiang, porque era

muito difícil realizar uma “devida diligência”. As principais empresas de comércio eletrônico da China retiraram os produtos da H&M de suas plataformas e as celebridades chinesas cancelaram acordos com a marca. E, encorajado pela mídia estatal, um movimento para boicotar a H&M - bem como outras marcas ocidentais que recusam o algodão Xinjiang, incluindo Nike, New Balance e Burberry.

A China parece confiante de que suas táticas de intimidação terão sucesso. Afinal, as multinacionais ocidentais não querem ser expulsas da China, um importante mercado em crescimento. E, de fato, a H&M já divulgou uma nova declaração destacando seu “compromisso de longo prazo” com a China e expressando sua dedicação em “reconquistar a confiança” de seus “clientes, colegas e parceiros de negócios”.

Se os interesses econômicos superarem os direitos humanos, certamente a cooperação nunca será global, pois as pedras clamarão contra a escravidão.

Se os interesses econômicos superarem os direitos humanos, certamente a cooperação nunca será global, pois as pedras clamarão contra a escravidão, injustiças e crueldades na China e empresas do Ocidente. O mercado mundial hoje é mutuamente dependente e interconectado. As multinacionais ocidentais querem vender para os consumidores chineses e as empresas chinesas precisam dessas empresas para comprar seus insumos. A China tem uma difícil missão para melhorar as relações com empresas e governos ocidentais.

“Dupla circulação”: A nova estratégia econômica chinesa

Dupla circulação é o nome divulgado para explicar a nova estratégia econômica chinesa, nada mais é do que uma economia bifurcada, uma circulação externa (comércio mundial) e circulação interna (demanda doméstica). A China se propõe a fortalecer suas próprias tecnologias, know-how, capital e ideias, para ser mais autossuficiente, e ao mesmo tempo manter a liderança mundial nas exportações. E a grande jogada será tornar outros países mais dependentes da China, aumentando seu poder político global. Esta estratégia externa funcionou bem até o momento para a China e ao mesmo tempo em que retirou milhões de chineses da pobreza produziu milhares de desempregos nos EUA e UE, preparando o cenário para o Brexit no Reino e Unido e a eleição do ex-presidente dos EUA, Trump em 2016. Este desemprego atingiu mais as indústrias pesadas e têxteis.

O Ocidente esperava um engajamento recíproco com a China, o qual os consumidores ocidentais se beneficiariam das importações chinesas de baixo custo e as empresas ocidentais lucrariam com o crescimento econômico chinês explorando seu grande mercado. O Ocidente esperava que a China abrisse mais seu mercado interno para o mundo e que sua sociedade também se abrisse para o mundo. O que não aconteceu. A China agora quer dar um novo choque no Ocidente, diferente do primeiro. A Dupla circulação quer dominar os setores de ponta, em todas as áreas de alta tecnologia. Em 2015, Xi já dava sinais de um plano “Made in China 2025”, para dar impulso aos setores mais sofisticados de tecnologia, inteligência artificial, semicondutores, baterias e veículos elétricos e biotecnologia. O plano é que empresas chinesas substituam as estrangeiras ou tornar as empresas estrangeiras mais chinesas. É um plano audacioso e se der certo, a China dará um novo choque no Ocidente e pode esvaziar os empregos bem pagos em tecnologia, como fez nas indústrias pesadas

e têxteis. Mark Leonar, cofundador e diretor do Conselho Europeu de Relações Exteriores, alerta que:

“Embora grande parte da atenção agora esteja voltada para a repressão da China em Hong Kong e a repressão à minoria uigur em Xinjiang, há uma onda de choque ainda maior se aproximando. Os líderes ocidentais não devem perder o equilíbrio novamente”⁵.

⁵ <https://prosyn.org/Khgo8Zc>

3

Medo e Esperança

Duas grandes “forças” direcionam a humanidade no curso da história, o medo e a esperança. Sua cosmovisão se inclina a uma ou outra, e quando o medo predomina, como uma gigante nuvem de tempestade, as pessoas são incapazes de viver a vida em plenitude e não planejam o futuro com esperança de dias melhores nesta vida. Vivem em tormento e fuga como Caim, vivem como amaldiçoados e para escapar desses pensamentos criam para si ilusões e justificativas para não enfrentar seus pesadelos. Davi foi tentado a fugir como um pássaro e voar para as montanhas no Salmo 11, o desejo de fugir de uma situação de perigo circunstancial, porém permaneceu firme pela fé, assim com a fuga de Elias para Horebe e Jonas para Társsis. A pressão de um momento pode ser tão forte que tem o potencial de desenvolver uma tentação para escapar dos deveres e missão. A tentação gerada por pressão pode desenvolver desculpas “louváveis”, tipo, “o Reino é espiritual”, “o mundo jaz no maligno”, “nossa cidadania não é na terra”, “devemos viver mais a espiritualidade” porque “a carne não serve para nada”, “tudo se corrompe”, “próximo da volta de Cristo não haverá muitas pessoas que tenham fé” e muitos outros argumentos do senso comum com aparência de sabedoria espiritual, quando na verdade é um modo de escapismo.

A missão da Grande Comissão é dominar as nações sob as ordens de Cristo.

Sim, a Igreja tem em sua essência a cidadania celestial, mas a nossa cidadania terrena não deve ser desprezada, negligenciada, pois a missão da Grande Comissão é dominar as nações sob as ordens de Cristo. Rejeitamos o sistema corrompido do mundo, mas o mundo pertence ao Reino de Cristo. Nossa oração é: VENHA O TEU REINO, SEJA FEITA A TUA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU. **A escatologia é o REINO em ação.** Pelo poder transformador de Deus as coisas terrenas importam. Devemos buscar as coisas de cima, do alto, para fortalecer nossa jornada aqui em baixo. Em tudo que fizermos nesta vida tem a direção do alto, seja em nossos planos de vida, de família, vocacional, uso dos talentos e dons, no labor e no lazer, como cidadãos, como igreja, podemos fazer a diferença nesta vida como frutos da transformação espiritual.

Toda autoridade é de Cristo e direcionada para a igreja avançar e expandir, em poder e pregação. O magistrado civil é servo de Deus não para ministrar para o céu, **a terra é do Senhor!** Senhor das montanhas e vales, dono dos animais e do universo! O oposto da fuga também acontece, quando a ênfase se transforma no “aqui e agora” e todo esforço humano gira em torno de um humanismo não bíblico, de um antropocentrismo com vestimentas religiosas, um vale tudo pelo domínio e poder terreno (em nome de Deus, em nome de um ideal ou utopia) de um futuro idealizado por prazeres e recompensas meramente materiais, uma espécie de ideologia materialista sob pretexto divino. Tal prática é rebelião e atrai a ira de Deus. O homem precisa encontrar e viver a mordomia bíblica para a glória de Deus, assumir seu mandato cultural e Grande Comissão em equilíbrio com seu chamado, sua regeneração, de cabeça erguida, avançando em vitórias e conquistas, governando, liderando, prevalecendo com alegria, confiança, esperança, amor e fé. O mundo precisa de homens e mulheres de Deus assumindo seu compromisso perante a Criação, assumindo seu perfil sem vitimismo, compreendendo e exercendo seu papel, sua liderança, confiantes na

providência divina, seus decretos, promessas e bênçãos. Esta postura bíblica não é escapista.

Deus não deu espírito de medo a seu povo, mas de fortaleza, amor e moderação – 2Tm 1.7. – A Igreja não deve temer nem o presente nem o futuro. *Os que confiam no SENHOR serão como o monte de Sião, que não se abala, mas permanece para sempre.* (Sl 125.1). Sob as asas de Deus a Igreja está segura. - *Sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam.* (Rm 8.28). Todas as coisas cooperam para o bem da Igreja. O Pai nos deu o que tem de mais valioso, não nos dará outras coisas menores? Não permita que más notícias tragam medo ao seu coração! É triste e vergonhoso ver parte do povo de Deus agindo como fatalistas medrosos sem esperança! Quantas crises o mundo já experimentou? E continuará passando. O pós-Covid é apenas um tempo de transição. A “ressaca” trará experiências e aprendizagens para todos os países e poderá fornecer uma base de maior resiliência para o longo prazo. Um exemplo, a Coreia do Sul em 2015 sofreu com o vírus MERS (Síndrome respiratória do Oriente Médio) e tomou medidas para melhorar sua preparação para pandemias futuras, e em 2020 estava preparada, havia testes em grande escala, tecnologias para rastreamento e quarentena. Agiu rapidamente e o sistema de saúde funcionou bem, resultando em menos de mil mortes em 2020, apesar de que em 2015 não estava preparada. As epidemias são cíclicas e a cada surto os países podem aprender com as suas falhas, lacunas, preparações e respostas. Além do mais, a Igreja precisa atuar com ações e intercessões para enfrentar toda e qualquer tragédia, pois sempre surgirão novos problemas os quais a ciência não cura nem resolve. E Deus deu a sua Igreja o poder do Espírito Santo para que possa atuar como embaixadores do céu, filhos do Todo-Poderoso, templo do Espírito, juízes dos anjos e do mundo inteiro juntamente com Cristo, assentados à direita do Altíssimo, para que possa invocar o nome que domina tudo e todos, capaz de curar enfermos, expulsar demônios, receber visões e profetizar.

O cristão jamais deve esquecer que Cristo se importa com a expansão de sua Igreja e cuida de modo especial do seu povo.

Veremos a seguir que nenhuma potência mundial ou grupo de países não consegue resolver plenamente seus problemas internos nem regionais, como poderão gerenciar uma nova ordem global e dominar o mundo? O cristão jamais deve esquecer que Cristo se importa com a expansão de sua Igreja e cuida de modo especial do seu povo. O curso da história é conduzido por Cristo. Como cristãos devemos ser prudentes, simples e astutos ao realizarmos a leitura do nosso tempo. Retire o medo do seu coração, afaste expectativas sombrias de Apostasia, Armageddon e Anticristo (estes três “As” têm desviado muitos de terem a cosmovisão correta que fortalece o Mandato Cultural e Grande Comissão). O cristão não pode perder de vista nem as promessas de Deus nem a leitura da história. Vamos tomar como exemplo o cenário atual, o qual muitos temem dias piores.

Retire o medo do seu coração, afaste expectativas sombrias de Apostasia, Armageddon e Anticristo (estes três “As” têm desviado muitos de terem a cosmovisão correta que fortalece o Mandato Cultural e Grande Comissão).

4

Panorama do cenário mundial e riscos para 2021-2030

É possível avaliar riscos para 2021? (e 2030?) É o que o Relatório do Grupo Eurásia fez, publicado em 4 de janeiro de 2021. Esta empresa possui escritórios em quatro continentes e trabalha para fornecer dados para os maiores investidores financeiros do mundo e para grandes empresas, portanto não se trata de opinião do senso comum, mas de avaliação de fatos e dados para auxiliar investidores. O logotipo do Grupo Eurásia é um globo fragmentado, uma leitura perspicaz de nosso mundo incerto, cheio de crises, riscos e oportunidades por toda parte. A fragmentação representa a descentralização dos poderes políticos e economia.

No mundo doméstico se você quiser saber se tem alguém estranho no seu portão é só observar seus cães; uma orelha em pé, um rosnado diferente, agitações incomuns e outros sinais já servem de alerta para o dono da casa. É o que faz o Grupo Eurásia no mercado financeiro. 2020 a gente já sabe como foi, mas 2021 ainda está se desenrolando. O relatório trabalha com pontuação de risco, quais são os maiores riscos em potencial para poder ajudar os investidores e tomadores de decisões, especialmente na economia e na política. Este relatório nos é útil pelo fato que o Fórum Mundial de Economia/Grande Reset (que iremos examinar a parte) trata exatamente dos impactos políticos e econômicos do mundo. O Fórum Mundial de Economia também produz relatórios interessantes (examinaremos). “Seguir o dinheiro” é

uma forma moderna de “oráculo”, calcula-se o futuro com as melhores métricas e dados computacionais, afinal nenhum investidor financeiro quer colocar seu dinheiro em lugar errado e perder. Portanto, se a Terra é nossa casa, os cães são o mercado financeiro.

Não é de hoje que o mercado financeiro tem informações privilegiadas. – Anos recentes, bem antes da crise Covid-19, economistas já falavam que uma pandemia podia mudar o mundo capitalista como conhecemos, um desses “profetas” de Davos se chama Jacques Attali, o qual pronunciou as seguintes palavras: “Onde a crise financeira falhou até agora, uma pandemia pode precipitar os nossos líderes a aceitarem o estabelecimento de um governo mundial”. Em parte ele acertou (a pandemia chegou), quanto a um governo mundial continuará sendo o sonho europeu do Grande Reset, um desejo profundo de uma oligarquia. O raciocínio de Jacques Attali considera que uma pandemia gera necessariamente mais altruísmo e cooperação, mas na prática presenciamos egoísmo e competição, para zero surpresa de quem conhece a natureza humana. O sonho de consumo do Grande Reset é uma política global, uma reserva global e uma tributação global. É de um “altruísmo” emocionante e uma frustração coletiva. Quem confia no altruísmo da elite de Davos?

Uma curiosidade sobre o relatório de 2021 do Grupo Eurásia. O relatório foi publicado dia 4 de janeiro e o maior risco apontado é a tensão interna política nos EUA, sobre as eleições e escalada da polarização americana. Dia 6 de janeiro, apenas dois dias depois da publicação do relatório houve o episódio da invasão ao Capitólio, resultando a morte de cinco pessoas e aprofundando a crise destacada no relatório. Apenas dois dias após a publicação acontece um dos mais importantes da história recente dos EUA. Um breve resumo do relatório disponível neste endereço: (<https://www.eurasiagroup.net/>)

Visão geral do relatório (resumo do cenário global em crise):

- Os EUA, a nação mais poderosa do século XX e XXI, está politicamente [culturalmente] extremamente dividida. Economicamente aprofundou a desigualdade (mais do que as outras democracias industriais do mundo). Política e socialmente há fraturas irreconciliáveis. – Estas fraturas terão reflexos sobre outras nações?

- A China é o mais forte competidor (capitalista sob um regime autoritário comunista e de extrema vigilância tecnológica). – A China tem como objetivo maior dominar a economia mundial nesta década.

- O G20 (e G7) cada vez mais desconfiado com a ascensão da China.

– Ascensão escalada ao longo de décadas e tende a se concretizar a liderança econômica, especialmente pós-Covid.

- A Rússia culpa os EUA e Ocidente por seus problemas. Em tensão geopolítica crescente no Leste Europeu (Ucrânia e Criméia), Síria, OTAN e problemas relacionados aos direitos humanos e democracia. Quase metade do poder econômico da Rússia deriva do petróleo e gás, e esta realidade coloca o país numa bifurcação de transição energética mundial (para fontes renováveis).

2020 foi a primeira fase de uma “guerra global” contra a Covid-19, em 2021 está sendo a fase dois de novos combates (mutações do vírus, vacinas, logística, vacinação) e mais dois problemas: A carga de dívidas e a política internacional desalinhada. Este desalinhamento geopolítico é muito importante para entender melhor o cenário atual porque antes (no pós-guerra) havia um alinhamento claro e a América era o maestro político mundial. Hoje não. Esta leitura geopolítica de desalinhamento é muito importante.

A política mundial atualmente está desalinhada. Como assim? Exemplos: Após o grande primeiro acontecimento mundial do século

XXI, que foi o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, os líderes mundiais se reuniram e buscaram uma grande colaboração e avanços tecnológicos que transformaram o mundo atual. A era digital foi acelerada, isto trouxe avanços para a comunicação, para a segurança e a cooperação aconteceu (cooperação é a palavra-chave) em nível global. Economicamente houve uma reação em trabalho conjunto com os EUA direcionando o curso. Em outro momento, após a grande crise financeira de 2008 houve também uma reação colaborativa mundial para reativar a economia. Estas duas situações (2001 e 2008) aconteceram em escala bem menor do que está acontecendo como consequência da pandemia global de 2020. E tanto em 2001 e 2008 havia um claro alinhamento político com a liderança dos EUA. Hoje não mais. Até aqui podemos afirmar que o mundo vive uma grande fragmentação e desalinhamento político maior (notem que em 2001 houve uma cooperação mundial em torno do “fator segurança”, porém em 2020, a pandemia fez recuar a cooperação global com o aumento dos problemas de fronteira (imigração) e nacionalização das vacinas, assim como comportamentos mais agressivos comercial e militarmente por parte da China, EUA, Rússia, Irã). A falta no momento de uma liderança mundial estabilizadora que favoreça uma maior cooperação internacional está de certa forma impulsionando a agenda dos bilionários do Fórum Mundial de Economia/Grande Reset para que haja uma tentativa de lançar um tema unificador de cooperação internacional (se isto irá trazer mais instabilidade ou estabilidade não sabemos). Nas palavras de um dos representantes do topo das elites, o magnata Bill Gates: O maior desafio de cooperação mundial é o clima. Este é o mantra de 2021: Clima, clima, clima; problemas com o meio ambiente. Não por acaso que os membros do G7 disputam a liderança pela agenda climática (tecnologia e economia verde).

A cooperação em uma escala verdadeiramente global data de 1945, quando os Estados Unidos lideraram outras nações para evitar outra guerra mundial. Se tivéssemos uma máquina do tempo e pudéssemos viajar ao passado, veríamos a escala da cooperação humana diminuir

gradualmente até o século XXI. Estamos numa década tensa e podemos perceber as pressões sociais por todo o mundo. As causas das revoluções e rebeliões importantes são, em muitos aspectos, semelhantes aos processos que causam terremotos (Goldstone, 1991). Tanto em revoluções quanto em terremotos, é útil distinguir as condições estruturais (pressões, que aumentam lentamente) dos gatilhos (eventos de liberação repentina, que precedem imediatamente uma erupção social ou geológica).

Gatilhos específicos de convulsões políticas, como a autoimolação de um vendedor de frutas, que desencadeou a Primavera Árabe na Tunísia (2011), são muito difíceis, talvez impossíveis de prever. Por outro lado, as pressões estruturais aumentam lenta e previsivelmente e são passíveis de análise e previsão. Além disso, muitos eventos desencadeadores em si são causados, em última análise, por pressões sociais reprimidas que buscam uma saída - em outras palavras, pelos fatores estruturais. As dinâmicas dos fatores sociais são interessantes de serem observados. A crise Covid-19 tornou-se um gatilho oportuno do Fórum Econômico Mundial/Grande Reset para acelerar muitas outras agendas de transformações das sociedades. Resta ver se nossa maior interconexão global (e nossa confiança na tecnologia) será um ponto forte ou uma fraqueza em navegar nesta situação. As sociedades passam por períodos de declínio da resiliência e estabilidade sociopolítica, muitas vezes resultando em colapso social. No momento estamos numa fase de recuperação social da crise Covid-19.

Este é o cenário atual, as questões econômicas (e climáticas) vêm com força total nesta década de 2020/2030 e não há uma liderança global para orientar modelos políticos, padrões comerciais e uma arquitetura internacional a seguir. Na falta desses elementos de modo claro a China tecnicamente se candidata a ser uma liderança global, um padrão comercial e uma arquitetura internacional. Sem dúvida ela tem um projeto internacionaleconômico e político em curso (conhecido como a Nova Rota da Seda, mais conhecido como

One Belt, One Road), porém o fator liderança global (poder eficiente aceito como um posicionamento legítimo que atraia lealdade das oligarquias do G20) e padrão comercial deixa muito a desejar aos líderes mundiais e exatamente na questão liderança há todos os atritos e desgastes possíveis na comunidade internacional contra a legitimidade China. As potências estão rachadas e divididas, e a solução econômica não é simples de resolver. É um momento de impasse e uma transição. O que isso tem a ver com Grande Reset?

A ideia de Grande Reset não é nova nem pertence ao Fórum Mundial de Economia. O livro (2014) do autor: Willem Middelkoop, *The Big Reset, Gold Wars and the Financial Endgame*, começou a ser pesquisado em 2001, porém a ideia de uma nova configuração global iniciou na Liga das Nações em 1918. As ideias seminais circulam especialmente no século XX. O “fim do jogo” e novos resets acontecem ao longo da história dos poderes geopolíticos ao longo dos séculos, assim foi com a queda dos impérios e das superpotências como as transições de poder na Rússia, Inglaterra, França, Alemanha, China e EUA. Outro exemplo de reset, a supremacia monetária mundial antes do dólar era a moeda do Reino Unido, a libra. Em 2014, Willem Middelkoop escreveu:

“Provavelmente antes de 2020, o sistema financeiro global terá que encontrar uma âncora diferente. Existem apenas duas opções: um reset planejado com bastante antecedência ou aquele que é implementado após uma crise monetária”.

Como se pode observar já se falava em grande reconfiguração global do sistema financeiro. Middelkoop bem antes de 2020 previa a necessidade de reset até 2020. Os textos do livro citado (pág.165) são surpreendentes, como este:

“Em 2013, os chineses disseram abertamente que havia chegado a hora de 'desamericanizar' o mundo. Eles pediram 'a introdução de uma nova moeda de reserva internacional que deve ser criada para

substituir 'o dólar americano dominante'. Os chineses foram estudando como uma reinicialização pode ocorrer por algum tempo. Mas dado o quão delicado é este assunto, nada pode ser dito em público. Os planejadores centrais sabem que a única maneira de planejar uma reinicialização é fazê-lo em total sigilo”.

O Fórum Mundial de Economia/Grande Reset monitora este problema e lançou uma proposta neste vácuo atual de mudanças econômicas como uma aparente oportunidade para líderes mundiais trabalharem juntos, em colaboração como aconteceu após 2001 e 2008, porém o relatório de 2021 do Grupo Eurásia alerta: O mundo político não é mais o mesmo. Os EUA perderam a maestria política dominante como exerceu antes. E o mundo não aceitará um domínio cultural Chinês no momento por muitas razões e a não confiança prevalece e também não aceitará direção de organizações intergovernamentais como a ONU. Ou seja, no vácuo da liderança política internacional dos EUA haverá um aumento de desalinhamento e fragmentação (e não cooperação) por todas as regiões do mundo. Estamos num momento de discórdia. Esta era da discórdia é demonstrada nos estudos do Peter Turchin.

Possivelmente veremos até 2030 muitos conflitos regionais e golpes militares como o ocorrido em fevereiro de 2021 em Mianmar (antiga Birmânia), uma nação do sudeste asiático com mais de 100 grupos étnicos, que faz fronteira com Índia, Bangladesh, China, Laos e Tailândia. Não devemos nos surpreender com alargamentos de fronteiras e hegemonia política na Rússia (sobre a Criméia e Leste europeu) e China (sobre Taiwan, Hong Kong e ainda tensões com a Índia, Japão, Austrália). Estes conflitos por si só têm a capacidade de esvaziar qualquer tentativa de liderança política internacional ou supragovernamentais, ou seja, num cenário futuro próximo (5,10,15 anos) os níveis de cooperação internacional estão baixos, porém a agenda climática em andamento para que o G20 (os países com maior patamar industrial) desenvolva políticas que possam atingir metas ambientais antipoluentes (descarbonização) e transformações

energéticas, seja por impulso de competição, seja por um alinhamento entre países que se impõe, o resultado é que os EUA ou UE (ou até mesmo a China) assumam uma liderança estabilizadora até 2050. Mas no momento, nesta década que estamos somos testemunhas de vários fatores que provocam instabilidade. Tomemos como exemplo o G2 (EUA e China), ambos estão com diversos problemas domésticos e externos desde áreas econômicas até demográficas que podem mudar radicalmente toda configuração geopolítica. Quem diria que o comunismo na antiga União Soviética iria colapsar pacificamente na virada do último milênio?

Os problemas regionais e domésticos dos principais países serão as maiores preocupações, como por exemplo, as dificuldades dos problemas sociais e raciais dos EUA dentro do próprio território e fronteiras, elevando os níveis de alertas quanto ao terrorismo e consumo de drogas (e suas consequências). Na América Latina há previsões de retomada mais lenta da economia por causa da crise econômica gerada pelo Covid-19. A recessão é mundial, mas os primeiros problemas são os domésticos. A crise de desemprego provocada pela crise-Covid19 e pela automação da Indústria 4.0 vêm causando demissões em massa de trabalhadores e até 2025 ou no máximo 2030, os níveis de automação serão maiores do que o do trabalhador humano, isto já está causando uma migração de empregos, subempregos, demissões e relocalizações. Esta automação industrial é uma das grandes mudanças que está acontecendo nesta década.

Assim sendo, estamos diante de uma recessão econômica pós-covid simultaneamente em meio a uma transformação energética (e uma competição entrelideranças mundiais e regionais) para maior uso de tecnologias verdes. Esta mudança é a proposta do chamado *Green New Deal*, uma movimentação global para conter crises energéticas e climáticas (e financeira) – a chamada “tripla crise”. O G7 é o signatário que encabeça uma possível aliança política e estas mudanças trazem instabilidades por causa do delicado gerenciamento

em áreas trabalhistas, ambientais, setores públicos, sociedade civil, acadêmica, indústria, agricultura e serviços. Estas mudanças complexas sinalizam mais instabilidades, mais competições e menos cooperação internacional.

Cada nação por si

Em 2012, Ian Brenner, escreveu um livro que explica o crescente vácuo de poder na política internacional (Cada nação por si; Vencedores e perdedores em um mundo G-zero – *Everynation for it self: Winners and Loser in a G-zero world*). O livro realiza uma leitura a qual nenhuma política internacional (nenhum país ou grupo de países) tem poder político e econômico para alavancar ou impulsionar uma agenda internacional ou fornecer bens públicos globais. O relatório Eurásia aponta exatamente isto. Estamos nesta década de grandes mudanças e sem uma direção centralizadora, é um momento instável, porém a descentralização irá distribuir o poder das elites em novas organizações, o que poderá criar cooperações e competições intralite de modo difuso e não centralizado.

A descentralização é um movimento da macro história, e grande parte do mundo ainda não entendeu o que está acontecendo. Estamos vivendo um fenômeno macro histórico e só é possível entender “subindo uma montanha” e observando os séculos e milênios passados. Não adianta querer entender um problema que começou há 50 anos estudando os acontecimentos da última semana. As grandes forças de mudanças hoje têm sua complexidade num mundo de 8 bilhões de habitantes (tivemos nos últimos 200 anos um aumento exponencial de 1 para 7 bilhões de habitantes), novas mídias e comunicação, novos modelos de administração disruptivos e descentralizados. Não se trata de um movimento político esquematizado nem um movimento econômico sistematizado, é um novo movimento estrutural na comunicação humana altamente

conectada e avanços tecnológicos. – Alguns denominam de civilização 2.0. Basicamente passamos pela civilização oral, escrita e agora estamos nos multicanais digitais de comunicação. A configuração geopolítica tem sofrido alterações em nosso tempo também de modo descentralizado e o cenário da guerra fria é passado.

G-Zero

G-Z uma referência às mudanças na liderança do grupo dos setes países industrializados mais poderosos do mundo, o G7 (Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e EUA), e também uma referência ao G20 (19 países mais EU-União Europeia), G2 (EUA e China), G3 (EUA, EU e Japão) e os emergentes BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Em todos esses grupos há tentativas de alinhamentos, cooperação, parcerias estratégicas, “reinvindicações” de democracia e livre mercado. O G7 não tem mais o poder de antes e sua pretensão está caindo em obsolescência programada cedendo espaço para o G20, o qual oferece mais concorrência e dificulta muito mais um alinhamento global. Por isso o termo G-Zero, ou seja, os governos cada vez mais estão se concentrando em resolver seus problemas regionais e criando acordos com diversos parceiros (baseados em seus interesses nacionais).

Ian Brenner brinca dizendo que o G-Zero está se tornando uma ordem internacional, em outras palavras: Zero liderança global. E os desentendimentos de muitos países se dá geralmente por razões comerciais e mais recentemente por guerras assimétricas e cibernéticas. Nesta nossa década de 2020 em especial está acontecendo uma disputa pelo domínio tecnológico, muitos países já investem em agências de espionagens cibernéticas para ter acesso as pesquisas e desenvolvimentos de Inteligência Artificial, biologia

sintética e genética, criptografia e computação quântica, temas que parecem sair de filmes de ficção. EUA, UE, China e Rússia competem fortemente pelo domínio de “ações malignas”, como interferência eleitoral e ciber-hacking (práticas também exploradas pelo Irã e Coreia do Norte). A China também exerce pressão pelo poder global neste campo cibernético/tecnológico e ao mesmo tempo sofre pressão por mudanças climáticas por ser um dos maiores poluidores industriais do mundo, junto com os EUA e Índia. As diminuições das tensões entre os maiores atores globais não têm previsão para acalmar nesta década. O Irã quebrou acordos internacionais recentes e retomou atividades nucleares. A Coreia do Norte é uma ameaça constante aos EUA, Coreia do Sul e Japão. Estas ameaças e tensões bélicas servem mais para moeda de troca diplomática, espera-se que não haja guerra total. Uma guerra total seria suicídio. Armas nucleares, biológicas, químicas, eletromagnéticas, etc servem mais aos interesses geopolíticos de quem tem “o botão” diplomático maior. Estes fatores de instabilidade aparentemente fazem com que haja mais competição e menos cooperação, pelo menos nesta nossa década. Ainda mais com a China ganhando a preeminência econômica.

Sem conciliação de interesses entre a variedade de povos não haverá colaboração. Um domínio global exige aceitação de culturas heterogêneas em regiões dominadas e esta mescla cultural é o maior temor do poder centralizador da China.

Uma observação importante neste ponto sobre poder geopolítico é que a China, por exemplo, pode ganhar a hegemonia econômica e talvez bélica/militar até 2030/50 (Em 2019, os Estados Unidos

gastaram 732 bilhões de dólares, a China no mesmo ano, 261 bilhões de dólares), mas mesmo assim não ter a LIDERANÇA política global, pois o domínio cultural é a “cola” da liderança, a qual influencia desde a língua até costumes e valores. Como aconteceu com os impérios mais globais: Grego, romano, britânico e acontece em parte (desde meados do século XX) com os EUA. O poder do principado de Maquiavel e o Leviatã de Hobbes podem servir regionalmente, porém globalmente se faz necessário uma propagação aceitável da cultura, assim como a “romanização” e “helenização” através de uma aculturação e assimilação cultural. **A perspectiva civilizatória da China comunista não atrai cooperação, mas resistência** (A China tem problemas domésticos de resistência como em Hong Kong e Taiwan, assim como enfrenta desafios sérios nas questões dos direitos humanos). Sem conciliação de interesses entre a variedade de povos não haverá colaboração. Um domínio global exige aceitação de culturas heterogêneas em regiões dominadas e esta mescla cultural é o maior temor do poder centralizador da China. Se a China se abrir socialmente para o mundo globalizado desmorona seu sistema de poder atual. Se o colapso será pacífico não sabemos.

Basta uma Internet mais livre para ruir um império centralizador.

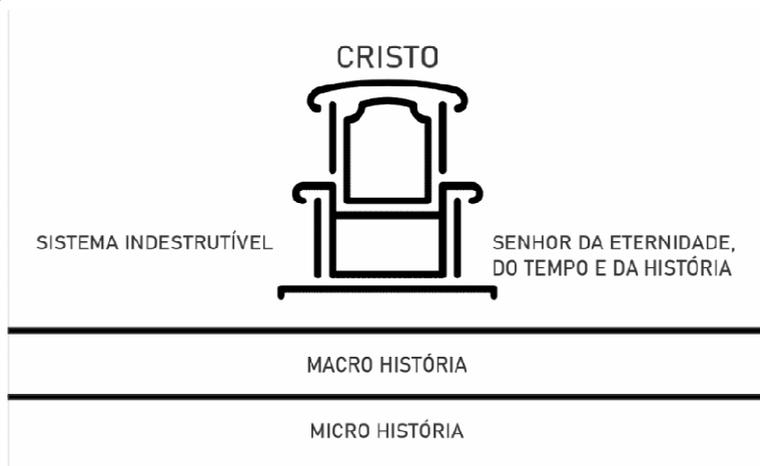
A China teme a influência de outras culturas, este é o nó górdio, um problema insolúvel para o Partido Comunista Chinês (basta uma Internet mais livre para ruir um império centralizador). É o medo que os povos capturados “capturem” o dominador, como diz a citação de Horácio: “Graecia capta ferumvictoremcepit” – “A Grécia capturada conquistou seu feroz dominador”. A cultura grega influenciou mais os romanos do que o contrário, apesar do poderio romano. O colapso imperial de Roma sabemos como foi. E o Império Romano foi longo por causa da abertura cultural.

A China atual é um estado policial e as liberdades políticas são limitadas ou não existem. Globalmente nenhum império da história conseguiu controlar e regulamentar TODOS os povos com sucesso. Boa vizinhança, amizade e cooperação com um país que tem problemas graves em direitos humanos não é natural. Qual a probabilidade de um domínio mundial chinês? O domínio global econômico chinês está traçado e pode se concretizar, mas a hegemonia legítima, aceitável pelas nações ao comando do Partido Comunista Chinês é praticamente impossível. Nesta década veremos como agirão os exercícios chineses sobre suas “províncias” rebeldes, Taiwan e Hong Kong, e quais serão suas respostas e ações quanto as acusações de campos de trabalho forçado, veremos se os valores democráticos do G7 saem do papel. Veremos se o mundo aceitará a autocracia chinesa pacificamente.

Outro candidato no imaginário popular ao domínio global é a União Europeia, um candidato cada vez mais distante do pódio escatológico por razões políticas e geográficas. A fragmentação ocidental sempre foi um grande problema para uma unificação/centralização desde o Império Romano, o Império Carolíngio, Napoleônico e Terceiro Reich. “A Europa é cronicamente desunificada” segundo Jared Diamond, vencedor do Prêmio Pulitzer. O poder unificador do Império Romano foi mais mediterrâneo do que europeu. A UE exerce muito mais influência cultural sobre o Ocidente e de parcial resistência contra o poderio econômico do Dragão chinês, parcial, pois não existe uma “união” plena europeia, mas há um jogo constante de acordos e tensões entre interesses das elites e instituições comerciais, bancárias, militares (OTAN), intragovernamentais (ONU) e arquiteturas diversas do sistema UE. Uma das funções principais da União Europeia é evitar conflitos internos como Alemanha vs França, França vs Inglaterra (e UK) vs Alemanha, todos vs Rússia, e manter um sistema de cooperação apenas entre estes países já é um desafio de mil anos, que dirá dominar o mundo! Assim como a EU é um projeto da elite europeia, o Grande Reset de Davos também é, e do mesmo modo como

querem resguardar a Zona do Euro com seus arranjos econômicos protecionistas, o Grande Reset europeu é uma esforço de cooperação e de interesses para contrabalançar os gigantes econômicos e militares como os EUA, China e Rússia.

No século passado toda escatologia sensacionalista descrevia em mil detalhes o poderio global e anticristão da Rússia, hoje este tema caiu em total descrédito. Agora é a China, amanhã pode ser a Índia. O grande erro é construir um sistema escatológico sobre notícias de jornais e tentar encaixar na Bíblia. Por isso a importância do estudo da história e das Escrituras. Os governos das nações e dos blocos das nações não rivalizam com Aquele [Cristo] que tem o governo sobre seus ombros (cf Is 9.6-7). E não só tem o domínio como expande num “aumento sem fim”, desde agora e para sempre. Como podemos confiar que o governo de Cristo prevalecerá? O zelo do Senhor garante a conquista. Quando Deus fez a sua promessa a Abraão, por não haver ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo (cf Hb 6.13). - *Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés. O último inimigo a ser destruído é a morte.* (1 Co 15.25-26). Por mais instabilidades que haja no mundo hoje com tensões entre ideologias, motins, revoluções existe um macro domínio a partir do trono de Cristo sobre as nações, o verdadeiro poder.



Todas as revoltas e subversões contra a lei de Deus acontecem no campo da história. Cristorecebeu o domínio eterno, a glória e um reino indestrutível euniversal (Dn 7.13-14). Recebeu os pagãos por herança e as extremidadeslongínquas da terra por sua possessão (Sl 2.8). Ele tem toda autoridade no céu e na terra (Mt 28.18). Todas as pressões estruturais das sociedades humanas estão debaixo dos seus pés.

Pressões estruturais

As “pressões estruturais” (PE) atuam como instabilidade em uma dinâmica social. PE é um termo usado por analistas sociais, político e demográficos. Tomemos novamente como exemplo os EUA, a invasão ao Capitólio dia 6 de janeiro de 2021 é mais uma peça do dominó da INSTABILIDADE humana pertencente a micro história que continua a avançar num mundo globalizado. Este acontecimento é histórico, marcante e importante, porque simplesmente é o maior símbolo de democracia mundial sofrendo abalos de instabilidade. A confiança no poder político decaiu dramaticamente. E nos resta observar se esta tendência de instabilidade continuará nesta década, porém como cristãos reconhecemos que esta instabilidade está debaixo do seu controle soberano.

Peter Turchin, analista renomado em problemas complexos sociais assinalaalguns elementos dessa dinâmica de forças demográficas, fatores que determinam instabilidade ou estabilidade social no mundo contemporâneo, alguns:

- Demografia (indicadores de pobreza, faixa etária populacional e declínio da expectativa de vida)
- Expectativa de vida, emprego e renda.

- Superprodução da elite - (Diplomas, MBA, doutorados, PhDs e poderio financeiro.)

- Endividamento dos estados.

Com base nestes dados acima é possível perceber a dinâmica de uma sociedade e prever a proximidade ou não de um colapso. Levando em consideração a crise de saúde, econômica e social, todos os fatores são de difícil solução. Peter Turchin tem uma abordagem diferente de outro especialista em sociedades humanas, Jared Diamond, professor de geografia nos EUA, este examina sociedades em colapsos, especializado em sociedades humanas e políticas ambientais (<https://5pointframework.weebly.com/>). Segundo Jared Diamond, o que faz uma sociedade entrar em colapso são algumas variáveis que estruturou em 05 pontos para explicar os fatores que influenciam um colapso social:

1. Dano ambiental provocado pelo homem.
2. Mudança climática.
3. Relações hostis com vizinhos.
4. Relações amigáveis.
5. Respostas para com os problemas ambientais, políticos, sociais e econômicos.



Seguindo este checklist é possível examinar se uma sociedade está próxima ou não de colapsar. O Peter Turchin realiza uma abordagem diferente do seu colega Jared Diamond, Turchin, é um cientista da complexidade orgânica fractais que trabalha no campo das ciências sociais históricas, Cliodinâmica. Seus interesses de pesquisa estão na interseção da evolução social e cultural, macrosociologia histórica, história econômica, modelagem matemática de processos sociais de longo prazo e a construção e análise de bancos de dados históricos. Atualmente, ele investiga um conjunto de questões amplas e inter-relacionadas: Como as sociedades humanas evoluem? Em particular, quais processos explicam a evolução da ultrasocialidade - nossa capacidade de cooperar em enormes sociedades? Por que vemos um grau tão impressionante de desigualdade na eficácia da governança e no desempenho econômico entre as nações? Como um império entra em colapso? Peter publicou duzentos artigos, incluindo uma dúzia em revistas importantes como Nature e Science.

Tanto o Peter Turchin quanto o Relatório Eurásia apontam que será uma missão quase impossível pacificar e unir os EUA. O que isto tem a ver com o Grande Reset? Observar a instabilidade norte-americana e contatar o baixo nível de cooperação social, crescentes níveis de pobreza, o aumento da desigualdade de renda, instabilidade de empregos e salários, o aumento da desconfiança no sistema governamental e instituições, o topo da pirâmide cada vez mais ocupado por ricos e poderosos que influenciam a política e a economia, as oportunidades e prosperidade da base piramidal diminuído, toda esta mistura é uma combinação a ser analisada. Esta lógica do “ganha-perde” das elites do topo, a qual os poderosos se juntam e se protegem à custa dos menores levará a um resultado insustentável em determinado momento (e os senhores do topo sabem disso!). E antes que haja um ponto de inflexão sem volta, os senhores do mundo terão que reorganizar o sistema capitalista, reavaliar as prioridades de sustentabilidade ou caminhar para a autodestruição. Por este cálculo de insustentabilidade econômica mundial é que a elite global reconhece que o capitalismo de

compadrio é extremamente predatório e suicida para toda pirâmide. Se a elite mundial sufocar demasiadamente a base e otimismo social, baixar de modo excessivo as expectativas das massas, os cenários de instabilidade podem comprometer o topo. Todo discurso em Davos do Grande Reset é exatamente reorganizar a economia para não colapsar, a partir dos interesses das elites da UE. Esta é a necessidade urgente das elites para não comprometer sua riqueza e seu consumo, porém o diagnóstico desta década, seja através dos analistas citados ou relatórios, é que está havendo uma maior competição intraelite e conseqüentemente menos cooperação global para resolver os problemas que podem colapsar toda pirâmide demográfica.

Nossa década tem sofrido forças estruturais específicas que conduzem à instabilidade social e violência política levando a uma espiral de conflitos. Economia frágil irá gerar Estado fraco, conseqüentemente enfraquece o aparelho coercitivo (polícia e exército), terreno fértil para ideologias radicais internos de uma sociedade e ao mesmo tempo projetos geopolíticos expansionistas externos, como a China, por exemplo, com seu poderio geoeconômico provoca mudanças políticas internacionais, de modo especial nos continentes africanos, sul-americanos e Oceania em níveis mais agressivos.

O Grande Reset não é uma questão humanitária, mas de sobrevivência e posicionamento do poder das elites[especialmente europeias]; é uma proposta de reforma do mecanismo deles.

Está surgindo um novo termo: "Capitalismo das partes interessadas", esta é a principal agenda de Davos 2021, esta é a agenda do Grande Reset. O Fórum Mundial de Economia em 2021,

em sua reunião anual, juntamente com as 120 maiores empresas do mundo estão apoiando esforços para avançar estudos (métricas) de adaptações do sistema capitalista, em parte querem um tipo melhor de capitalismo global; uma melhor resposta às questões econômicas, sociais e ambientais do século 21. Buscam uma solução não por “bondade” humana, mas uma cooperação mínima para a sobrevivência no topo. É um tipo de tentativa que visa aperfeiçoar os lucros das empresas em prazos mais longos, não rapidamente e de modo insustentável como é no momento. Muitos líderes compreendem que agora é a melhor hora de uma 'grande reinicialização' do capitalismo, a oportunidade para uma grande reconfiguração.

De acordo com o Financial Times, a dívida do governo global já atingiu seu nível mais alto em tempos de paz em 2020. Sem falar no desemprego global, um dos problemas mais graves. Uma pergunta recorrente em Davos é: O capitalismo está morto? A Reunião Anual de 2020 do Fórum Econômico Mundial em Davos incluiu muitas conversas sobre o futuro do capitalismo. Em 29 de janeiro de 2021, Klaus Schwab (o anfitrião do evento) analisou as conquistas e as deficiências do sistema econômico global e sugeriu: Após a ascensão do Ocidente e da Ásia, precisamos de uma forma melhor de capitalismo. O Grande Reset não é uma questão humanitária, mas de sobrevivência e posicionamento do poder das elites; é uma proposta de reforma do mecanismo deles. A UE com apoio dos EUA fez avanços ao colocar quase todo Leste Europeu na Zona do Euro e fortaleceu o muro contra o poder geopolítico Russo com a OTAN. Estas divisões por si só, eixo Rússia/China (Eurasianismo) vs UE/EUA demonstram que o Grande Reset é uma ferramenta limitada e uma tentativa de reação à crise Covid-19, uma forte depressão econômica em curso e um esforço de posicionamento da elite de Davos. Outras elites tendem igualmente realizar seus movimentos no jogo global, a exemplo do Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo (SPIEF), a versão russa de Davos, um evento para tratar economia e negócios. O SPIEF é realizado

anualmente desde 1997. A partir de 2006, o Fórum passou a contar com o patrocínio e a participação do Presidente da Federação da Rússia.

O SPIEF se transformou em um dos principais espaços para a comunicação entre os representantes da comunidade empresarial e a discussão das principais questões econômicas enfrentadas pela Rússia, mercados emergentes, questões sociais e de desenvolvimento de tecnologia. O SPIEF 2019 contou com a presença de mais de 19 000 participantes de 145 países do mundo. Estadistas e políticos de 110 países do mundo, representantes da comunidade de negócios de mais de 3500 empresas nacionais e estrangeiras, líderes de mais de 570 empresas estrangeiras e 1800 companhias russas. As delegações empresariais mais numerosas foram a da China (com 1100 participantes), EUA (542), Alemanha (334), Grã-Bretanha (312), França (249), Japão (219), Suíça (190), Itália (160) e Holanda (106). O tema-chave do Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo 2019 foi: “Formar uma Agenda de Desenvolvimento Sustentável”.

No Fórum foram realizados mais de 230 eventos do programa de negócios, onde participaram mais de 1300 moderadores e palestrantes, especialistas russos e estrangeiros. Na sessão plenária do SPIEF 2019 tomaram parte o Presidente da Rússia, Vladimir Putin, o Presidente da República Popular da China, Xi Jinping, o Presidente da Bulgária, RumenRadev, o Primeiro-Ministro da Armênia, NikolPashinyan, o Presidente do Governo da Eslováquia, Peter Pellegrini, e o Secretário Geral da ONU, António Guterres. Os líderes avaliaram os problemas enfrentados atualmente pela economia mundial, pelo modelo existente da globalização, pelo comércio internacional e o sistema financeiro. Na reunião foram abordadas as questões de exacerbação da concorrência desleal entre os países, do protecionismo, das guerras comerciais, de sanções e restrições impostas unilateralmente. O programa de negócios principal do SPIEF consistiu em quatro blocos temáticos (“Economia global em busca de equilíbrio”, “Economia russa: atingindo os objetivos do

desenvolvimento nacional”, “Tecnologias que aproximam o futuro”, “O homem acima de tudo”). – Evento (2019)pré-pandemia mundo real 2020/21, o qual Putin promete arrancar os dentes de quem tentar morder a Rússia, um recado para que não haja interferência internacional contra ações do governo russo,em tensão crescente com o Leste Europeu, OTAN e EUA. O tema “O homem acima de tudo” do SPIEF deve ser uma referência ao próprio Putin. Somente no mês de abril de 2021 cercou a fronteira com a Ucrânia com 80 mil soldados do exército russo. Em março de 2021, Biden acusou Putin de ser um assassino.A China faz discurso de ameaça a uma nova guerra fria e Putin diz que vai quebrar os dentes da oposição. Estamos numa época de visível aprofundamento de não cooperação internacional e a possibilidade de um governo único mundial é zero.

Tendências da nossa época

Dos anos de 1978 até 2008, o mundo viu uma explosão de riquezas, acompanhado por um aumento alarmante da desigualdade e dos danos ambientais. De 2008 a 2018, após a primeira grande crise financeira global do século XXI (2008), o mundo tem realizado esforços de recuperação até que em 2020, com a pandemia do covid-19 houve uma grande depressão econômica, a qual, segundo economistas fará que esta década seja desafiadora ao extremo. O economista NourielRoubini, que ficou famoso por prever que a crise financeira de 2008 aconteceria, afirma que a "Grande Depressão" dos anos 2020 está por vir. – Estamos no olho do furacão e não devemos ser pegos de surpresas ao observarmos as mudanças em curso, será uma década agitada em conflitos e polarizações.Em um artigo publicado pelo site Market Watch, o texto elenca 10 tendências que indicam que essa será uma década difícil. Resumo das tendências:

- 1) Aumento do endividamento e inadimplência

Segundo o economista, a resposta política à crise da covid-19 requer um aumento dos déficits fiscais dos países em uma ordem de 10% do PIB ou mais. [Os países terão que encontrar respostas econômicas para não colapsar todo o sistema].

2) Problemas demográficos

Para Roubini, a crise do coronavírus mostra a importância de destinar mais gastos públicos aos sistemas de saúde. Aliado a isso, ele avalia que a maioria dos países desenvolvidos tem problemas demográficos, com "sociedades envelhecidas".

3) Risco de deflação [outro problema econômico].

4) Risco para a política monetária.

5) Crise nos empregos. – Relacionados à automação e imigração.

6) 'Desglobalização' – Protecionismo e nacionalismo.

O mundo pós-pandemia "será marcado por restrições mais rígidas ao movimento de bens, serviços, capital, trabalho, tecnologia, dados e informações".

7) Restrições de imigração e comércio. Podendo aumentar a hostilidade.

8) Tensões entre EUA e China [e Rússia].

9) Distanciamento dos demais países.

Uma nova guerra fria entre os EUA e seus rivais - não apenas a China, mas também a Rússia, o Irã e a Coreia do Norte.

10) Novas pandemias e mudanças climáticas.

Um último relatório que vale a pena ser brevemente analisado trata-se de uma publicação de março de 2021 produzida por um conselho de inteligência internacional, organizado por analistas independentes nos EUA. Publicado a cada quatro anos desde 1997, o *Global*

Trends avalia os principais tendências e incertezas que irão moldar o ambiente estratégico para os Estados Unidos durante as próximas duas décadas. Em 2021 o relatório fez um estudo audacioso chamado tendências globais 2040 e por ser um relatório de previsão para 20 anos já adianta que não reivindica infalibilidade por suas profecias, mas trabalha com “estimativas cuidadosamente consideradas”.

Em minhas pesquisas citei o relatório Eurásia que estrutura análise para o mercado financeiro, já este relatório *Global Trends* fornece estrutura analítica para o setor de segurança nacional e ambos especulam em futuro incerto, não são previsões específicas, mas formulações de cenários futuros possíveis. Tomemos como exemplo os institutos de pesquisas em eleições democráticas, todas as pesquisas serão diferentes entre si nos resultados, mas ao sobrepor e comparar todos os índices de pesquisa é possível visualizar uma média aproximada e extrair o melhor resultado. Algo semelhante acontece com esses relatórios sobre o futuro - cada um tem sua metodologia e formulas de análises, e se realizarmos uma comparação teremos condições de analisar tendências anteriores e muitas coletas de dados e pesquisas. Nosso papel é sintetizar esses relatórios com análises de acadêmicos como Peter Turchin, Jared Diamond, Nassim Taleb e outros, assim teremos disponíveis teorias e dados que nos oferecem conhecimentos para compreender pontos cegos.

O relatório *Global Trends 2040* é organizado em três pilares de investigação:

-- Forças estruturais (demografia, meio ambiente, economia e tecnologia)

Como estas forças estruturais interagem produzem o segundo pilar:

-- Dinâmica emergente (indivíduos/sociedade, estados e sistemas nacionais).

Com base nos dois primeiros pilares é possível identificar pontos-chaves e criar o terceiro pilar:

-- Cenários futuros (até 2040). As principais tendências.

O relatório reconhece que oferece análise com humildade, pois o futuro se desdobra de maneiras não previstas e incertas.

Tendo em vista que nossa pesquisa está sob uma cosmovisão bíblica cristã, toda análise se fundamenta na leitura das habilidades analíticas falíveis da revelação geral de Deus na natureza, porém o mais importante, baseado na infalibilidade das Escrituras Sagradas podemos como cristãos realizar uma leitura considerando a inerência da Palavra de Deus, sua revelação especial. Sim, podemos compreender o mundo pela cosmovisão da Palavra de Deus e fazermos a leitura do nosso tempo, os desafios e mudanças que teremos. Historicamente, a igreja tem uma poderosa resiliência e adaptabilidade às crises mundiais. Covid-19, crises econômicas, guerras, mudanças climáticas ou qualquer agenda globalista e desafios existentes --- a igreja tem uma excelente capacidade de resposta, principalmente quando ela coloca em prática sua Grande Comissão e Mandato Cultural; quando ela avança no poder do Evangelho. O povo de Deus sabe o que é viver no deserto e nas cidades, nosso Deus é Deus das colinas e dos vales, de Israel e dos confins do mundo. Hoje estamos mais conectados, mais urbanos, e nosso tempo impulsiona novos desafios. Quais são as tensões em nossa sociedade que exigem atenção especial? Segundo este relatório Global Trends 2040 os temas mais importantes:

1. Desafios globais: Mudanças climáticas, doenças, crises financeiras e mudanças tecnológicas.

Estes elementos combinados ou isolados causam tensões significativas. A crise covid-19 sem dúvida só se iguala as consequências pós Segunda Guerra Mundial, com consequências nas

áreas de saúde, economia, política e segurança (terão longa duração as consequências). As mudanças climáticas terão influência na insegurança hídrica e alimentar atingindo especialmente os mais pobres, provocando migrações e novos desafios para a saúde e segurança. Novas tecnologias estão alterando o mercado de trabalho, a industrialização e a política.

2. Fragmentação: Descentralização e distribuição em níveis diversos, desde comunidades, estados e âmbito internacional.

As dificuldades em abordar os desafios aumentam a fragmentação nas comunidades, estados e internacionalmente. É o paradoxo do século XXI, ao mesmo tempo em que temos um mundo mais conectado (tecnologia, comunicação, comércio, movimentos de pessoas), simultaneamente temos as pessoas mais divididas. Quanto mais facilidade de comunicação com mais pessoas, mais colisões de perspectivas, mais tensões. E por parte dos governantes mais autoritários e até mesmo por parte de setores de mídias-tecnologias-comunicação surgem mais tentativas de repressão digital para tentar controlar populações. Como a comunicação/informação hoje é mais descentralizada e mais distribuída (não centralizada), as conexões tendem a se aprofundar, espalhar e gravitar em torno de silos de informações, reforçando crenças, opiniões, culturas, preferências políticas, e desse modo a globalização cresce, porém fragmentada. Esta descentralização atinge todas as esferas da sociedade. A baixa confiança nas instituições geram novas reações.

3. Desequilíbrio: Sistemas, organizações, alianças, regras, normas não conseguem resolver os problemas globais enfrentados pelas populações.

Exemplo, a crise covid-19 demonstrou fraqueza em coordenação sobre a crise sanitária. De modo geral, as instituições existentes não se harmonizaram para solucionar os desafios, conseqüentemente os protestos aumentaram, potencializados pela

alta conectividade, como expressão de insatisfação e falta de confiança nas instituições que lideraram o processo. Os protestos tendem a aumentar, pois cada grupo requer uma agenda e expectativa. Como a mídia também age como um grupo de interesses específicos aumenta mais ainda o desequilíbrio social. Quem confia nas instituições existentes? As contestações e tensões serão crescentes, gerando mais divisões, mais competições em todos os níveis. Há uma expectativa que haja mais filiações identitárias, mais partidos, mais politização, mais fraturas sociais, fragmentações, polarizações e tensões entre governos e sociedades. As populações estão mais informadas e com maior capacidade de expressar suas demandas. As demandas são sempre crescentes por razões demográficas e nenhum sistema único oferece resposta em todos os níveis.

4. Adaptação: Os temas acima exigem adaptações às mudanças diversas, seja epidemiológica ou climática.

Muitas populações mundiais estão envelhecendo (China, Japão, Coreia do Sul, Europa e outras) e isto implica restrições de crescimento econômico. Para estes problemas de força de trabalho e econômico uma das respostas é a **automação** da Industrialização das tecnologias emergentes e reinvenções digitais (Inteligência Artificial, robótica, Internet das coisas, computação em nuvens, criptomoedas e outros), outra resposta pode ser a **imigração**, porém a presença estrangeira pode ser uma solução ou um problema, neste momento faltam consenso social e confiança nas instituições e políticas que ofereçam soluções nos principais setores sociais. A falta de confiança provoca queda no otimismo social e tornam as mudanças, adaptações (econômicas, tecnológicas e demográficas) mais desafiadoras.

5. Alguns possíveis cenários (tendência):

- A. Mais democracias e menos controle sociais. O cenário inverso que acontece hoje na China e na Rússia. Uma abertura para

uma demanda reprimida de mais liberdades e inovação sufocada.

- B. As políticas climáticas (a competição do século XXI) contribuirão para instabilidade política e militar, podendo ocasionar maior polarização e nacionalismo parcial. – Instabilidades ideológicas.
- C. Nenhum poder geopolítico se posicionará como dominante em todas as regiões. Uma coexistência competitiva no sistema internacional. Nenhum poder predominante, único, que domine todas as regiões, tendência para uma gama mais ampla de atores irão competir para moldar o sistema e atingir objetivos mais restritos.
- D. EUA e China terão maiores influência na dinâmica global. Os países orbitarão em torno dessas potências. Até 2040 teremos um mundo mais disputado, um tipo de “guerra fria”.
- E. Mundo à deriva: O sistema internacional sem direção, sem liderança, caótico e volátil. Instituições desacreditadas e ignoradas, mais divisões e paralisias políticas.
- F. A China aproveita os problemas do Ocidente para expandir sua influência.
- G. O risco de grande guerra é baixo. O que não afasta o risco de conflitos regionais.

A globalização total de poder não acontecerá por parte de nenhuma nova ordem mundial.

O relatório é amplo e há muitos mais perspectivas a serem pontuadas. Em curto prazo os sistemas internacionais, em especial por causa das tendências catalizadoras da grande crise Covid-19,

continuarão atuando com maiores intervenções governamentais. Em nome da “ciência” ou retórica política de “maior defesa do cidadão” aumentam o partidarismo e polarização. De modo global, instituições internacionais como OMS (Organização Mundial de Saúde) e ONU (Organização das Nações Unidas) demonstraram suas fraquezas políticas e a baixa capacidade de cooperação multilateral em abordar desafios como epidemias e clima. Neste cenário de desconfiança nasce o potencial de elevação de atores não governamentais, instituições particulares de pesquisa e desenvolvimento com atuação em futuras crises de saúde, por exemplo, incluindo alertas, monitoramento, tratamentos, compartilhamentos de dados, aumento da descentralização etc. É uma diminuição expressiva de poder estatal se desenhando. Este enfraquecimento das instituições poderá diminuir o poder da ONU e organismos internacionais, e a saída para este problema não é mais centralização de poder, e sim, menos! Mais descentralização.

A globalização total de poder não acontecerá por parte de nenhuma nova ordem mundial. Seja por Grande Reset, seja pelo projeto internacional comunista ou globalista, todos os relatórios e analistas apontam “tentativas”, conflitos, mas há uma impossibilidade intransponível no domínio total: A descentralização dos sistemas de informação e tecnológicos. A transição, as mudanças geram tensões conflitos e instabilidades. Os poderosos acuados por conflitos internos poderão deflagrar guerras regionais. A cooperação tão sonhada pelo Grande Reset é irreal como experimentado pelo fracasso político frente à crise Covid-19 e poderá ser também quanto aos problemas climáticos nesta década. As mudanças estão gerando um novo tipo de ludismo (O movimento Ludita é o nome dado a um movimento ocorrido na Inglaterra entre os anos de 1811 e 1812, que reuniu alguns trabalhadores das indústrias contrários aos avanços tecnológicos em curso, proporcionadas pelo advento da primeira revolução industrial), um choque de transição.

Os poderosos acuados por conflitos internos poderão deflagrar guerras regionais.

Encruzilhada histórica

O diagnóstico de Davos/Grande Reset é este: Acrise Covid-19 e as perturbações políticas, econômicas e sociais que ela está causando estão mudando fundamentalmente o contexto tradicional para a tomada de decisões. As inconsistências, inadequações e contradições de múltiplos sistemas - desde saúde e financeiro até energia e educação - estão mais expostas do que nunca em um contexto global de preocupação com as vidas, meios de subsistência e o planeta. Os líderes se encontram em uma encruzilhada histórica, gerenciando as pressões de curto prazo contra as incertezas de médio e longo prazo. Não esqueça que o Grande Reset é uma resposta das elites europeias, especialmente, para se posicionar frente a expansão chinesa. Não é uma cooperação por um mundo melhor, mas uma cooperação por sobrevivência e manutenção de poder.

Janela de oportunidade para um “reset” – proposta de um novo contrato social.

O Grande Reset propõe moldar uma recuperação, ajudar nas relações globais e direcionar as economias, em busca de um “bem comum”. O discurso é atraente, observe um trecho disponível no site do Grande Reset:

“Com base na visão e na vasta experiência dos líderes engajados nas comunidades do Fórum, a iniciativa *Great Reset* tem um conjunto de dimensões para construir um

novo contrato social que honre a dignidade de cada ser humano”.

Os líderes do Reset enfatizam a importância de colocar os humanos no centro dos esforços de cooperação global. A retórica é poética, “bela e moral”. As democracias devem alcançar compreender e colaborar com as nações que não compartilham seus valores. Deve haver um forte apelo para a construção de uma estrutura multilateral que funcione para todos. O discurso é belo e moral, mas não sejamos ingênuos, é uma tentativa de diminuir a grande depressão pós-pandemia e manter o poder dos interesses das elites globalistas (por mais que estes termos soem como teoria da conspiração). Literalmente, para que este plano dê certo falta apenas combinar com os russos (e chineses).

No Salmo 2 é dito que as nações, os povos, os reis e os governantes conspiram contra Deus e o Ungido (v. 1-2). Eles fazem isso porque desejam ser libertados da autoridade de Deus: “Quebrems suas cadeias e desfaçamos seus grilhões” (v. 3). Este é o mesmo motivo para a oposição política e religiosa ao Cristianismo. Mas Deus se senta em seu trono e ri e zomba deles (v. 4). Ele não está em um diálogo amigável com os inimigos - ele zomba disso. Então Deus repreende e aterroriza essas pessoas (v. 5). Deus pune o desacordo. O Salmo diz que Deus estabeleceu seu Filho CRISTO, que governa com um cetro de ferro que pode destruir as nações. Da antiguidade ao Iluminismo e Globalismo, a autonomia e rebelião dos inimigos de Cristo tentam encontrar a bala de prata para eliminar Deus da humanidade, mas não existe. A nova temporada de “caça a Deus” é a crise Covid-19, a qual muitos consideram que é a tempestade perfeita do globalismo para ativar uma nova era, um novo normal, uma grande restauração. Grande ilusão. Até para o entendimento tribulacionistadispensacionalista, para tornar um caos na Terra é preciso que a Igreja esteja ausente, diferente do amilenista que coloca a Igreja no centro da desordem.

Em janeiro de 2020, líderes empresariais, governamentais e da sociedade civil se reuniram para tratar das questões mais urgentes para 2021 e além. Enquanto os debates giravam em torno da resposta desses grupos à crise COVID-19, surgiram temas-chave sobre como implementar uma **cooperação** internacional real. Cooperação é um termo caro em Davos, e na prática a cooperação global é extremamente difícil, principalmente levando em consideração todo histórico geopolítico dos séculos passados. Até que haja sobras e estoques de vacinas, a distribuição igualitária de vacinas não é uma realidade (quando a indústria farmacêutica estourar a curva dos lucros exorbitantes dará o resto das vacinas aos mais pobres), o crescimento econômico sustentável (e de preservação ambiental) é outra realidade distante. A cooperação global enfrentará muitos problemas e o Grande Reset simplesmente não será implantado, a não ser que algumas etapas sejam concretizadas em curto prazo, como:

1. Transparência. Alguns exemplos negativos: China e Rússia nas áreas econômicas, industriais, militares, cibernéticas, diplomáticas, liberdades e direitos humanos. Estes dois países darão respostas positivas em curto prazo? Toda **DESINFORMAÇÃO** e desconfiança serão resolvidas em 05 anos? [Exemplo: Mais de 1 ano de pandemia Covid-19 e ainda se busca a origem do vírus para saber se procede de modo natural ou manipulado e a China lança uma cortina de fumaça na investigação, controla e direciona a busca da OMS].
2. Clima. Colaboração e competição pela transição energética dos combustíveis poluidores para a energia limpa serão resolvidas em 05 anos? Nem em dez. Haverá cooperação dos maiores exportadores de gás e petróleo como a Rússia e Oriente Médio? Se o grupo europeu Grande Reset acelerar o processo de transição energética nesta década, como pretendem, haverá menos cooperação global.

Em janeiro de 2021, a Agenda de Davos (Grande Reset) reuniu virtualmente líderes globais para discutir como construir uma

estrutura global mais colaborativa para a era pós-COVID19. Percebam que o termo “cooperação” é amplamente usado nos discursos, porém o que prevalece na realidade é “competição”. A coexistência competitiva é uma realidade imposta, não ilusória. Covid-19 é um cavalo de Tróia e muitos líderes mundiais já sabem disso, o elemento surpresa foi desfeito. Todos os seres do pântano estão em Davos, como, representantes do Vaticano enviados pelo Papa mais comunista da história da Igreja Católica Romana, o Papa do Green New Deal, Francisco, Al Gore, Bill Gates (a Fundação Gates é uma fusão com o Fórum Mundial de Economia), George Soros, príncipe Charles e outros, todos falam abertamente em nova reconfiguração do sistema econômico mundial e que a crise Covid-19 é uma oportunidade para moldar o sistema, que é uma janela de oportunidade para reiniciar muitos países em um caminho “mais sustentável”.

Sem dúvida a ideia de RESET é uma aceleração da agenda globalista que favorece os interesses de um grupo (não de um país). Não se trata de um plano dos EUA ou país A ou B, mas de organizações supranacionais. O núcleo da verdade (encoberto) é a sobrevivência e manutenção do poder de uma elite (há outras elites em desacordos e uma competição entre as elites), e ao redor dos interesses de forças globais dominantes há uma rede de engodos, ilusões de um mundo “mais justo”, “mais sustentável”, “mais igualdade”, enfim, a velha tática das utopias inalcançáveis e subjetivas. Assim como as forças políticas, as elites que disputam o poder ficam acionando “gatilhos” para gerar algum movimento favorável aos seus interesses de poder. Todo arsenal simbólico ou semântico vale a pena para influenciar as camadas inferiores da pirâmide social.

Essencialmente é uma campanha de desinformação nos moldes da Guerra Fria, porém com a sofisticação das pautas do século XXI, como inclusões do progressismo, agendas de minorias como LGBT e grupos de frentes como ONU, ONGs, mídias e Big Techs. Não é possível compreender detalhes do mecanismo desse movimento

aliado (?) com a China comunista que está escondido no núcleo da verdade, suspeita-se de um “novo colonialismo” com menos liberdades. Como a China fará sua transição energética para uma mudança verde em 20/30 anos será impactante para o mundo, pois já demonstrou que tem potencial para construir cidades em semanas. É certo que os motores que movem o mundo estão na comunidade globalista de Davos e a crise Covid-19 é aparentemente uma oportunidade de ouro para esta elite.

O presidente chinês Xi Jinping afirmou em videoconferência para o mundo em Davos (2021) que, “a diferença em si não é motivo de alarme”, mas “o que soa o alarme é arrogância, preconceito e ódio”. E ameaçou que se o mundo não aceitar a política da China haverá uma nova guerra fria. Ou seja, direitos humanos, deslealdade industrial e comercial, liberdade de expressão são problemas chineses (de sua soberania) que não irão admitir interferências internacionais. Haverá ampla colaboração global com este posicionamento da China? O mundo conectado como está aceitará, sem contestar, um domínio chinês?

O presidente francês Macron afirmou em Davos (2021), a necessidade de um sistema capitalista que tire todos da pobreza e evite o aumento das desigualdades. Bonito discurso, cooperação internacional zero. A França está beirando uma guerra civil e tem sofrido com centenas de ataques terroristas.

Com todas as previsões de uma década difícil pela frente ações multilaterais, justiça social e muitos desafios sanitários, econômicos, sociais, ambientais e tecnológicos não terão avanços significativos em curto prazo, nos desafios geopolíticos, hoje, “é cada um por si” e colaboração pragmática e política.

Após a Reunião Anual de 2020 em Davos, o presidente do Fórum Econômico Mundial, Børge Brende, pediu “um período de renovação multilateral” para que o mundo enfrente a infinidade de riscos

econômicos, ambientais e tecnológicos que estão por vir. – Aqui está o ponto central que o Grande Reset precisa para funcionar e pelo panorama mundial atual não será realizável. O Covid-19 não só danificou a economia global, mas aumentou as tensões geopolíticas. Se China e Rússia avançarem em anexação de territórios, o que a OTAN vai fazer? Guerra total? Improvável. O futuro mais saudável, justo e próspero do Grande Reset terá que ser reajustado ou cancelado.

5

Para onde vamos daqui? Segundo o Grande Reset

A reconstrução de “um mundo melhor”, a necessidade por encontrar soluções para as **muitas crises** que temos pela frente: pandemias, a recessão econômica, as mudanças climáticas, as rachaduras em nossas instituições globais e outras crises que surjam exigem uma cooperação internacional. E segundo a liderança do Grande Reset se faz necessário:

1. Instituições internacionais fortes e eficazes

[Na contramão dos relatórios e analistas que apontam a fragmentação e fragilização o Grande Reset que tornar as instituições internacionais mais fortes] Dizem que, através da colaboração e cooperação internacional, a comunidade global foi capaz de erradicar a varíola, testemunhar 02 bilhões de pessoas saindo da pobreza extrema, reduzir a mortalidade por HIV / AIDS e conter surtos de doenças infecciosas de SARS, H1N1 e Ebola. A superação da comunidade internacional em ultrapassar a crise financeira global de 2008, e outros exemplos de cooperação supostamente indicam que é possível superar a crise Covid-19 nos mesmos moldes, porém o contexto internacional desta década é circundado pelo **protecionismo, nacionalismo, populismo e fraco multilateralismo**. Curiosamente os países da UE, do Grande Reset,

implantaram um nacionalismo das vacinas e fechamentos de fronteiras. E após um ano de epidemia a OMS ainda “mendiga” ajuda de vacinas para países mais pobres, as tensões migratórias polarizam as comunidades, EUA, CHINA e UE não hastearam a bandeira do multilateralismo.

Parece que quando certa realidade se impõe a um país, a ação imediata e real é priorizar seus interesses e o nacionalismo se fortalece rapidamente. Apenas para citar um exemplo, parte do dinheiro investido em segurança de alguns países (orçamento militar) daria para produzir vacinas e acelerar o processo de imunização mundial colaborando com a recuperação econômica global ou ainda se houvesse uma cooperação em quebrar as patentes das vacinas e permitir que os países mais industrializados pudessem produzir e abreviar o tempo de vacinação – certamente o número de mortes teria diminuído drasticamente em 2020/21. – Daí, estes mesmos industriais farmacêuticos irão discursar na Suíça, no Fórum de Davos, sobre “cooperação e um mundo mais justo”. Veremos a “solidariedade” da agenda de Davos 2021 durante a grande crise pós-Covid19 e “mudanças” climáticas.

2. Igualdade e justiça social

Mesmo antes da pandemia, a desigualdade “estava aumentando mesmo nos países que experimentaram um crescimento rápido”, disse Klaus Schwab do Fórum no Índice de Mobilidade Social Global 2020.

As consequências são "profundas e de longo alcance: um sentimento crescente de injustiça, precariedade, perda percebida de identidade e dignidade, enfraquecimento do tecido social, erosão da confiança nas instituições, desencanto com os processos políticos e uma erosão do contrato social". Nestas palavras é perceptível que o

diagnóstico está correto, a elite de Davos reconhece o contexto mundial que os relatórios e analistas indicam.

“A pandemia COVID-19 ampliou os desafios da injustiça social, colocando um holofote nas disparidades chocantes no grau de risco ao qual as diferentes classes sociais estão expostas”, escreveu Schwab em resposta aos protestos contra o racismo sistêmico. Racismo, xenofobia e outros preconceitos são apenas a ponta do iceberg do irracionalismo e intolerância produzidos pela guerra permanente provocada pela agenda globalista, agenda esta incentivada pela própria elite, por seus interesses econômicos.

O problema não é racial, é político-social, pois em nome da “ciência” (OMS) governos e mídias impuseram sucessivos lockdowns sobre populações pobres e agravaram mais ainda a desigualdade econômica, populações caíram e cairão na miséria por causa de “ciência” não comprovada. Não há justiça.

Impacto social devastador

A injustiça social é sistêmica mesmo nas nações mais ricas como os Estados Unidos, onde a pandemia teve um impacto devastador e ultrapassou 500 mil mortos. O desemprego ou subemprego, moradias precárias, condições de vida ruim e as condições de saúde se agravaram. A elite que detém 1% da riqueza global explora ao máximo o subemprego da massa trabalhadora e ao mesmo tempo se coloca como o grupo mais preocupado com a injustiça social e oferece uma proposta de um novo contrato social para o bem da humanidade. Basta analisar a distribuição da vacina do covid-19 e olhar para o final da fila, os países mais pobres estarão lá.

A Grande Reinicialização é um mantra dos mais ricos da UE sobre “justiça social, inclusão e desenvolvimento sustentável”. Se 10% do

esforço, da rapidez, do interesse em desenvolver dezenas e centenas de vacinas em tempo recorde de testes e fabricação fosse usado para combater a desigualdade social e econômica o mundo seria outro, e já teriam resolvido os problemas climáticos também.

O que nossa sociedade pode esperar do presidente da República Popular da China, Xi Jinping, do Secretário-Geral da ONU António Guterres, da presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, do presidente da França Emmanuel Macron, do presidente da Argentina Alberto Fernández, do presidente da Rússia, Vladimir Putin e do presidente dos EUA, Biden? Um mundo melhor e mais justo? Esta mistura de agendas globalistas, socialistas e autocratas não é uma combinação que trabalha por união.

Os maiores bancos do mundo, as maiores empresas de petróleo, construtoras, as maiores companhias de produtos, tecnologias e mídias estão preocupadas que um morador de rua esteja morrendo ou que um pai de família não possa vender água mineral num semáforo? Os bancos de Wall Street que provocaram uma grande crise financeira mundial em 2008 hoje estão mais poderosos e muito mais ricos do que antes. Certamente os tubarões banqueiros estão em Davos, mas existe um grupo mais fechado e mais poderoso financeiramente do que o Fórum de Klaus, trata-se do Grupo Bilderberg, um clube de elite global que se reúne anualmente. O grupo Bilderberg é uma das organizações mais ricas e controversas do mundo.

Esta elite realiza reuniões às portas fechadas por quatro dias em um resort de luxo em Montreux, na Suíça. O grupo tem cerca de 130 líderes políticos da elite mundial — e há entre os convidados figuras importantes da indústria, finanças, academia e mídia. A grande diferença entre este grupo e o Fórum Mundial de Economia, é que a imprensa não registra nada do evento. As maiores empresas estão presentes e os líderes mais poderosos.

Bill Clinton compareceu em 1991 em Montreux, na época ainda não estava claro se ele seria indicado pelo Partido Democrata para concorrer à Presidência dos Estados Unidos no ano seguinte. Ele acabou ganhando a indicação e as eleições, vencendo George H. W. Bush. Tony Blair foi ao evento em 1993 e só se tornaria líder do Partido Trabalhista no ano seguinte, após a morte de John Smith. Três anos depois, Blair foi eleito primeiro-ministro do Reino Unido. Sem dúvida é um grupo seletivo e poderoso.

Os teóricos da conspiração acusam o Grupo Bilderberg de tudo: desde criar deliberadamente crises financeiras até planejar matar 80% da população mundial. Quem sabe quando as máquinas e a automação tornarem totalmente desnecessário o subemprego humano o topo da pirâmide de Bilderberg queira eliminar a base, daria um bom roteiro de sci-fi.

O primeiro encontro do Grupo Bilderberg ocorreu em 1954, com o objetivo de reforçar as relações entre os EUA e a Europa e impedir outro conflito global depois da Segunda Guerra Mundial. Nenhum jornalista é convidado, nenhum comunicado é enviado à imprensa após a conclusão das reuniões e a organização mantém apenas um site básico. A união econômica e política europeia foi formada em 1957, dois anos após a reunião Bilderberg em 1954.

O sigilo desse grupo internacional provoca muita especulação. O grupo tem um poder genuíno que supera de longe o Fórum Econômico Mundial, que se reúne em Davos. Mas é importante frisar que esta elite é um bloco de poder mundial, mas há outros blocos e eles competem intralite, e nesta competição para que haja um alinhamento na constelação e um domínio global de nova ordem mundial é irreal.

Nos Estados Unidos, o receio mais extremo sobre o Grupo Bilderberg é de que ele seja uma seita oculta administrada pela União Europeia e que ameça as liberdades americanas. Na Europa, a visão

sobre o grupo é frequentemente a de uma elite do livre mercado tentando fazer avançar uma agenda econômica para a sociedade. Ou seja, é europeia e trabalha por interesses de sua elite.

Se existe um grupo secreto que pode moldar a direção do mundo é este e não o Fórum Mundial de Economia. E do grupo Bilderberg se sabe pouco. Temos que admitir que o público externo não tem acesso a informações de bastidores do grupo fechado e muito do que é falado é especulação. O Partido Comunista, por exemplo, tem reunião fechada que nenhuma imprensa terá acesso, portanto temos que examinar o que está disponível e como cristãos temos sempre um supremo padrão para interpretar a realidade. A partir da cosmovisão cristã reconhecemos que tudo que acontece nos governos humanos está debaixo do controle soberano de Deus e sabemos disso por sua Palavra.

Ao examinarmos os problemas do mundo não entenderemos sem as verdades excelentes que governam o universo.

Não temos que provar que a Bíblia é a verdade (a Palavra de Deus), podemos apenas afirmar o que é revelado e aceitar a autoridade suprema. Ou concordamos com a Palavra infalível de Deus, a verdade jurada por si mesmo ou teremos que concordar com a palavra falível de um mortal. Por esta verdade seremos acusados de irracionalidade e fanatismo, porém para o cristão a cosmovisão cristã é a verdade e o conhecimento parte das Escrituras. Ao examinarmos os problemas do mundo não entenderemos sem as verdades excelentes que governam o universo, como Decreto, providência, poder, soberania de Deus e seus atributos.

Podemos examinar todo contexto histórico do Império Romano e tentar entender como um pequeno grupo de homens dos confins da Judeia se transformou numa forte civilização cristã que testemunhou o colapso do Império Romano e permanece em expansão até hoje por todo mundo, mas não entenderemos a realidade se ignorarmos que o Senhor Jesus Cristo disse em Atos 1. 6-8: *Vocês receberão PODER quando o Espírito Santo vier sobre vocês; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra.* – O avanço da Igreja acontece pelo poder de Jesus Cristo e infelizmente muitos perderam a visão da verdade.

Se a providência de Deus não conduz a história, a Igreja já teria sido varrida da terra. Esta visão correta nos deve fazer entender que se o avanço da causa cristã dependesse de funcionamento político, de democracia, de tolerância humanista, de cooperação e compromisso dos homens aos contratos sociais, já teríamos sido exterminados, pois não somos ingênuos quanto a natureza humana caída. O que aconteceu com os judeus no primeiro século ao desafiar o poder de Roma? Tiveram Jerusalém e o templo destruídos e a rebelião sufocada, apesar de décadas de alianças e generosidades do Império Romano, até que o grupo mais fraco protestou e o grupo mais poderoso demonstrou quem manda. Todo e qualquer pequena reclamação judaica por “seus direitos” durante o tempo de aliança pacífica com os romanos só era aceita por interesse político de Roma, não porque os judeus eram livres para protestar.

O Império Romano poderia suprimir qualquer movimento que contrariasse seu domínio. O que era a Igreja no primeiro século? Perseguida duramente por judeus e romanos sobreviveu e floresceu por causa do poder de Cristo. Não que a Igreja não sofra perseguições na história, mas seu curso é invencível. Por qual motivo a Igreja de Cristo sobrevive clandestina na Coreia do Norte, Afeganistão, Irã e China nos dias de hoje? Os cristãos não podem nestes lugares ocupar uma praça para protestar democraticamente. Mas em muitas partes do mundo grupos podem protestar por seus

direitos e por mudanças políticas, e nada acontece com eles, não porque tenham algum poder, mas porque o governo os tolera.

Nesta tolerância das autoridades as pessoas podem reivindicar suas necessidades e por interesse dos poderosos até conquistarem alguns direitos, mas isto acontece por tolerância do poder maior. Até hoje ninguém sabe o número de mortos no massacre da Praça da Paz Celestial em Pequim (1989), estudantes, manifestantes civis pacíficos foram reprimidos pelo poder militar chinês. Uma grande multidão de jovens ocupou as ruas para protestar pela democracia, o governo chinês “poderia” tolerar, mas enviou soldados e tanques, massacrando o povo porque não era do seu interesse político permitir tal protesto. Observe que não se tratou de um protesto exclusivo da Igreja, mas da sociedade civil organizada, provavelmente apoiada por vários setores, inclusive a Igreja, e o poder do Partido Comunista simplesmente passou por cima dos protestos.

Para concluir este assunto vamos dividir os países mais fechados e com menos liberdades como **regimes autocráticos fechados** (China, um exemplo), e os parcialmente "fechados" como **autocracia eleitoral** (Venezuela, outro exemplo). Um grupo de cristãos pode protestar por seus direitos e por mudanças políticas na Venezuela e pode não ser massacrado, apesar dos perigos e ameaças, não há poder no grupo cristão em si para ter imunidade ao protestar contra um poder autocrático, mas o governo pode tolerar ou não. Independentemente do nível de perseguição e tolerância, os movimentos estão sujeitos às autoridades. A Igreja como um grupo protestante só pode reivindicar algum direito se a autoridade governante tiver interesse em ser tolerante. Toda história de sobrevivência e expansão da Igreja se deve ao poder de Jesus Cristo em ação, pois não depende de insurreição. Antes de Lutero no século XVI, quantos pré-reformadores foram sufocados em seus protestos? As configurações de poder político não se movem de modo aleatório, quem determina o curso da história é a Providência de Deus. Aparentemente, um monge solitário questionou todo poder religioso

e político da sua época e o evangelho propagou-se até o Novo Mundo.

Não é por força nem por violência nem por política, mas pelo poder espiritual. Este é o verdadeiro poder. As armas com que lutamos não são as armas do mundo. Pelo contrário, eles têm poder divino para demolir fortalezas (2 Coríntios 10.4). Devemos lutar com armas divinas, diretamente pela influência da propagação do evangelho, a Igreja terá seu espaço político indiretamente na sociedade, espaço o qual será beneficiado com paz para pregar o evangelho. A estratégia essencialmente é anunciar o evangelho pelo poder do Espírito Santo, em qualquer sistema político e em qualquer geração. O confronto direto, com armas humanas, é uma disputa no terreno dos pagãos, vencemos e avançamos pela pregação do evangelho, o poder do Espírito Santo num campo que os não-cristãos não têm armas para lutar. Cristo se manifestou: para desfazer as obras do diabo (1 João 3:8). O Senhor começou “amarrando o homem valente” durante Seu ministério terreno; tendo completado com sucesso Sua missão, Ele está agora saqueando a casa de Satanás e furtando os seus bens: Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus. Ou, como pode alguém entrar em casa do homem valente, e furtar os seus bens, se primeiro não maniatar o valente, saqueando então a sua casa? (Mt. 12.28-29; cf. Lucas 11.20-22). A partir da cosmovisão bíblica ajustada pela soberania de Cristo analisamos nosso tempo. Tomemos como exemplo algumas observações do nosso século XXI.

Os desafios mais importantes do mundo no século atual:

Baseado nos relatórios já citados, países (e bloco de países) importantes estão com sérios problemas externos e internos, exemplos: EUA, EU, Japão, estão sobrecarregados com problemas

econômicos, segurança e saúde. O Leste Asiático e o Mar da China Oriental estão envolvidos em problemas graves recorrentes e tensões regionais políticas e bélicas. Os EUA têm desafios de mudanças energéticas e há conflitos no Oriente Médio. Essencialmente, os maiores problemas são:

- Ascensão da China (China vs Japão/Coreia do Sul/Índia)
- Tensão no Oriente Médio (Israel vs Irã)
- O redesenho da Europa (países globalistas vs antiglobalistas)

Os principais países-chaves desses eventos: Japão, Israel e Reino Unido.

A China tem problemas estratégicos e diplomáticos com Japão, EUA, Índia e muitos outros.

A grande disputa pela região do Oriente Médio: Israel vs Irã.

E o Reino Unido (Brexit) é um obstáculo para a União Europeia e tem dificultado seu redesenho.

Podemos hoje ainda acrescentar os ciclos de epidemias com consequências econômicas e as bolhas das dívidas.

O conceito de G-Zero é criticado por alguns que argumentam que é um exagero afirmar um grande declínio do poder político e econômico dos EUA e subestima a capacidade dos países em desenvolvimento de desempenharem um papel importante no cenário internacional. O mais importante a entender é a falta de uma liderança mundial como os EUA estão perdendo.

No relatório do Grupo Eurásia (2021) há uma projeção que os fatores que impulsionam o G-Zero irão se intensificar. Um dos maiores fatores/complicadores que não permite um domínio global se chama: Dívida. As principais crises financeiras mundiais passam pelo problema das dívidas, desde a Zona do Euro, China e EUA. E a

tendência é o agravamento das dívidas (e estouro de bolhas) por causa da contração econômica de 2020, ano da pandemia global. Recessão profunda apenas comparada aos piores cenários econômicos pós-segunda guerra mundial. Outra crise financeira global como houve em 2008 somada às consequências da crise Covid-19 tem o potencial de tornar a atual década como a mais desafiadora neste começo de milênio.

Maiores Riscos segundo os relatórios

O risco máximo em 2021, em primeiro lugar: Os EUA divididos. E não há expectativa de unidade interna no momento. A divisão permanecerá por tempo indeterminado. Observação: Não é um governo dividido em condições normais (como nas eleições anteriores). **Tamanho racha nunca aconteceu em nenhum país do G7 em tempos recentes e aconteceu exatamente com a democracia mais poderosa do mundo.** Apesar dos discursos sobre unidade na política doméstica dos EUA, o atual presidente, Joe Biden, assina uma grande quantidade de ordens executivas que aprofunda ainda mais a fratura interna americana com pautas sobre clima, aborto e imigração contrária à metade do país. No discurso o presidente atual dos EUA fala em unidade, mas na prática têm aprofundado o abismo social.

Tamanho racha nunca aconteceu em nenhum país do G7 em tempos recentes e aconteceu exatamente com a democracia mais poderosa do mundo.

Em segundo lugar: **A cauda longa do Covid-19.** Uma crise sanitária e econômica sem precedentes. Elevação da dívida pública,

forte desemprego e declínio da confiança nas instituições e governos que estão à frente. O governo atual dos EUA é o com menor aceitação de legitimidade da história. 2022 promete mudanças no jogo eleitoral americano no congresso e forte disputa pelo poder em 2024.

Terceiro lugar: **Clima**. A agenda do meio ambiente está só esperando passar a crise Covid-19 para acelerar a maior competição da década em liderança de mudanças energéticas e tecnologia verde. E o grande risco nisto é que falta uma coordenação para uma competição mais justa. Veremos uma competição entre a EU, China e EUA, todos com graves problemas de poluição por causa da industrialização (os três são os maiores poluidores do planeta). A Alemanha atualmente lidera as reivindicações climáticas junto com a França (a saída da chanceler alemã, Angela Merkel, prevista para 2021, pode projetar Macron como liderança mundial na agenda climática, porém Joe Biden entrou na disputa pelo protagonismo). As projeções de mudanças climáticas, tecnológicas e energéticas previstas para até 2030 serão reajustadas para uma nova janela até 2050. Muito possivelmente a agenda ambiental do Grande Reset terá que ser reajustada. Esta década de 20 (atual) usará sua energia para recuperação econômica pós-pandemia e ainda tem muito petróleo para queimar. A transição energética não será rápida.

Quarto lugar: **EUA vs China**. Competição desde vacinação e competição tecnológica (tecnologias verdes/climáticas e comunicação/5G). Os países mais poluidores do mundo terão que reverter drasticamente suas políticas energéticas e ao mesmo tempo manter níveis razoáveis de empregos. Desafio suficiente para aumentar a instabilidade social dessas nações. No campo diplomático os EUA pressionarão a China pró-direitos e democracia, motivos de agravamentos entre o G2.

Quinto lugar: **Big data**. Os dados globais serão o grande jogo da década. Governos e empresas estão cada vez mais coletando

múltiplos dados que provocam diversos riscos desde privacidade às censuras e vigilância social.

Sexto lugar: **Guerra cibernética.** Os conflitos geopolíticos irão se intensificar. Países como China, Rússia, Irã, Coreia do Norte, EUA, Israel e outros estão em prontidão máxima contra ataques potencialmente perigosos. Os volumes de dados somados aos ciberataques podem gerar maior volume de espionagem política, industrial e bélica; também colocar populações, nações, segurança e economia em risco. Um dos maiores problemas da guerra comercial entre o G2 é o roubo de informações industriais e quebra de patentes por parte de chineses. A Coreia do Norte, aliada chinesa, atualmente é acusada de invasões hackers e roubos de moedas digitais para usar o dinheiro roubado em investimento em armas nucleares. Outras acusações desse nível recaem sobre russos e iranianos. É coerente considerar que União Europeia consiga resetar o mundo? O Grande Reset não tem poder de reconfigurar o mundo com esta complexidade geopolítica atual.

O Grande Reset não tem poder de reconfigurar o mundo com esta complexidade geopolítica atual.

Aqui um conselho para os cristãos: Não caiam em alarmismos e sensacionalismo de quem lucra com teorias da conspiração! O curso da história tem direção e propósito na soberania de Cristo. Tenham foco, paciência e prudência em trabalhar pelo Reino de Cristo usando todas as armas da Igreja, pregar e viver a mensagem de Cristo em sua plenitude, avançar com resistência e resiliência, não cruzar os braços. Temos um mundo complexo como campo missionário, devemos socorrer os mais fracos e pregar o evangelho de Cristo, curar enfermos e saquear o território inimigo. Ao examinarmos relatórios não devemos buscar sinais do fim, mas procurar entender melhor o

campo de atuação da Igreja para avançar, para expandir o Reino de Cristo.

Outros riscos que os relatórios indicam são: Crises na Turquia e Oriente Médio. Problemas regionais bélicos, refugiados e migrações; envolvimento com guerras, fronteiras e problemas relacionados ao petróleo da região (produção e preço) e o Irã. Mais uma demonstração da fragmentação e desalinhamento geopolítico mundial é resultado do anúncio em fevereiro de 2021, por parte dos EUA, em não mais apoiar as operações militares lideradas pela Arábia Saudita no Iêmen (Zona de conflito permanente e tragédia humanitária) e também a saída do Afeganistão. O Irã realiza operações de interesse militar no Iêmen e tem pressionado os EUA a retornarem ao acordo nuclear de 2015 para amenizar as sanções sobre o Irã. A segurança regional do Oriente Médio depende do alinhamento EUA-Israel, e cada afrouxamento de freio na região maior o risco de crise humanitária. O Irã quer fazer do seu programa nuclear uma moeda de troca “diplomática” e a tensão na região aumenta gradualmente até potencialmente ultrapassar a linha vermelha para um conflito de fato. – Você acha mesmo quem alguém consegue resetar o Oriente Médio? Essas mudanças geopolíticas são de interesse das agências missionárias cristãs para evitar territórios mais perigosos e também para atuar em países mais fechados com mais segurança.

Com base nesta dinâmica incerta do nosso tempo, repleta de fatores desestabilizadores, competitivos, descentralizadores, mudanças acontecendo o tempo todo, **nada sinaliza uma transição para um tipo de governo global**, pelo contrário. O Grande Reset é uma pretensão de uma reunião de líderes mundiais que deseja trazer um pouco de ordem para estas crises sistêmicas pós-Covid19 aos moldes europeus. Podem até fomentar uma necessidade de direção e liderança, que haja um maior controle mundial (o que é uma impossibilidade prática). Uma grande reinicialização é uma impossibilidade prática no mundo atual fragmentado e desalinhado. O G-Zero (que não é uma estrutura nem instituição, mas um sistema

dinâmico espontâneo de descentralização) estará simultaneamente procurando meios como pode reduzir o efeito de qualquer tentativa de Grande Reset. O Grande Reset é falho por ser centralizador num mundo descentralizado.

Uma grande reinicialização é uma impossibilidade prática no mundo atual fragmentado e desalinhado.

O Grande Reset pode desenvolver sua ideia central em querer ampliar o capitalismo de modo sistêmico e ao mesmo tempo ter um maior controle global, enquanto articula uma colaboração difícil com o G20. Seria uma nova “Guerra Fria”, centralizadores vs descentralizadores; sistema vs antissistema; uma competição da base ao topo. A mais recente declaração do presidente chinês em 2021, no encontro virtual do Fórum Mundial de Economia foi que o mundo deixasse de lado o que ele chamou de “preconceito ideológico” para não iniciar uma nova guerra fria. O termo guerra fria está sendo replicado mundialmente. A China, leia-se: Partido Comunista Chinês (PCC), tem reconhecidamente um regime totalitário com seu povo, e tal sistema administrativo controla a informação e transparência. O PCC se esforça para manter uma economia de mercado totalitária, e historicamente os economistas já demonstraram que não funciona uma economia de mercado sem democracia, e se por um fator de necessidade econômica (seja por força imperativa de manutenção no ranking do poder econômico mundial, seja por necessidade de uma classe média mais exigente em ascensão) a China tenha que se abrir para a democracia, o PCC desmoronaria (junto com a Coreia do Norte) e toda demanda reprimida em termos de livre mercado, liberdade de expressão, de imprensa e religiosa transformaria o mundo como conhecemos hoje.

A China de 2021 é um país que não respeita direitos humanos e liberdade de expressão, e não será aceita como liderança política-cultural global. A China pode se tornar temporariamente a maior economia do mundo, sim! Mas dominar o mundo é mais do que simplesmente ter dinheiro, falta combinar com os russos (com os japoneses, americanos, indianos, europeus etc). A China hoje não tem condições de implantar uma nova ética global, sua economia é desumana e predatória, manter este sistema é manter o PCC. Independentemente de planos de domínio global, seja da China, seja da União Europeia ou do Islã, a Igreja tem que continuar avançando e pregando a mensagem de Cristo. O único sistema centralizador que funciona de modo dominante e gradual é o comando de Cristo a partir da sua Palavra: **É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações.** Mateus 28.18,19.

A Igreja não tem o luxo de parar seu avanço e expansão, quem mandou parar de cingir o lombo e trabalhar? Deus tem um plano de conquista perfeito, basta a Igreja pregar o Evangelho e cumprir sua missão em ajudar pessoas em oração e boa ação, curar os enfermos, expulsar demônios, profetizar e operar sinais e maravilhas, este é o ataque que destrói os planos de reset humanos. Não há outro. A política (regional ou global) e educação não serão dominantes nem pela ONU nem pela UNESCO, mas pelo poder de Deus. A Igreja não pode esperar favor do mundo, espere resistência, crítica, repreensão, pois a cruz é escândalo, ela ofende o mundo. A Igreja não pode evitar sua missão. A prioridade da Igreja é sua missão e não a política do mundo, a política pode ser transformada assim como o mundo pode ser transformado pela expansão do Reino. A transformação política é indireta e traz benefícios de autopreservação e avanços para a Igreja.

João Batista quando foi preso questionou se de fato Jesus era o Messias político que lideraria uma revolta contra todos os inimigos de Israel, e Jesus responde: **Diga a João que os cegos estão**

recebendo visão, os aleijados andando, os leprosos limpos, os surdos ouvindo, os mortos ressuscitando, os pobres estão recebendo as boas novas. A resposta para a análise política de João foi **pregação e poder**, não militância política. Muitos cristãos hoje querem um Jesus para derrubar o Partido Comunista Chinês. Derrubar um governo por derrubar sem preenchimento de vácuo do poder pela mensagem de Cristo, é abrir espaço para governos piores, como aconteceu na Primavera Árabe (2010-2012). A missão da Igreja é expandir e conquistar espaços gradualmente com a pregação do Evangelho. Tentar remodelar a sociedade sem o poder de Deus é assinar decretos anticristãos com sorrisos educados, civilizados e assassinos nos lábios. Como bem resumiu Vincent Cheung:

“A expansão de que a Bíblia fala é espiritual, não política. Se resultar em mudança política, o fará apenas indiretamente. À medida que o evangelho se expande para influenciar mais pessoas em mais níveis da sociedade, essas pessoas naturalmente favorecem as políticas bíblicas. Mas a expansão é explicitamente espiritual - refere-se a uma difusão de ideias e poderes espirituais, incluindo poderes milagrosos. Focar diretamente no político é cometer exatamente aquilo que Jesus condenou - “pois você se preocupa com as coisas dos homens, e não com as coisas de Deus”. A obsessão cristã com a política é uma luxúria natural, um ídolo e um substituto para a promessa de poder no evangelho, que os espiritualmente fracos e rebeldes rejeitaram por causa da incredulidade”.

6

CONTRAMUNDUM

Existe um caminho de resistência – sempre haverá! – “contra mundo” (contramundum) guiado pelo próprio Senhor JESUS, o qual está à frente como Rei. Cristianismo e cultura mundana sempre tiveram embates na história, não é novidade. E biblicamente temos um Comandante invencível guiando e protegendo seu povo ao longo da história. E a Palavra de Deus, a qual tem absoluta confiança e infalibilidade garante que os planos dos perversos não prosperem.– “O Cristianismo não somente sobrepujará toda oposição, mas se destacará em toda competição; ele será exaltado acima das colinas.” Comentário de Matthew Henry sobre Isaías 2.2.

A mensagem do nosso General Cristo é clara: Os gentios são sua herança e toda terra é posse sua! (Sl 2). Temos um Rei vitorioso e temos um Reino. E Ele ordena o avanço. Assim como Deus ordenou Moisés e Josué para marcharem com seu povo no deserto em direção à terra que prospera leite e mel, temos na Grande Comissão conquistas e vitórias. A graça de Cristo liberta seu povo do medo servil, do poder do pecado, do jugo da lei e das religiões, da morte, do inferno, da cegueira, da dureza de coração, de todos inimigos de Cristo. Quando Cristo liberta, é a mais perfeita, plena e verdadeira liberdade (João 8.36).

O Senhor Jesus Cristo trabalha na liberdade individual e social dos povos, na verdadeira liberdade que só o evangelho traz. Aquele que é liberto da prisão do pecado deve se transformar num defensor da

liberdade civil, não pela liberdade civil em si, mas pela liberdade para expandir o evangelho. Um estado pode ser laico, mas o cidadão, cristão. Isto implica em não exercer a fé apenas em casa, individualmente, mas em praça pública e nos campos de guerras. **O púlpito da Igreja pode ser num templo, mas o púlpito do Reino deve ser em todas as esferas da vida.** O cristão pode e deve avançar na pregação da mensagem de Cristo e com as armas espirituais para destruir fortalezas, transformando assim a sociedade e dissipando as trevas. Temos uma missão a cumprir antes que Cristo retorne em sua segunda vinda, o tempo para avançar o evangelho e a justiça por toda terra. Quanto maior a igreja mundial mais estabilidade social, paz e prosperidade (Isaías 11.9; João 3.17). Esta é a esperança pós-milenar. O poder do evangelho é para todas as nações. O próprio Jesus prometeu abençoar com poder e crescimento seu reino (Mt 13.31-33). Nosso trabalho não é em vão, a colheita é grandiosa como as estrelas do céu, a vitória do evangelho é na história coroada com o retorno glorioso do Senhor (At 1.9-11). Em toda Escritura podemos encontrar a perspectiva otimista de vitória terrena e esperança histórica. - Sl. 22:27; Sl. 47:7-9; Sl. 67:2, 7; Sl. 86:9; Sl. 87:4; Sl. 102:15; Sl. 110:1; Sl. 72; Sl. 2; Is. 2:2-4; Ez. 47:1-12; Mq. 4:1-3; Mt. 13; Mt. 28:18-20; 1Co.15:20:28:

O púlpito da Igreja pode ser num templo, mas o púlpito do Reino deve ser em todas as esferas da vida.

Como a Igreja pode esconder a luz de um farol no escuro? A Igreja deve continuar pregando publicamente sobre a soberania de Deus e a liberdade em Cristo! Sobre o temor a Deus, seus mandamentos e seu juízo; **TUDO CONSELHO DE DEUS!** O Estado nunca poderá ser o senhor das consciências das pessoas. Se possível tenhamos paz com todos. O Cristianismo tem valores inegociáveis de liberdade de consciência, liberdade religiosa e liberdade civil. O lugar onde é

retirado o Evangelho se instala uma tirania. Se os sistemas mundanos querem menos Evangelho, a Igreja deve nadar contra a corrente e oferecer mais Evangelho. Esta é a resistência do povo de Deus.

Não podemos generalizar, nem todas as igrejas denominadas cristãs são igrejas de Cristo, mas heréticas, mortas e incrédulas. Muitas igrejas nem deveriam existir, tais igrejas são lideradas por dominadores de rebanhos, agem como terroristas emocionais sobre os membros. O cristão que tiver numa igreja assim é melhor sair e buscar a liberdade para pregar a mensagem de Cristo com poder. E ao pregar, ao avançar não precisa necessariamente de nenhuma autorização denominacional. Autorização eclesiástica muitas vezes colabora na ordem da igreja, mas não é algo indispensável. E também não significa que todo cristão pode liderar uma igreja, pois é preciso chamado e vocação de Cristo, porém em principio nenhum cristão é proibido de plantar igreja. Muito cuidado ao sair de uma igreja e cair nas garras de outros grupos piores. Jesus enviou o Espírito Santo para que sejamos suas testemunhas por todo mundo.

Cristãos, não tentem reconstruir a sociedade sem o poder do Evangelho, quem insiste nisto não está interessado em estender o Reino de Cristo, mas em impor sua própria ideologia sobre o funcionamento adequado da sociedade.

O alvo da inteligência é a sabedoria (Pv 17.24). Sabemos que temos um conflito com os sistemas mundanos, o que devemos fazer? Refugiar-se num gueto de irrelevância (ou aposentadoria covarde) ou criarmos resistências e defesas? Se o ataque é certo, não devemos contra-atacar? O que estiver à nossa mão devemos fazer com diligência para a glória do Senhor. Historicamente a Igreja sofre ataques internos (heresias e apostasias) e externos (perseguições). Parece uma luta inglória, mas esta é a luta de sempre, estes são os fronts, não se surpreenda. Ou a Igreja luta ou se refugia no porão. A Providência de Deus na história lida de modo especial com seu povo. O Senhor Jesus é o Senhor da história. Ele colocará todos os seus

inimigos debaixo dos seus pés. Cumpre a Igreja tão somente continuar pregando a mensagem de Cristo com autoridade e poder. Muitos caíram e tombaram nas batalhas, mas são batalhas! E os mártires recebem sua coroa de glória do próprio Cristo!

Os problemas sociais, políticos e econômicos do século 21 não são os piores de todos os tempos para os cristãos e podem não ser os últimos, pois os efeitos do pecado e da incredulidade das pessoas não regeneradas sempre existiram, e a Igreja em sua Grande Comissão ao longo da história tem pregado Cristo convertendo pessoas, nações, trazendo salvação. Simples assim. A soberania de Deus atua poderosamente por meio do Espírito Santo transformando muitos inimigos em amigos, trevas em luz, salvando, curando e libertando. Não há limites para o poder de Deus. E Ele deu ao seu povo muitas promessas. Creiamos nas promessas d'Aquele que pode cumprir infalivelmente e avancemos. A Igreja na história não apenas sobrevive, mas prospera. E se Jesus não tivesse nascido? Como seria o mundo hoje? Nosso calendário é dividido pelo nascimento do Senhor. O último grande império ruiu diante dos olhos da Igreja, enquanto a Igreja permaneceu de pé. Todos os impérios caem e a Igreja continua. A Igreja prossegue apesar das igrejas. – “Pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão. Tu os esmigalharás com uma vara de ferro; tu os despedaçarás como a um vaso de oleiro.” (Sl2. 8-9).

Mandato Cultural e Grande Comissão

O mundo tem uma declaração de missão? A Igreja tem uma superior. O povo de Deus não pode perder seu foco missionário no mundo: Mandato Cultural e Grande Comissão, duas pernas do peregrino cristão. E nossas armas são espirituais, sim, podemos agir com violência espiritual. Quando a igreja recua é para agir em outro momento mais forte. Não existem esferas no mundo que a Igreja não

possa atuar. A Igreja hoje, em grande parte passa por um estado de refúgio e irrelevância na sociedade, seja no sistema educacional, político e outras esferas. Os bolsões de territórios estão em recuo, porém há uma crescente quantidade de comunidades cristãs por todo o mundo que tem pregado a mensagem de Cristo com coragem e ousadia, não com covardia e incredulidade. Exercer o domínio é desafiar tradições, sejam tradições religiosas incrédulas nos poderes de Deus, sejam tradições pseudocientíficas que determinam o que é a verdade sem nunca conhecê-la, sejam tradições culturais sob pretexto humanista ao mesmo tempo em que distorcem a vontade do Criador. Declarar a verdade com ousadia é pregar a mensagem de Cristo.

A escatologia mais profunda deve permanecer não em especulações futuras, mas na CRISTOLOGIA.

A esperança na vitória de Deus na história não é pelo que vemos circunstancialmente, mas pela fé em quem Cristo é, o que Ele diz, fez e faz. A escatologia mais profunda deve permanecer não em especulações futuras, mas na CRISTOLOGIA. O que é revelado de Cristo é o que determina nossa visão escatológica. Crer no que se vê é a falácia do racionalismo. A crença numa escatologia deve ser fundamentada somente em Cristo. Ele é o Senhor da história, Ele é o Alfa e o Ômega. Ele reina em seu trono celestial, devemos confiar plenamente em sua vitória completa, Ele já venceu o pecado e a morte, o que mais podemos temer? Andemos pela fé e não por vista. Os homens sem esperança colocam sua confiança em sua inteligência e nas coisas do mundo. A igreja precisa focar menos no mal e nas rebeliões, e colocar o Reino em primeiro lugar. Muitos crentes estão alarmados e temerosos pelas mudanças no mundo. Enquanto a Palavra exorta não temer. Quantas promessas de vitórias de Deus nos são reveladas? Temos um Rei e temos um reino.

Se em sua escatologia você é pré-milenista ou dispensacionalista você tem a ESPERANÇA do arrebatamento, ESPERANÇA **EM TEMPO**, antes de uma grande tribulação, sua prática deve ser de refúgio num mundo dominado pelo Inimigo que tem cada vez mais espaço de atuação na história quanto mais perto a expectativa do arrebatamento se aproxima. Se sua visão escatológica é amilenista você possui uma ESPERANÇA do juízo final, ESPERANÇA **TARDIA**; as dores de parto estão a aumentar, o mal só cresce seu campo de ação, não haverá esperança de arrebatamento antes de uma grande tribulação, portanto terá que passar por um período terrível e o máximo que pode tentar fazer é fugir, escapar, sobreviver de alguma forma até que a história termine com o juízo final.-- Estas duas cosmovisões escatológicas minam tentativas de reação e resistência por parte da Igreja, ela simplesmente espera que o fim chegue logo e enquanto não chega muitos enfraquecem em pessimismo prático e real (consequência natural da expectativa amilenista na história). Pelo menos o sistema dispensacionalista poupa a Igreja da Grande Tribulação, enquanto o sistema amilenista insere a Igreja debaixo do poderio de outro Senhor, o Anticristo. No amilenismo as portas do inferno prevalecem parcialmente.

O sistema dispensacionalista poupa a Igreja da Grande Tribulação, enquanto o sistema amilenista insere a Igreja debaixo do poderio de outro Senhor, o Anticristo.

A expectativa (esperança) pós-milenista é baseada exclusivamente na soberania de Deus, que Cristo é Senhor da história e a controla por meio de seus decretos, e somente Ele determina o que acontece, perante esta absoluta soberania nenhuma oposição prospera, seja de homens asiáticos, europeus, africanos ou demônios incontáveis. Nenhum grande reset pode frustrar o cetro do Rei. Por isso **esta**

visão escatológica enfatiza a Cristologia e não as circunstâncias dos acontecimentos globais. Nossa confiança está em Cristo. A visão pós-milenista tem em seu núcleo a ESPERANÇA da vitória do Reino de Cristo na história e esta vitória antecede seu fechamento final, em sua segunda vinda gloriosa, para julgar vivos e mortos. É uma ESPERANÇA PLENA, é uma esperança a qual Cristo subjuga seus inimigos na história. - Porque convém que **reine ATÉ QUE** haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte. (1 Coríntios 15.25,26).

Independente da linha escatológica a Igreja deve trabalhar pela expansão do evangelho e esperar por uma grande colheita por todo mundo. A Igreja tem muitas razões para avançar em sua Grande Comissão, o próprio Cristo prometeu sua PRESENÇA (Mt 28.19-20) com sua Igreja, não o Cristo moribundo na cruz, mas ressurreto e exaltado em máxima glória. A missão é dEle, o trabalho é dEle, e tudo que Ele começa nada pode deter sua mão. E na sua ordem real capacita sua Igreja pelo poder do Espírito Santo, o qual é maior do que qualquer conspiração humana (Jo 4.4). O Espírito Santo sopra onde quer. Deus Pai tem prazer em salvar pecadores e deu seu próprio filho ao mundo. A sua palavra esta entre nós, o Evangelho é o poder de Deus para a salvação. Dispomos da arma mais poderosa do universo, arma espiritual para destruir fortalezas, para destruir o conselho dos ímpios, para derrubar quem se levanta com orgulho contra o conhecimento de Deus e levar cativo todo entendimento a Cristo (2Co 10.4-5).

Além dessas bênçãos temos pleno acesso a Deus em oração, por meio de Jesus Cristo, que ensinou a orar: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt. 6:10). Seu reino não é só no céu, mas na terra! Não há inimigo vitorioso em guerra contra o Senhor! Satanás é um inimigo derrotado (Rm 16.20). Deus não divide sua glória com imperadores e poderosos! Cristo governa com poder onipotente e capacita seu povo para a Grande Comissão e Mandato Cultural, neste grande avanço do exército de Cristo, muitos

soldados tombam nas batalhas, glória a Deus pelos mártires! Porém a grande constelação da Igreja avança, e nada pode prevalecer se Deus é por nós. Cristo é o príncipe dos reis da terra (Ap. 1:5). Ele se assenta “à direita [de Deus] nos céus. Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas sob seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja” (Ef. 1:20-22). Esta é a nossa esperança. Prepare-se! Prepare-se para a vitória na história e para sua volta! Sim, Cristo está voltando, isto é mais um motivo para avançarmos! Pelo avanço do Reino para a glória de Deus! Quantos planos humanos de dominação global já existiram em milênios? Dinastias, impérios, califados e poderes diversos existentes, quais mantiveram seu poder por séculos e milênios? O Grande Reset de Davos é uma vírgula na história do poder político.

7

Grande Reset

Não há possibilidade em conhecer todos os detalhes dos planos e pretensões do Grande Reset do Fórum Mundial de Economia, pelo simples fato de que suas aspirações fazem parte de uma competição entre as elites pelo poder e também porque não temos acesso a muitas informações de seus movimentos, pois o segredo é a essência do poder como preconiza a sabedoria universal. O Fórum Mundial de Economia, sede do encontro anual na Suíça, em 2021 será o anfitrião do tema Grande Reset. Neste encontro de parte da elite mundial, na Meca do capitalismo, serão tratados temas como “resiliência”, “justiça social”, “meio ambiente” e “diretrizes” de uma agenda globalista. São temas públicos atraentes, que mal pode haver em temas tão atrativos? É o que devemos entender mais.

O Grande Reset é como um BBB realizado dentro da casa do Tio Patinhas. Sim, devemos reconhecer que os temas são de fato atraentes para os interesses de uma agenda globalista, mas não significa que as intenções da elite mundial sejam por bondade. Neste ponto o cristão deve ser astuto e prudente. Um dos mecanismos comumente usados para conduzir uma agenda de interesses é a ferramenta de engenharia social, a qual através de temas mais aceitos socialmente é possível introduzir outras questões de menor consentimento, por exemplo, sob pretexto de proteção aos índios ou contra o desmatamento ilegal, algum país (ou países) pode sugerir que a Amazônia brasileira seja internacionalizada e passe a pertencer ao mundo e não exclusivamente ao Brasil. Isto é um mecanismo de engenharia social

usada contra a soberania de um país. É como querer controlar uma Internet livre em nome de uma suposta defesa da liberdade de expressão, porém a intenção seria ter mais controle sobre a liberdade de comunicação da sociedade. As chamadas Big Techs (Twitter, Google, Facebook e outras) agem como censores de conteúdos na Internet e nem precisa de um poder governamental déspota para cancelar conteúdos e pessoas que não se adequam aos seus interesses. Estas plataformas são exemplos como poderes corporativos podem ser úteis a agenda globalista. Organismos internacionais agem como ferramentas do mecanismo globalista ao querer exercer influência sobre a educação, por exemplo, no âmbito doméstico, sob algum pretexto de uma educação superior. Portanto, não devemos ser ingênuos quanto às movimentações dos interesses de uma agenda A ou B anticristã.

Não há problemas nos temas do Grande Reset em si, mas qual o propósito dos bastidores das elites em Davos? -- Isto interessa! Este é o ponto. Qual é o discurso que não será falado nos microfones? Quais os rumos das políticas econômicas e sociais que sairão da Suíça em 2021? Quais agendas surgirão? Tais agendas sairão do papel? Haverá cooperação internacional para aceitar a agenda?

O Grande Reset é simplesmente um tipo de truque de mágico, o qual distrai a plateia com uma mão e age com a outra. Os melhores observadores de mágicas nunca se distraem com os truques. Vamos observar as mãos dos encantadores, e assim como Moisés desmascarar os mágicos do Egito com demonstrações reais de poder. Nossa herança é a Palavra de Deus e temos a condução de nossas vidas pela providência do Senhor. Não precisamos conhecer todas as ilusões do mágico para discernir que são truques, assim como um vigia numa torre não precisa conhecer as intenções de um inimigo que se aproxima, é suficiente alertar o intruso para que não se aproxime. Deus é o guarda de Israel, sua vigilância não dorme, devemos confiar no Senhor de todo coração e não se apoiar em entendimentos próprios. Devemos nos aconselhar com o

Conselheiro da Paz e encontrar nele confiança e alegria. Não devemos temer planos humanos, mesmo secretos, pois até o Seol e o Abadom estão abertos perante o Senhor, quanto mais o coração dos filhos dos homens! (Pv 15.11). -- Não temais, ó pequeno rebanho, porque a vosso Pai agradou dar-vos o reino. (Lc 12.32). Tenhamos em mente, sempre, a soberania de Deus sobre tudo e todos. Os planos podem até pertencer aos homens, mas a resposta é do Senhor (Pv 16.1). O homem propõe, mas Deus dispõe (CfPv16.9). O desígnio do Senhor prevalece (Pv 19.21). Temos motivos para não perder a esperança.

Extração da média

Como águas profundas é o propósito no coração do homem; mas o homem inteligente o descobrirá. (Pv 20.5).

Na base da pirâmide social mundial (a elite corresponde aproximadamente 1%), e nós meros mortais não podemos saber como funciona exatamente o complexo sistema econômico mundial nem as alianças e disputas entre estados profundos, elites e outros atores sociais. Mas podemos extrair da média das muitas opiniões, interpretações e variados movimentos, algo próximo da realidade. Talvez nunca cheguemos à realidade exata, mas não podemos deixar de conhecer uma aproximação. Esta é uma abordagem realista a qual estamos seguindo. Extração da média é suficiente para que possamos analisar cenários do nosso tempo e entender sistemas complexos com simplicidade.

Agulha no palheiro

O problema com especialistas é que eles não sabem o que não sabem.

Vamos usar por um breve instante outra **analogia** para uma investigação, as grandes potências mundiais no século XXI têm realizados grandes esforços para antecipar e detectar ataques terroristas, para que não se repita um 11 de setembro; para tentar evitar algo mais devastador e imprevisível contra pessoas inocentes.

As agências de inteligências de segurança têm a necessidade crucial de compartilhar informações entre si, globalmente, para formarem uma rede de autoproteção, nisto a **colaboração** é fundamental para a sobrevivência e segurança do mundo de hoje. E tudo que fazem, todo trabalho realizado 24h por dia é para tentar se aproximar ao máximo de uma realidade "previsível", usando todos os recursos estratégicos de inteligência, múltiplas ferramentas para se anteciparem aos possíveis ataques terroristas potencialmente em curso ou em planejamento. Este rastreamento permanente de sinais perigosos é o esforço máximo da segurança para compreender o funcionamento das células terroristas e assim desenvolver ações contraterrorismo. A partir de uma suspeita e muita investigação é possível desarticular células terroristas, e desse modo planos são desfeitos, vidas preservadas e criminosos são detidos.

No gigante palheiro das informações, dados (suspeitas, conexões, boatos, conspirações, desinformações e enganos) encontrar, saber, antecipar um planejamento terrorista com potencialidade real de deflagração é um trabalho incansável de nações. Conhecer estruturas complexas e dinâmicas das ações terroristas, suas motivações e capacidades reais permitem inicialmente apenas uma aproximação da realidade e um gerenciamento reativo de decisões. Seguir pistas falsas é um desperdício incalculável de tempo e dinheiro.

O que vale para os pontos cegos do trabalho de segurança nacional também é válido, em termos de dificuldades de acesso, aos bastidores dos senhores do mundo, os quais estamos tentando entender, prever

e responder. E se alguém acha que pode prever todas as jogadas futuras dos acontecimentos humanos (políticos, econômicos, sociais, enfim) como um supercomputador que joga xadrez, ou é um tolo ou forjador charlatão. Conhecemos pouco os senhores dos senhores, as mãos do mágico não permitem erros ao distrair a audiência, uma das ferramentas do poder é o segredo, mas o que é detectável, visível, tangível vale a pena projetar um segundo olhar. É o que fazem os relatórios analíticos.

Previsão do tempo e bolsa de valores

“Quem desenvolve opiniões com base em evidências fracas tem dificuldade em interpretar informações subsequentes que desmintam essas opiniões, mesmo que a nova informação seja obviamente mais precisa”.

~Nassim Nicholas Taleb.

Podemos não encontrar as respostas exatas do que procuramos, mas rastreando o máximo de dados, informações e conhecimentos que pudermos, uma coisa é certa, podemos conhecer a direção e realizar ações de aproximações. Assim como todo sistema meteorológico moderno consegue prever que em determinada região vai chover, é possível prever as direções do vento e volumes de água, mas apesar de todos dados, informações e conhecimento meteorológicos a cadeia complexa e dinâmica de uma tempestade torna-se imprevisível de modo detalhado em todos os aspectos. Sempre há um ponto cego na combinação de informações.

Mesmo com supercomputadores e avanços da Inteligência Artificial, como prever milhares e milhares de ações combinadas e os riscos desconhecidos dos fenômenos? Certamente os processadores ficarão cada vez melhores nisto.

A limitação humana perante o amanhã é frustrante para o homem, e tudo que ele pode fazer é pensar como um investidor financeiro e não como um adivinho. Os “futuristas” das bolsas de valores trabalham intensamente com dados históricos, gráficos, análises técnicas, apostam na alta e na queda dos índices numa data futura; negociam expectativas, especulam, mas sempre com horizonte incerto. A dinâmica do mundo não é linear, mas complexa e incerta, caótica e imprevisível por isso ninguém prevê o futuro com exatidão senão Deus. Reconhecendo esta limitação humana já podemos descartar 99% das teorias da conspiração. É lata de lixo mesmo! Esta verdade é libertadora ou cairemos em especulações e ansiedades.

Sabedoria Rumsfeld

O ex-secretário de defesa dos EUA, Donald Rumsfeld em certa ocasião disse: “Não sabemos o que não sabemos”, tendo dito isso sobre os riscos desconhecidos. Em princípio é uma frase estranha e engraçada, mas em seu devido contexto faz sentido. Rumsfeld em outras palavras enfatizou que é possível ter consciência do risco, o risco existe e é real, mas não se pode conhecer todos os efeitos do risco, decorreu daí o questionamento: Como realizar planos concretos ciente dos riscos? Ele falou isso pouco depois do 11 de setembro de 2001. E sabemos que depois do 11 de setembro a segurança global mudou radicalmente. “Como realizar planos concretos ciente dos riscos?” Esta pergunta é o mantra dos analistas em segurança e do mercado financeiro. Como realizar uma mudança positiva para o mundo com um projeto elaborado pelos velhos globalistas?

O que sabemos?

Trilhões de gigabytes de informações são gerados no mundo a cada dia, a maior parte é lixo de desinformação, múltiplas interpretações e

infinitos pontos cegos. Diante dessas montanhas fica difícil garimpar tendo apenas uma pá como ferramenta, para um trabalho eficiente de mineração deve haver mais ferramentas ou uma escavadeira. E a primeira ferramenta epistemológica útil existente é: **“O que sabemos?”**

O que sabemos sobre o Grande Reset?

R.: Que é uma reunião organizada por uma elite de megabilionários composta de propostas que servem aos interesses do grupo do Fórum Econômico Mundial.

O que é o Fórum Econômico Mundial?

R.: O Fórum Econômico Mundial é uma Organização Internacional de Cooperação Público-Privada, envolve os principais líderes políticos, empresariais, culturais e outros da sociedade para moldar as agendas globais, regionais e industriais.

Quando o Fórum Econômico Mundial foi criado?

R.: Foi criado em 1971 como uma fundação sem fins lucrativos e está sediada em Genebra, Suíça. Declara-se independente, imparcial e não vinculado a nenhum interesse especial. A instituição combina muitos tipos de organizações, dos setores público e privado, organizações internacionais e instituições acadêmicas.

Onde será realizado? (Geralmente realizado)

R.: Em Davos, Suíça, a Meca dos banqueiros e financistas. A maior metrópole turística dos Alpes suíços.

Quem são os participantes e quais suas conexões?

R.: Empresários, líderes políticos e representantes culturais com o potencial para moldar as agendas industriais, regionais e globais. Um evento para mais de 1.200 delegados de 60 países.



Davos, Suíça.

O anúncio da Grande Restauração foi feito pelo Príncipe de Gales e o fundador do Fórum, Klaus Schwab durante uma reunião virtual, seguida por declarações do Secretário-Geral da ONU, António Guterres, e da Diretora Geral do FMI, Kristalina Georgieva.

Suas declarações foram apoiadas por vozes de todos os grupos de partes interessadas da sociedade global, incluindo Victoria Alonsoperez, Fundadora e CEO, Chipsafer, Uruguai, e um Jovem Líder Global; Caroline Anstey, presidente e diretora executiva, Pact, EUA; Ajay S. Banga, CEO, Mastercard, EUA; Sharan Burrow, Secretária Geral, Confederação Sindical Internacional (ITUC), Bruxelas; Ma Jun, Presidente do Comitê de Finanças Verdes da China Society for Finance and Banking, e membro do Comitê de Política Monetária do Banco Popular da China; Bernard Looney, CEO, bp, Reino Unido; Juliana Rotich, Venture Partner, Atlantica Ventures, Quênia; Bradford L. Smith, presidente, Microsoft, EUA; e Nick

Stern, presidente do Grantham Research Institute on Climate Change and the Environment, Reino Unido.

O mapa abaixo mostra a localização dos Centros da Comunidade Econômica Mundial de Formadores Globais: Mais de 420 Centros e 11.000 Formadores Globais e ex-alunos:



Centros da Comunidade Econômica Mundial de Formadores Globais

Por que a escolha desse tema, Grande Reset?

R.: Propõe um grande reinício da economia.

O que significa o termo?

R.: Reiniciar um sistema.

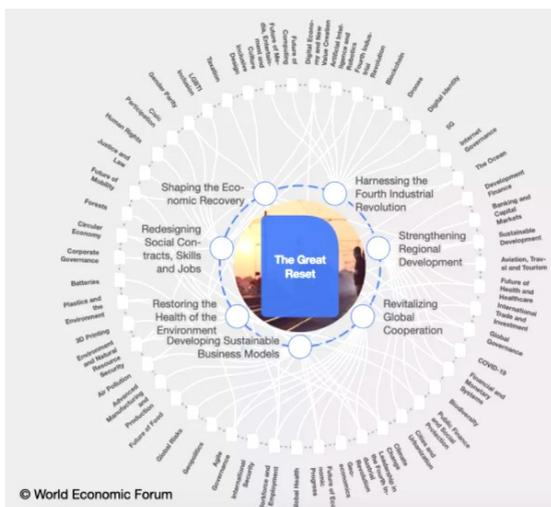
Qual a motivação e capacidade das pessoas envolvidas no Grande Reset em determinar os rumos da economia e da política mundial?

O Grande Reset busca ações em sete temas principais: sustentabilidade ambiental; economias mais justas; “Tecnologia para sempre”; o futuro do trabalho e a necessidade de requalificação; melhores negócios; futuros saudáveis com acesso justo para todos; e “além da geopolítica” - governos nacionais colaborando globalmente. A chave para o sucesso do Grande Reset é a reconstrução da **confiança** e aumento da **cooperação** global.

Podemos listar outras perguntas relacionadas, mas já temos um bom começo. Após realizarmos minimamente a lição de casa, somente aí temos que retornar a outro rastreamento sobre “o que deixamos de considerar?” O que pode ser feito para conhecer mais?

Arsenal de palavras-chaves do Grande Reset

A cortina de fumaça do Grande Reset é imensa, cada tema tem um mapa com uma teia de temas correlacionados, qualquer tema gera uma nova rede temática, cada tema tem artigos relacionados, como demonstrado neste mapa abaixo:



Os mapas de transformação estão no site oficial do Grande Reset e o usuário pode explorar as conexões entre diferentes economias, setores e questões globais. Um tópico se relaciona à muitas outras informações como “clima”, Inteligência Artificial, curadoria de universidades e organizações internacionais. Nos artigos as palavras-chaves mais usadas são:

Cooperação global.
Melhorar o mundo.
Inclusão social.
Bem comum global.
Construção de um novo contrato social.
Honra e dignidade de cada ser humano.
Bem-estar humano.
Construir uma sociedade melhor.
Futuro mais saudável, justo e próspero.

Três componentes principais da agenda pública do Grande Reset

A agenda da Grande Reinicialização se apresenta com três componentes principais.

1. Direcionar o mercado para resultados mais justos.
2. Os investimentos devem promover metas compartilhadas, com igualdade e sustentabilidade.
3. Aproveitar as inovações da chamada Quarta Revolução Industrial para apoiar o bem público, especialmente abordando os desafios sociais e de saúde.

A seguir um resumo desses três pontos (pesquisado no site oficial do Grande Reset):

O primeiro direcionaria o mercado para resultados mais justos. Para este fim, os governos devem melhorar a coordenação (por exemplo, na política tributária, regulatória e fiscal), atualizar os arranjos comerciais e criar as condições para uma "economia das partes interessadas". Em um momento de redução da base tributária e aumento da dívida pública, os governos têm um poderoso incentivo para prosseguir com essa ação. Além disso, os governos devem implementar reformas há muito esperadas que promovam resultados mais equitativos. Dependendo do país, isso pode incluir mudanças nos impostos sobre a riqueza, a retirada dos subsídios aos combustíveis fósseis e novas regras que regem a propriedade intelectual, o comércio e a concorrência.

O segundo componente de uma agenda da Grande Reinicialização garantiria que os investimentos promovessem metas compartilhadas, como igualdade e sustentabilidade. Os programas de gastos em larga escala que muitos governos estão implementando representam no entendimento do Grande Reset uma grande oportunidade de progresso. A Comissão Europeia, por exemplo, revelou planos para um fundo de recuperação de € 750 bilhões (US \$ 826 bilhões). Os EUA, China e Japão também têm planos ambiciosos de estímulo econômico. Em vez de usar esses fundos, bem como os investimentos de entidades privadas e fundos de pensão, para preencher o antigo sistema, desejam criar um novo que seja mais resiliente, equitativo e sustentável no longo prazo. Isso significa, por exemplo, construir uma infraestrutura urbana “verde” e criar incentivos para que as indústrias melhorem seu histórico de métricas ambientais, sociais e de governança.

A terceira e última prioridade de uma agenda da Grande Reinicialização é aproveitar as inovações da Quarta Revolução Industrial para apoiar o bem público, especialmente abordando os desafios sociais e de saúde. Durante a crise do COVID-19, empresas, universidades e outros uniram forças para desenvolver

diagnósticos, terapêuticas e possíveis vacinas; estabelecer centros de teste; criar mecanismos para rastrear infecções; e entregar telemedicina. Imagine o que seria possível se esforços semelhantes fossem feitos em todos os setores.

No papel a agenda é do Grande Reset é uma iniciativa de um compromisso em construir conjuntamente e com urgência as bases do sistema econômico e social atual para um futuro mais justo, sustentável e resiliente. É a apresentação de um novo contrato social centrado na dignidade humana, na justiça social e no progresso da sociedade, porém o que desperta uma atenção especial na movimentação dessa elite de Davos é o senso de “oportunismo”, querem agir rápido e em conjunto, literalmente nas palavras do fundador do Fórum, Klaus Schwab: “Podemos emergir desta crise em um mundo melhor, se agirmos de forma rápida e conjunta”.

Quando sabemos que há interesses em lucros e poder de uma elite. Se este Grande Reset tivesse valor real humanitário já teria, por exemplo, a quebra de patentes das vacinas. Por que não houve uma ação conjunta, rápida para vacinar? O que houve foi uma competição acirrada entre a indústria farmacêutica, nacionalização das vacinas e uma competição de compras de vacinas e disputa política no raking da vacinação. O que fizeram pela educação de milhares de crianças sem aulas por 1 ano e meio? O que fizeram para manter milhares de postos de trabalhos? Daí vem o Príncipe Charles num pronunciamento em vídeo de seu bunker real e diz que precisamos de uma “Grande Reinicialização” do capitalismo.

Na realidade as elites mundiais colaboram para aprofundar o problema (crises diversas) e apresentam uma solução, a solução de Davos é: Devemos construir bases inteiramente novas para nossos sistemas econômicos e sociais. – Sem o Grande Reset as crises se aprofundarão e o mundo será menos sustentável, menos igualitário e mais frágil. Que apenas a elite de Davos tem a solução e tentativas de outros projetos não serão suficientes para evitar esse cenário.

Além da crise Covid-19, o carro chefe das crises listadas pelo Fórum Econômico Mundial é a crise das mudanças climáticas. O discurso é repetitivo, nas palavras de Klaus Schwab, fundador e presidente executivo do Fórum Econômico Mundial:

“Temos apenas um planeta e sabemos que as mudanças climáticas podem ser o próximo desastre global com consequências ainda mais dramáticas para a humanidade. Temos que descarbonizar a economia na janela que ainda resta e trazer nosso pensamento e comportamento mais uma vez em harmonia com a natureza”.

E o Príncipe de Gales disse:

“Para garantir nosso futuro e prosperar, precisamos desenvolver nosso modelo econômico e colocar as pessoas e o planeta no centro da criação de valor global. Se há uma lição crítica a aprender com esta crise, é que precisamos colocar a natureza no centro de como operamos. Simplesmente não podemos perder mais tempo”.

António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas, disse:

“O Grande Reset é um reconhecimento bem-vindo de que esta tragédia humana deve ser um chamado para despertar. Devemos construir economias e sociedades mais iguais, inclusivas e sustentáveis e mais resilientes face às pandemias, às alterações climáticas e às muitas outras mudanças globais que enfrentamos”.

Kristalina Georgieva, Diretora Geral, Fundo Monetário Internacional (FMI), disse:

“O melhor memorial que podemos construir para aqueles que perderam suas vidas na pandemia é um mundo mais verde, inteligente e justo”.

Estas três lideranças globais já demonstram que a água do tanque dos tubarões está agitada. Precisamos ler as entrelinhas e captar a essência dos interesses convergentes dessas lideranças. E o Príncipe Charles ainda usou a expressão: “Oportunidade de ouro”, que a crise Covid-19 traz.

Quatro blocos de construção do Grande Reset

Quatro blocos de construção importantes necessários para fazer o Grande Reset acontecer, breve resumo:

1. **Mindset. – Mudança de mentalidade.** Através de premissas de dois teóricos, Thomas Piketty e Rutger Bregman, as quais o ser humano não é essencialmente egoísta, não cooperativo, agressivo e necessita de lei e ordem. Suas pesquisas teorizam que o ser humano é programado para ser gentil e cooperativo. Que a cosmovisão ocidental é influenciada por Maquiavel, Adam Smith e outros.
2. **Métricas. Criar novas métricas para medir o que dá certo** nas empresas e governos, e demonstrar o que pode mudar para um modo de vida mais centrado nas pessoas e no planeta. Medir novas formas de avaliar a riqueza e distribuição, bem-estar social, degradação ambiental, custos sociais, mentais e físicos das inovações. Substituir a métrica do PIB por IDH da ONU (Índice de Desenvolvimento Humano e Social), por métricas de bem-estar, índice de felicidade.
3. **Incentivos. Criar novos incentivos.** Promover uma economia que sirva a todos, com menos riscos sociais e ambientais.
4. **Conexão. Construir uma conexão genuína,** humanizada. Aproximar as lideranças das pessoas, diminuir o distanciamento das relações sociais.

8

Revisão de perspectivas e respostas

Duas atitudes importantes que a Igreja precisa ter perante as leituras de cenários. É preciso analisar as previsões divergentes sobre nosso tempo e oferecer resposta. Nossa atitude principal é mapear o campo das missões, para a Igreja avançar, expandir. Ante a crise Covid-19, a Igreja pôde exercer seu ministério de cura e ajudar os enfermos, visitar, aconselhar, orar, ajudar materialmente entre outras ações as quais é possível exercer a fé, os dons e os talentos. O momento pós-pandemia a Igreja tem outra oportunidade para oferecer respostas aos mais fracos, ocasiões de socorro aos sofrimentos, ao pessimismo, ao medo, à depressão e outros males. Um momento que exige fé e oração para reconhecer a fragilidade dos sistemas religiosos que não reagiu com fé e coragem para salvar vidas.

Analisar nosso tempo deve levar a Igreja a encontrar soluções, confiante na soberania de Cristo, nos decretos e providência divinas, reconhecer que tudo nesta vida tem um tempo para começar e terminar, as crises têm fim, e por último podemos extrair uma lição. Neste momento (2021) há muita gente cansada, sobrecarregada com excesso de expectativa tribulacionista escatológica que não acontecerá e irá gerar frustração. Muitos deixarão as igrejas ou tentará reformar, e outros permanecerão na mesma expectativa de que o mundo irá piorar e todo discurso da má escatologia. Não é saudável para a igreja ficar ouvindo especuladores do fim do mundo a cada escalada de guerra no Oriente Médio. Há 100 anos na Primeira Grande Guerra Mundial e em seguida uma pandemia de gripe, muitos pregadores se

agitaram e não era o fim, logo depois outra grande guerra, depois uma guerra fria (EUA vs Rússia) e ameaça de holocausto nuclear, e antes da virada do segundo milênio outra agitação e o fim não chegou.

Vamos repetir este mesmo ciclo de expectativa tribulacionista e vivermos debaixo de expectativas infundadas? Analisar nosso tempo e revisar nossa escatologia deve ser algo libertador e renovador em termos de esperança, para que possamos exercer a fé no Cristo vencedor, conquistador, invencível, vitorioso na história! É hora de renovar a fé e desfazer erros sobre o fim do mundo, sobre Anticristo, sobre Armagedon, Arrebatamento e Grande Tribulação!

Estamos em meio a tantas crises simultâneas e recebendo um volume tão grande de desinformação que qualquer menção à esperança escatológica parece morta. A Palavra de Deus é viva, o que ela diz sobre o Reino? Que é como uma semente de mostarda que cresceu e se tornou uma árvore para aninhar pássaros, que o Reino é como um fermento que leveda toda massa. A esperança escatológica do reino não depende de circunstâncias boas ou ruins, mas do pressuposto da Palavra, o que a Palavra diz sobre Cristo e seu reino. Escatologia vitoriosa do reino não depende de otimismo psicológico ou humanista, e não depende em decifrar acontecimentos e datas.

Ao observarmos nosso tempo, ao nos aproximarmos da realidade dos acontecimentos da história, ao identificarmos os fatos, quais os principais problemas, quais os principais efeitos negativos, podemos traçar planejamento mais eficazes de domínio do mandato cultural e melhores estratégias em realizar missões. Conhecer o panorama da atualidade permite traçar ações do que pode ser feito. Exemplo: Algumas regiões têm exercido maiores níveis de perseguições aos cristãos não por perseguição religiosa imposta pelo islã, budismo, comunismo ou hinduísmo, mas por violência do narcotráfico em suas áreas de atuação. Como evangelizar estas áreas sem colocar em risco à Igreja? Como manter a autoproteção dos cristãos e avançar na

Grande Comissão? A Igreja deve estudar os acontecimentos gerais e atualidades para promover estratégias para difusão do evangelho em escala global. Os cristãos que podem praticar sua fé livremente devem apoiar governos que protegem esse direito e trabalhar para derrubar os inimigos de Cristo onde quer que eles estejam.

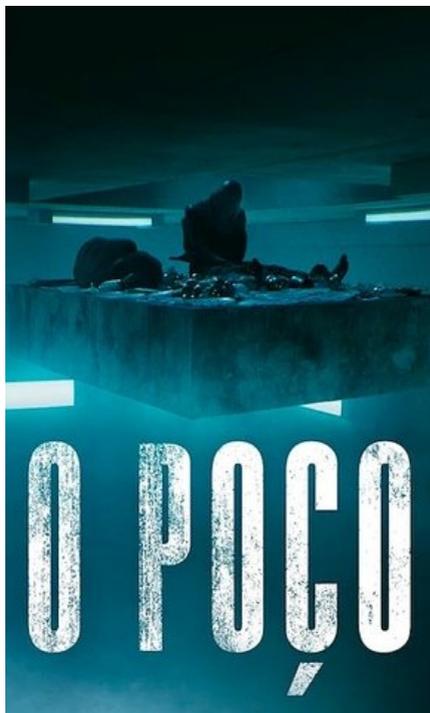
Aqui está a razão para investigar o Grande Reset: Em sua agenda globalista/humanista/pagã quais são os temas hostis (governamentais e sociais) contra os cristãos? Quais regulamentações anticristãs recairão sobre a sociedade? Quais liberdades podem ser ameaçadas? Quais são as pautas e bandeiras (racismo, homofobia, gênero, meio ambiente, direitos diversos) que irão interferir na liberdade religiosa? O povo de Deus tem a ordem para dominar e avançar na Grande Comissão. A Igreja não pode paralisar por fatalismos que haverá um controle total da humanidade por parte de projeto A ou B de poder.

O que se pode fazer para reduzir os efeitos negativos das agendas anticristãs? O que a Igreja pode fazer? Quais são as divergências e convergências com a Igreja? Teremos que analisar o desenrolar dos eventos que ainda será realizado. [Este e-book poderá passar por uma atualização após o evento presencial em Davos (2021)]. Por enquanto, até o momento, conhecemos de antemão alguns temas, mas ainda não aconteceu a reunião principal presencial. Podemos até aqui considerar alguns pontos que envolvem uma abordagem macro sobre o assunto.

Categorias de pirâmides e hierarquias de poço

Podemos considerar duas pirâmides sociais para uma aproximação investigativa do Grand Reset. Uma pirâmide de **estrutura social** e outra de **estrutura informacional**. Algo muito mais complexo do

que a tradicional luta de classes delineada pelo filme espanhol, O Poço (2019), dirigido por GalderGaztelu-Urrutia, um roteiro que explora de modo caricatural a violência, sobrevivência e o egoísmo das classes sociais. A referência a este filme tem a intenção de demonstrar que há outras formas de hierarquizar a complexidade social.

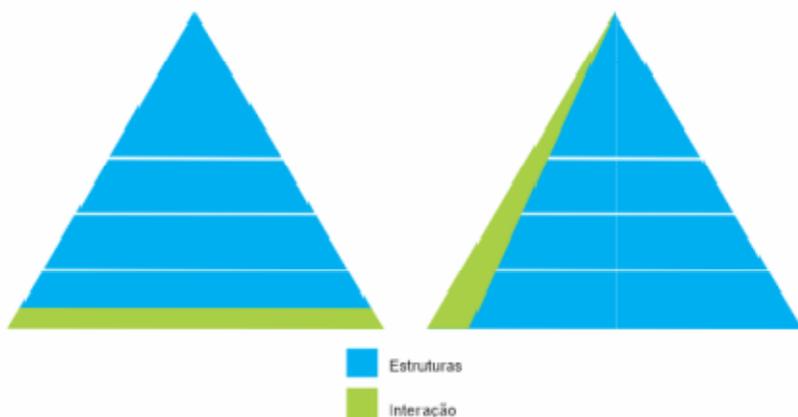


Cartaz filme da Netflix

A estrutura da narrativa do poço tem relação com os modelos piramidais das hierarquias sociais. A crítica do filme em parte é válida, entretanto o que “O Poço” não apresenta é que existe uma competição intraelite, e esta disputa é o jogo que move o mundo, **a verdadeira luta de classes acontece no topo** e não na base, as outras camadas refletem a movimentação das disputas das elites que estão no topo. Parece estranho esta interpretação? Esta é a atual

tendência de análise social do século XXI, veremos isto melhor nos gráficos em sequência.

Modelos de pirâmides auxiliam na compreensão da dinâmica da sociedade. Pirâmide social é apenas um modelo representativo de relacionamento social. Pessoas, status, poder, influência relacionamentos sociais, tudo está inserido na pirâmide social. Independente dos detalhes das divisões, classificações e categorias há um aspecto comum em todas as camadas: graus de relacionamentos e interações, ou seja, é um sistema complexo; um organismo vivo e interligado. É uma estrutura de camadas e *hubs* que pressionam seus espaços e toda pirâmide. Todo esquema piramidal deve levar em consideração as interações horizontais e verticais.



A primeira pirâmide apresentada a seguir, para uma melhor compreensão do assunto, é a **Pirâmide Informacional** ou modelo DIK. Trata-se de uma estrutura que pode auxiliar a compreensão dos fluxos, conexões e filtros como indicadores para interpretações de cenários que permitam leituras e tomadas de decisões otimizadas, “o que vale a pena focar” e “o que não tem importância”. Esta pirâmide é composta de três indicadores: Dados / Informação /

Conhecimento. É o que temos tratado em parágrafos anteriores. A extração do conhecimento se dá especialmente pelo filtro.

Pirâmide DIK

(Data, Information, Knowledge - ou
Dados, Informação, Conhecimento)



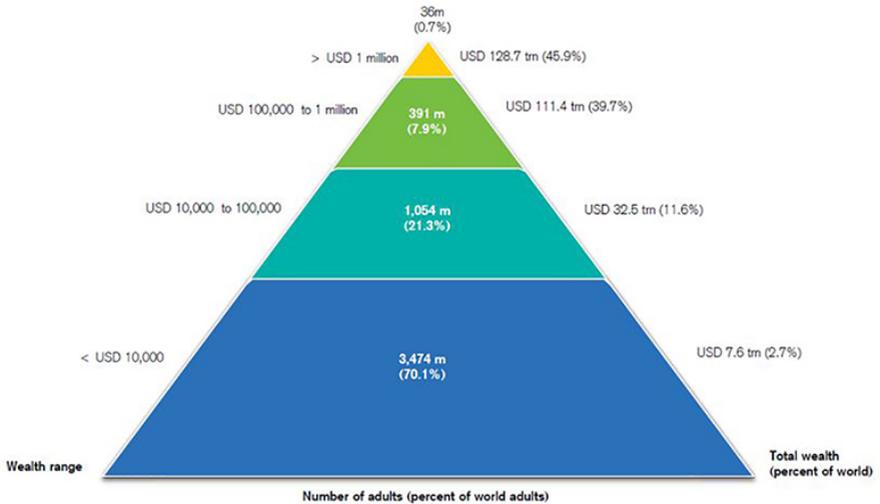
Adaptado de:

Data, Information, Knowledge, and Wisdom (Gene Bellinger, Durva Castro, Anthony Mills) - <https://goo.gl/83zpvE>
The Problem with the Data-Information-Knowledge-Wisdom Hierarchy (David Weinberger) - <https://goo.gl/rGnMC2>

Uma das mais importantes habilidades do século XXI perante o volume de informações é saber filtrar. O estudante hoje deve ser um analista de dados e gestor de informações. A pirâmide DIK representa a seguinte divisão acima.

Esta pirâmide não é unanimidade entre estudiosos, mas é uma opção válida. Nick Diakopoulos, professor de jornalismo de dados na Universidade de Maryland, explica: “Dados são entidades numéricas ou fatos verídicos. Informação é sobre adicionar relações entre esses elementos de dados, ou criar agrupamentos ou categorizações de dados. Conhecimento surge quando humanos interpretam, analisam e julgam as informações, como um mecanismo para a tomada de decisão”. É um processo cíclico alimentando o processo produtivo. Com base nesta dinâmica veremos a outra pirâmide, a social/desigualdade (No topo a elite mundial).

A pirâmide global da desigualdade da riqueza



Source: James Davies, Rodrigo Lluberas and Anthony Shorrocks, Credit Suisse Global Wealth Databook 2017

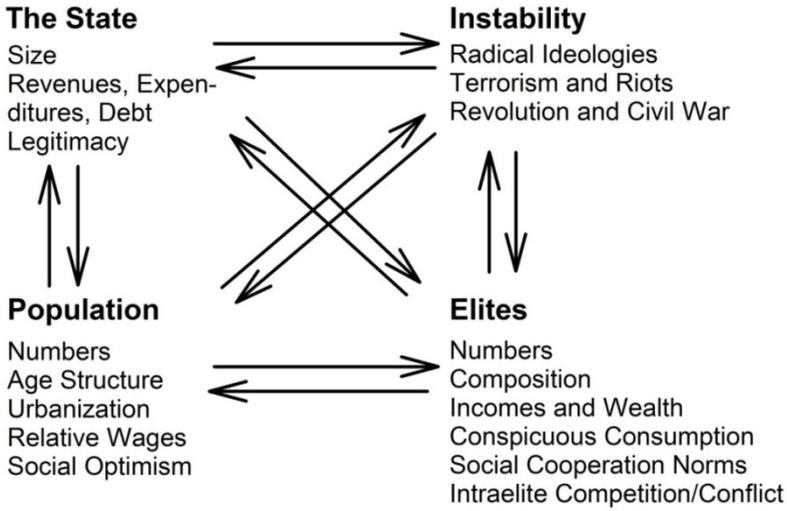
Do lado esquerdo, está a faixa de riqueza de cada grupo. Do lado direito, a riqueza total do grupo e quanto isso representa do total global. No meio, a quantidade de indivíduos e quanto isso representa da população mundial.

Teoria Estrutural-Demográfica

As pirâmides sociais não são estáticas, mas dinâmicas. O dinamismo das camadas é o fator mais importante a ser compreendido. Segundo Peter Turchin, as causas das revoluções e grandes rebeliões são, em muitos aspectos, semelhantes aos processos que causam terremotos. Tanto em revoluções como em terremotos, é útil distinguir as condições estruturais (pressões, que aumentam lentamente) dos gatilhos (eventos de liberação repentina, que precedem imediatamente uma erupção social ou geológica).

Turchin, especialista em teoria demográfica estrutural afirma que, gatilhos específicos de convulsões políticas são muito difíceis, talvez impossíveis de prever (é praticamente impossível prever as motivações das elites no topo, e este é o ponto central ao pesquisarmos o Grande Reset). Por outro lado, as pressões estruturais das camadas aumentam lenta e previsivelmente e são passíveis de análise e previsão [este deve ser nosso ponto de observação]. Além disso, muitos eventos desencadeantes entre si são causados verticalmente, em última análise, por pressões sociais reprimidas que buscam uma saída - em outras palavras, pelos fatores estruturais.

A teoria demográfica estrutural foi desenvolvida por Goldstone e outros como uma ferramenta para entender as pressões sociais de longo prazo que levam a revoluções, guerras civis e outros grandes surtos de instabilidade sociopolítica. A teoria representa sociedades humanas complexas como sistemas com três compartimentos principais (a população geral, as elites e o estado) interagindo entre si e com instabilidade sociopolítica por meio de uma teia de feedbacks como demonstrado neste esquema (original) de Peter Turchin:



Este modelo dinâmico elaborado por Peter Turchin (peterturchin.com) é um resumo dos principais fatores sociais que compõe uma pirâmide social e demonstram os movimentos e tensões dos principais atores sociais destacando a influência das elites que agem tanto em cooperação, como em competição.

9

Brasil, um estudo de caso para entender o Grand Reset

Para aperfeiçoar nossa compreensão pensemos em nosso país. O Brasil é um grande laboratório social, e as influências dos movimentos das elites mundiais refletem politicamente no país. Muitos dos discursos giram em torno de temas como, “desigualdades”, “sociedade mais justa”, “bem-estar social” (discursos semelhantes pronunciados em Davos), mas na prática os indicadores apontam para outra realidade. Comparado aos índices internacionais o Brasil é considerado um dos campeões em desigualdade. Consideremos este ponto “desigualdade”. Quais são os critérios que avaliam a desigualdade de um país?

Basicamente são três: **Trabalho**/emprego(e previdência), **social** e **tributos** (impostos, juros etc). Todos os outros sistemas (políticos, educacionais, saúde, segurança etc) fazem parte dessas categorias listadas. Os países com menos corrupção e com os melhores índices de educação e saúde, por exemplo, equilibram melhor as categorias básicas em prol de menor desigualdade. Indicadores internacionais servem de diagnósticos para saber por que os países nórdicos têm uma qualidade de vida melhor para mais gente, e proporciona que o Brasil compreenda e conheça melhor seus problemas quando aprofundados, também para que haja oportunidade de buscar soluções para melhorar o IDH (índice de desenvolvimento humano). Qualquer país que não tiver um bom índice de empregos,

saúde e educação terá muitos outros problemas. E estes resultados fazem parte dos fatores que causam instabilidade ou estabilidade a uma sociedade. (Por isso a crise Covid-19 tem sido analisada como uma janela de oportunidade para programar mudanças pelos administradores do mundo, pois a anormalidade Covid-19 está gerando outras crises, econômicas e sociais, que precisam de reconfiguração de um “novo normal”).

O Brasil é um dos países mais ricos em solo e clima do mundo e ao mesmo tempo sofre politicamente por não cumprir as reformas necessárias para termos um grande crescimento econômico. Na raiz do problema temos os interesses de classes políticas oligárquicas, elites, organizações, empresários e sociedade civil como um todo. O jogo de interesses econômicos predatórios estica e puxa a sustentabilidade da previdência e dos impostos. E as reformas da previdência e tributária estão sempre travadas por interesses diversos. Esta é a lógica das elites, agem por interesses, não estão preocupadas com igualdade.

E como um grande mau exemplo, o Brasil é um dos campeões em carga tributária, gerando burocracia, corrupção, disputas judiciais, ineficiência e outros impedimentos de uma engrenagem que não deixa o Brasil avançar. Obviamente neste sistema os impostos tornam alguns poucos mais ricos e aumenta o fosso da desigualdade e endividamento do país. É o mesmo princípio da elite mundial dominante que concentra a maior renda e riqueza em 1%.

Não precisa ser especialista em economia para perceber que o que acontece no Brasil em termos de geração de lucros extraordinários para uma dúzia de famílias e ao mesmo tempo a renda da maioria em queda (desempregos e precariedade na saúde, educação, segurança, previdência etc), é o que acontece em outros níveis em muitos outros lugares do mundo. Este é um resumo simplista do sistema financeiro que favorece extremamente uma minoria (e a grande mídia patrocinada) e explora ao máximo as camadas inferiores com mais

impostos, juros e dívidas. Esta realidade se aplica em outra escala ao redor mundo. A economia do Brasil é reflexo da economia mundial com mais desigualdade de renda e riqueza.

Há indicadores que a reunião prevista para o tema Grande Reset (2021) será uma tentativa de rearranjo da pauta cultural globalista como bandeiras ideológicas atraentes (a distração do mágico) e de certa forma um rearranjo da elite de Davos no jogo do poder na disputa por espaço do topo. As bandeiras ideológicas são uma coletânea de eufemismo e mentiras contadas de forma emotiva e atrante. O assassinato de crianças em gestação, o aborto, é um “direito” da mulher e faz parte de um programa de “saúde”. Como alguém pode ser contra “direitos e saúde?” Se alguém se diz contra movimentos marxistas como Antifas, Black LivesMatter (BLM), logo é cancelado como racista, rotulado contra a igualdade. A bandeira sexual transgênero impõe ideologias antibiológicas em nome da “liberdade e igualdade”. A distração do mágico em Davos tem nome, mentiras culturais. Aceitar essas mentiras é compactuar com os inimigos de Deus. “Se aprender o que o mágico sabe, aquilo deixa de ser mágica”. (Richard Bach). As elites globalistas de Davos querem fortalecer esta agenda liberal com seus braços de ação instalados na ONU e outras instituições, no entanto pela providência de Deus as elites, os grupos humanos não se entendem e competem entre si. O mundo só consegue se unir em um só apenas na música “We are the world”, o projeto USA for África nunca mudou a África nem o mundo, por sinal o projeto da elite do Partido Comunista Chinês está avançando sobre a África neste momento.

A competição intralite é uma realidade!

Como lotar um elevador com as elites da China, Rússia, EUA, UE e principados islâmicos sem que haja conflito entre eles? É como reunir inimigos no elevador do Capitão América. Quem vai descer no andar de baixo?



Segundo Peter Turchin, em seu livro “A Era da Discórdia” (2016), as sociedades passam por ciclos, **fases integrativas e fases desintegrativas**; há épocas de maior colaboração por uma sociedade mais pacífica e próspera, e há fases que seguem em direção de colapsos, porém estas mudanças são complexas e dinâmicas, socialmente os destinos estão abertos, na prática instabilidade não é um determinismo social, é possível reagir. A sociedade humana é testada ao limite da nossa capacidade de construir e consertar coisas. A sociedade é um sistema dinâmico e seus aspectos econômicos, sociais e os subsistemas políticos não operam isoladamente. A cosmovisão cristã não pode perder de vista a verdade da soberania divina:

Os homens fazem planos, mas quem determina é Deus. O homem faz planos, Deus ri.

Macromudanças / Macrohistória

Se existe um Grande Reset civilizatório/tecnológico, ele já existe e está em curso de modo lento e orgânico, e não tem nada a ver com o tema da reunião do Fórum Mundial de Economia, mas trata-se da grande mudança tecnológica da era digital, **esta mudança é estrutural** e já vem acontecendo desde o final do século XX, e agora no século XXI continua em aceleração cada vez menos lenta e mais exponencial. Assim como o mundo foi transformado com a invenção da prensa em 1430, estamos diante de uma nova transformação radical, estrutural, que produz macromudanças e deste modo a história humana é modificada em seu DNA civilizatório/tecnológico. E esta mudança tecnológica que pode ser chamada de 4ª Revolução Industrial ou Era Digital não é algo imposto verticalmente (top-down) por alguém ou por uma reunião de líderes mundiais, é um movimento espontâneo, horizontal e descentralizado. Não é resultado de um decreto de cima para baixo, vertical, centralizado, que determina uma nova tecnologia a partir de uma lei. Geralmente o debate político atua para burocratizar e buscar seus interesses grupais, porém as dinâmicas da macro história e das macro mudanças engolem a pequenez dos interesses políticos em algum momento das crises civilizacionais. É o que está acontecendo inevitavelmente. “Inevitável” é o nome do livro de um dos maiores estudiosos sobre as tendências tecnológicas, Kevin Kelly, autor de: “Inevitável: As 12 forças tecnológicas que mudarão o nosso mundo”. Muito do que vai acontecer nos próximos 30 anos é inevitável, definido por tendências tecnológicas que hoje já estão em movimento.

Kevin Kelly oferece um roteiro para o futuro, mostrando como as próximas transformações afetarão nossas vidas. Não adianta resistir: as maneiras como compramos, trabalhamos, aprendemos e nos comunicamos uns com os outros serão completamente (ainda mais!) diferentes. No campo das inovações tecnológicas existem tendências

inevitáveis, como por exemplo, mais acessibilidade digital, mais compartilhamentos de informações, mais interações na comunicação, mais ferramentas de rastreamentos e filtros, e outras trajetórias inevitáveis da Era Digital e da Big Data.

Podemos fazer algumas previsões sobre esta Era Digital, inevitavelmente será mais veloz, mais urbano, mais fragmentado em segmentos e afinidades, mais conectado, mais inteligente artificialmente (AI). Quando a Inteligência Artificial virar uma espécie de commodities, encontrada facilmente na Internet, administrar uma empresa ou uma cidade não será mais difícil que pilotar um avião. Não estamos distantes dessa realidade, é inevitável que a administração (pública ou privada) se torne mais produtiva, mais eficiente, que leve menos tempo nas tarefas, que custe mais barato e que traga mais benefícios. O que pode tornar obsoleto um político meramente burocrata. Parece filme de ficção? Apenas compare a Internet de 20 anos atrás com a de hoje. A filosofia administrativa enxuta e eficiente de uma startup pode ser aplicada na administração pública e se tornar mais barata, mais acessível, mais confiável do que muitos gabinetes burocratas.

A Inteligência Artificial vai modificar muitas áreas da nossa vida. Os computadores são muito melhores do que os seres humanos em muitas tarefas, eles são mais confiáveis, mais produtivos, e a realidade inevitável já se impõe hoje! Até 2030 haverá mais robôs trabalhando em fábricas do que pessoas. Não é futurismo, é realidade. Dependendo da sua profissão, um robô irá retirar seu emprego até 2030. A automação chegou e seu crescimento é exponencial. Esta transição e transformação do trabalho/emprego é um dos temas principais do Grande Reset em Davos. É mais uma área importante que precisa ser discutida e reinventada. Muitas funções de trabalho que existirão daqui 30 ou 50 anos à frente ainda não foram criados e muitos que existem hoje não existirão mais. Percebe como a descentralização faz parte do mundo hoje? A capacidade de adaptação e resiliência do ser humano são

surpreendentes, a exemplo de mais de 2,5 bilhões de pessoas migraram para o trabalho remoto em poucos meses durante a crise Covid-19 em 2020.

O Grande Reset do Fórum Mundial de Economia em Davos, caso insista no erro da centralização e verticalização em querer resolver os problemas mundiais de cima para baixo, não dará certo. O Grande Reset de Davos atua no máximo na micro história e pode provocar micro mudanças, mas são movimentos que estão inseridos num grande contexto da história. Decisões centralizadoras acionadas na macrohistória não passam de microdecisões. Uma decisão centralizadora do Grande Reset não será aceita nem apoiada pela complexidade demográfica do mundo. Não será aceita, assim como ninguém quer usar pergaminhos para trocar mensagens.

10

Agenda Globalista

O marxismo cultural está ativo no núcleo da política (e mídia) global atual. Isto é fato. Historicamente é característica da esquerda radical a guerrilha, camuflagem e sabotagens, do ponto de vista político e não somente da guerra convencional, há uma condução de guerra cultural (guerra por outros meios) provocada por interesses variados. As ideologias marxistas estão gradualmente sendo aplicadas em muitas sociedades e estas movimentações causam invariavelmente instabilidades sociais. Definir ideologia marxista não é fácil, pois sua definição não é objetiva, multifacial, mas o centro de sua disputa está na cultura (e educação), especialmente aplicada nas Américas e Europa, para citar dois exemplos. Neste aspecto a Igreja Cristã deve compreender o que é globalismo como uma nova roupagem para o marxismo, e elaborar suas reações no campo social.

A correlação entre globalismo e marxismo cultural acontece especialmente no envolvimento de mega capitalistas com a agenda esquerdista, a exemplo do George Soros e senhores de grandes fortunas. Isto explica em parte o financiamento de movimentos como Antifas e Black Lives Matter (BLM), grupos militantes, ativistas táticos, internacional, os quais agem como Black Blocs, impondo terror e ilegalidade aos destruir propriedades privadas e monumentos. O financiamento e apoio de mídia acontecem a favor de grupos anarquistas, feministas, LBGTS, abortistas, pela liberalização das drogas, e na prática isto faz parte da agenda globalista e do marxismo

cultural. Para simplificar, toda agenda anticristã se encaixa no bojo globalista/e/ou/marxista cultural.

Alguns negam que exista uma relação entre globalismo e marxismo cultural, mas as agendas se harmonizam em grande parte. O marxismo operacional não é uma ideia estática, rústica, vulgar e primitiva, mas evoluída na Escola de Frankfurt (uma das maiores teorias do século 20 na sociologia e filosofia), não é simplesmente a ideia de guerras de classes, mas na prática as agendas culturais servem de meio para um fim, a finalidade para os mega capitalistas é o lucro, o poder econômico. Se a crítica radical de tudo quanto existe, pressuposto filosófico da Escola de Frankfurt pode servir como meio para um fim, será usado, como está sendo usado pelos globalistas. Este pensamento aplicado não há necessidade de defesa de nada, nem de globalismo, nem de marxismo, socialismo, de nada. É só um meio para um fim. A ferramenta principal frankfurtiana é aprofundar o negativo, o niilismo, a autodestruição, a crítica corrosiva sem uma finalidade objetiva.

O globalista faz uso desse esquema e acrescenta a esperança utópica de um mundo melhor amanhã, um mundo mais belo. Na origem das escolas são perspectivas diferentes, mas princípios podem ser usados e não usados conforme os interesses pragmáticos de quem os usam. Portanto o globalista pode usar um discurso ideológico qualquer, porem a lógica real de suas ações visa mais lucro, mais poder, mais renda e riqueza. Esta é a lógica mega capitalista. Os bilionários de Davos erguem bandeiras coloridas ideológicas, porém existe a lógica interna do lucro e do poder. Ousaria dizer que existe no projeto de poder europeu um duplo nível de ação, o discurso de superfície do Fórum Mundial de Economia, tendo sua vitrine o site (www.weforum.org), e o planejamento das reuniões fechadas do Clube de Bilderberg. Assim como o Partido Comunista Chinês tem suas reuniões fechadas, um comando profundo, e os pronunciamentos públicos. Assim como o mundo árabe islâmico patrocina grupos militantes “ponta-de-lanças” contra Israel e o

Ocidente, mas não se apresenta como inimigo declarado do Ocidente, seus principais clientes de petróleo. É importante fazer esta análise de dupla ação dos esquemas de poder para entender como funciona o globalismo, que alguns consideram que é apenas o comércio global.

O deputado federal Phillippe de Orleans resumiu bem a influência contemporânea do marxismo cultural:

“Somente hoje, no entanto, no início do século 21, notamos como a cultura e a educação foram uma plataforma ampla e poderosa para a política. O “marxismo cultural” originário da Escola de Frankfurt nasceu como uma crítica a todos os pilares da civilização ocidental: religião, indivíduo, família, propriedade, constituição, nação-estado, etc. O marxismo cultural é utilizado desde o pós-Segunda Guerra Mundial como braço auxiliar do marxismo político, mas somente com a queda do Muro de Berlim é que ele se torna a ferramenta central”.

Muito mais poderíamos tratar sobre Globalismo, entretanto o importante é entender que ele se mistura com diversas pautas liberais e ideológicas. Os gigantes da tecnologia da Internet (as Big Techs), por exemplo, estão realizando ataques coordenados para eliminar a concorrência no mercado (competição desleal), fortalecendo um monopólio de uma elite – do Vale do Silício – e travando uma guerra contra a liberdade de expressão e censurando comunicação dos conservadores cristãos nas redes como um meio de ação concreta para manter o poder adquirido e fortalecer as pautas liberais. Estes gigantes da Internet, que juntos superam o PIB de alguns países são as plataformas sociais com um alcance de bilhões de consumidores, e cada vez mais atuam como agentes de censura dos conteúdos postados por seus usuários. Recentemente, mais do que antes, comportam-se como editores-chefes do mundo, censurando, editando e aprovando postagens. E não permitem nenhum recurso legal para quem é censurado (até que leis sejam impostas sobre estas

empresas). Estas companhias assumiram um viés anticonservador e influenciam sociedades e eleições. E também auxiliam as pautas do Grande Reset em Davos e querem cada vez mais participar da governança global. O comediante John Stewart chamou o Fórum Econômico Mundial de “O Oscar do dinheiro”.

O mundo corporativo está ativamente liderando e influenciando a agenda política, não só atuando em modo *lobby* (atividade de pressão de um grupo organizado sobre políticos) e *ThinkTanks* (tipo de instituição organizada para traçar estratégias políticas, econômicas e científicas), mas ganhando espaço e influenciando resultados. As regras do sistema favorecem quem tem mais poder (não interessa se é Esquerda ou Direita), o dinheiro é antigravitacional, obviamente vai sempre para o topo (lucros das grandes indústrias, executivos e acionistas). Riqueza no topo equivale a poder político e o topo tem a capacidade e habilidade para influenciar as regras do jogo. As empresas tem poder sobre o legislativo e para aumentar seus lucros. Quem possui dinheiro e *lobby* tem logicamente mais chance para aprovar ou obstruir uma lei, enquanto os cidadãos comuns têm poucas oportunidades em ter voz. O dinheiro obscuro dos bilionários da indústria farmacêutica, petrolíferas, Wall Street, indústria bélica, narcotraficantes têm mais poder que os eleitores comuns. A democracia atual é um jogo ganha-perde. Agem como máfias políticas.

O livro de AllumBokhari, "Deleted", reúne fontes do Google, Facebook, Twitter e outras empresas, e expõe um esforço conjunto da Big Tech para influenciar eleições. Estas empresas e outras assumiram posições claras em suas políticas para manipular buscas e censurar conteúdos. Em janeiro de 2019 a plataforma de vídeo do You Tube retirou vídeos pró-vida, e palavras-chaves como "aborto" foram rebaixadas numa lista negra das buscas e afastadas dos principais resultados de consultas. E muitos outros exemplos de censura. Em nome de uma “democracia” agem como ditadores.

Junto a este poder emergente da Internet, o jornalismo parcial, a Grande Mídia tradicionalmente já tem atuado em favor de uma agenda progressista, e tem recebido apoio das agências de checagens e atuam como agentes de reclamações de conteúdos nas redes. É um movimento coordenado entre a Grande Mídia e os Gigantes da Internet contra a liberdade de expressão. Agem com censura aberta banindo conservadores cristãos das plataformas digitais e mídias sociais, e com censura de ajustes em algoritmos de Inteligência Artificial para suprimir conteúdos que consideram “discurso de ódio”; os conteúdos são filtrados para aparecer no topo dos *feeds* das pessoas ou serem enterrados, as publicações aceitas têm que seguir seus padrões editoriais. Nunca houve tanto poder sobre as notícias na história. Está havendo um alinhamento de organizações progressistas sem precedentes na internet. Esta leitura de cenário se faz necessária para que a Igreja busque contra-atacar de modo estratégico e não cruze os braços.

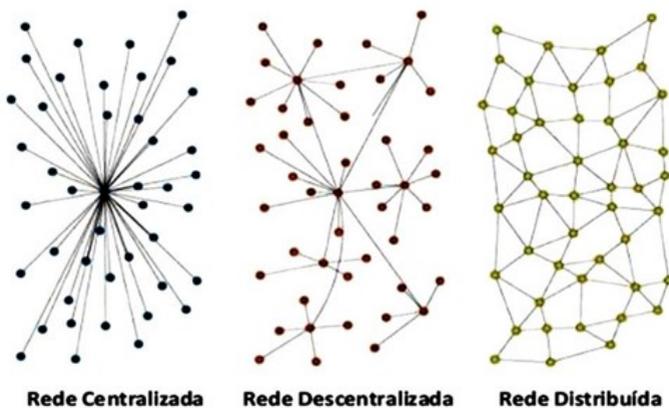
Progressistas, socialistas, social-democrata, comunistas, seja qual for o nome que se autodenominam a agenda dos bilionários é implementar uma ação de maior controle sobre às massas, mesmo que favoreça a implantação socialista/comunista (internacional) por diversos meios (propaganda, desinformação, revolução, burocracia, educação [marxismo cultural] etc) e narrativas da nova esquerda prol “justiça social”, as quais gerem maior controle para as elites e maiores lucros. Não é por acaso que os “gatos gordos no cume da neve” em Davos, provocação irônica do cantor pop Bono, amplificaram o discurso de “justiça social” e bem-estar mundial na crise Covid-19 (crise considerada uma oportunidade de ouro para as elites globais), pois são incansáveis em fazer experiências de engenharia social, e após esta calda longa da crise Covid-19 retomarão intensamente a pauta ambientalista, como alertou Pascal Bernardin em seu livro “O Império Ecológico”, que a agenda climática é mais uma ferramenta de engenharia social para proporcionar mais poder para os gatos gordos no cume da neve em Davos. Não interessa para quem deseja apenas poder e riqueza se o sistema é esquerda ou direita,

gramscismo é apenas uma ferramenta de engenharia social para expandir os lucros.

O socialismo/globalista/gramsciano patrocinado por metacapitalistas tem sua agenda bem definida e sua missão traçada (mais controle social e mais lucro para eles). O Cristianismo é o maior obstáculo a qualquer plano de controle pós-moderno. Contra o marxismo cultural a Igreja deve assumir seu Mandato Cultural e Grande Comissão. E não deve reinventar a roda. A agenda socialista tem a pretensão de “regulamentar” todos os aspectos da vida humana via “socialização” e controle social. Stálin, no auge do seu poder, Mao em toda sua força, tentaram destruir o cristianismo e sua influência. Agiram como demônios, mataram milhares de cristãos, mas não destruíram a Igreja. Muito menos não conseguiram destruir os povos que lutaram pela liberdade, liberdade esta que é uma das grandes conquistas e contribuições civilizatórias do cristianismo ao mundo. Tomemos como exemplo o conceito e a raiz de liberdade na nação dos EUA cultivada pelos cristãos. É fato que grande parte dos EUA têm se afastado de sua fundação cristã. Este abandono, afastamento e apostasia tem um preço a pagar. A contribuição cristã para as liberdades civis na história é algo que deve ser lembrado e preservado. Onde o verdadeiro Evangelho é pregado há liberdade e os tiranos tremem e caem, não é simplesmente a presença de um grupo religioso autodenominado cristão que preserva a liberdade, mas a Palavra verdadeira sendo ensinada e pela expansão do reino. Andrew Jackson disse: “Esse livro [Bíblia], meu senhor, é a rocha onde está assentada a nossa República [EUA]”. “Quando esse livro sucumbir, eu lhe garanto que a liberdade da qual você desfrutava, irá com ele”, completou James Kennedy. Hoje um presidente americano faz um juramento com sua mão sobre a Bíblia e com a mesma mão contribui com a agenda anticristã assinando decretos governamentais.

O Império Romano em todo seu apogeu não conseguiu dominar todo o mundo antigo nem em todo tempo. A expansão territorial romana sempre foi mutável geograficamente. Conquistar, pacificar e

homogeneizar todos os povos é uma tarefa impossível para todos os impérios da história. Domínio mundial total foi algo impraticável na antiguidade, isto numa demografia abaixo de um bilhão de habitantes. Agora no século XXI estamos na casa de 8 bilhões de habitantes e milhares de problemas complexos, em sociedades complexas, nas áreas de alimentação, clima, migração, direitos humanos, pobreza, saúde, violência, segurança, etc. Qual poder global colocará ordem numa casa de 8 bilhões de habitantes? As grandes potências mal administram seus problemas internos e regionais. ONU? União Europeia? Rússia? China? Marxismo global? Projeto islâmico? Grande mídia? Gigantes da tecnologia? Os problemas estão cada vez mais “glocais” (Localismo), problemas estruturais ou sistemáticos locais/regionais e globais, além do globalismo e nacionalismo. -- Glocalização é um neologismo resultante da fusão dos termos global e local. Refere-se à presença da dimensão local na produção de uma cultura global. Em outras palavras, glocal é o intercâmbio entre valores culturais globais e locais, gerando um terceiro valor, que enfatiza, simultaneamente, os dois primeiros. Mais do que um termo da moda, a glocalização é o resultado de um mercado cada vez mais conectado e digital. As estruturas atuais estão cada vez menos centralizadas, como demonstram os esquemas de redes sociais de Paulo Baran (1964), os quais possuem três topologias básicas possíveis:



O Globalismo é como uma rede descentralizada. Os padrões de interações e fluxos de informação hoje estão cada vez mais descentralizados e distribuídos. Os padrões de organizações e fenômenos interativos do século XXI não permitem que a estrutura centralizada de um governo único mundial funcione. Estes desenhos de redes sociais são as configurações possíveis de sociedades e poder. De modo local (sociedades menores) é possível a aplicação de um governo centralizador, mas em sociedades complexas as topologias espontaneamente mudam.

Todo projeto de poder centralizador torna-se inviável quando a gestão se torna complexa, todos os grandes impérios colapsaram por não terem controle absoluto de suas fronteiras, estas sempre sujeitas às invasões externas e conspirações internas, porém as ameaças pagãs contra os cristãos acontecem em vários níveis regionais e globais, seja por perseguição, violência física, destruição de templos, seja por infiltração de liberalismo teológico e de costumes, como liberalismo sexual, uso de drogas e outras bandeiras anticristãs. Estas coisas não são exclusividades do nosso tempo, basta voltar até a década de 1970 e pesquisar sobre o movimento Hippie, já existem as ideologias subversivas, e anterior a isto houve o liberalismo teológico do século 18, fruto do iluminismo. Movimentos que nada mais são do que uma revolta dos inimigos de Deus. A Pessoa de Deus deve ser cancelada, defendem, Deus deve ficar de fora das atividades humanas, em nome da “ciência e do racionalismo”. O sobrenatural não existe e nunca existiu, e tudo tem uma explicação racional. É a negação que existe um Deus da providência que intervém na história humana e que os milagres não passam de mitos de uma era pré-científica. Estes mesmos “racionalistas” negam a verdade biológica ao defenderem ideologia de gênero. Por trás de cada revolução moral de qualquer geração, o líder inspirador é o próprio Satanás, e só o cristão afirmar esta verdade torna-o motivo de zombaria por ser uma crença primitiva.

11

A verdade libertadora

Sempre haverá inimizade entre princípios cristãos e pagãos, este é o cerne da questão. - E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. (Gênesis 3:15). – Há duas sementes, todos os ímpios são chamados de sementes de Satanás. E Cristo esmaga a cabeça do inimigo, seu poder, sua política. O sacrifício de Cristo na cruz, sua obediência, morte e ressurreição deram um golpe fatal no inimigo, a ferida mortal na cabeça da serpente. À medida que o evangelho expande, os inimigos caem, não sem lutas, não sem confrontações. Os embates acontecem em todas as esferas da sociedade, na família, na cultura, na escola, na política, ONGs (organizações não governamentais), enfim, até na Igreja. Há conexões internacionais, alinhamentos ideológicos anticristãos, financiadores do marxismo cultural ou global, braços políticos e ramificações? Qual influência e poder de suas ações na política e na sociedade? **O que a Igreja pode e deve fazer?** Com certeza abandonar as esferas da sociedade é a pior atitude da Igreja. “Desigualdade social”, por exemplo, é um tema que se a Igreja não souber lidar com este problema e deixar o vácuo, como tem acontecido em parte, haverá uma interferência externa para ocupação e “monopólio” do tema aberto em questão. O poder mais importante para um discípulo de Cristo não é poder político, mas o poder espiritual do Espírito Santo, poder para pregar o evangelho, poder para curar, poder para receber e realizar milagres em nome de Jesus, este é o ministério espiritual. A Igreja não vai tornar a sociedade melhor dominando as cadeiras dos parlamentos como

prioridade deixando de lado a prioridade do seu ministério espiritual, isto seria a implantação de uma legislação e direito cristianizado, leis de permissões e proibições sobre uma sociedade incrédula desde os legisladores, estas políticas não são bíblicas, como disse Vincent Cheung:

“A expansão de que a Bíblia fala é espiritual, não política. Se resultar em mudança política, o fará apenas indiretamente. À medida que o evangelho se expande para influenciar mais pessoas em mais níveis da sociedade, essas pessoas naturalmente favorecem as políticas bíblicas. Mas a expansão é explicitamente espiritual - refere-se a uma difusão de ideias e poderes espirituais, incluindo poderes miraculosos. Focar diretamente no político é cometer exatamente aquilo que Jesus condenou - “pois você se preocupa com as coisas dos homens, e não com as coisas de Deus”. A obsessão cristã com a política é uma luxúria, um ídolo e um substituto para a promessa do poder no evangelho, que os espiritualmente fracos e rebeldes rejeitam por causa da incredulidade”.⁶

Aplicar a lei de Deus para reconstruir a sociedade sem o poder do ministério espiritual é hipocrisia e fracasso. A única reconstrução da sociedade com a lei de Deus deve ser realizada com a expansão do evangelho com a mensagem da salvação e dos milagres de Deus em nome de Jesus Cristo. Expandir o reino de Cristo sem o poder do Espírito Santo é imposição filosófica, psicológica ou opressora humana. Quando os discípulos de João (Mt 11.4,5) perguntaram ao Messias se ele era realmente o libertador político de Israel, ele respondeu: “Vão e digam a João Batista tudo o que vocês estão vendo e ouvindo, isto é: Os cegos veem, os coxos estão andando normalmente, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e os pobres ouvem as Boas Novas”. Jesus respondeu a pergunta política dos discípulos. Esta verdade e esta

⁶ www.vincentcheung.com/2018/01/13/jesus-commanded-extreme-exponential-expansion/

resposta podem ser ofensivas para quem espera um Cristo político que vai salvar a China. O único Jesus revelado nas Escrituras é o Jesus que prega, cura e liberta. Este é o evangelho. Cristãos não podem reconstruir a sociedade de outra forma. Se o cristão quiser transformar o mundo tem que pregar o evangelho e curar os enfermos com milagres. Fora disso é programa partidário simpatizante dos princípios morais do cristianismo, mas sem o poder transformador do Espírito Santo. Querer remodelar a sociedade e influenciar a política sem o poder espiritual é um programa fadado ao fracasso. O ataque à política pode e deve ser feito diretamente, mas antes do ataque é preciso pregar o evangelho, curar os enfermos, expulsar demônios, profetizar, operar sinais e maravilhas, aí sim os cristãos influenciarão e remodelarão a política. “Satanás não tem medo da política e das leis. Ele ficaria bem se você regulasse o comportamento humano sem mudar o coração” (Vincent Cheung).

“Consciência política de poder espiritual”, outro assunto o qual se negligenciado pela Igreja é entregue à dinâmica política dos opositores de Cristo, que preencherão o espaço com falso poder. A Igreja não pode se tornar uma massa cinzenta que recebe ordens obedientemente de homens ímpios, ela deve continuar buscando o envolvimento como agente missionário-político de transformação, assim como realizou William Carey, missionário cristão inglês do século 19 na Índia, ao contribuir com a erradicação de “lei” e tradição de um ritual fúnebre o qual a viúva era queimada viva junto com esposo morto em cremação. Carey também colaborou na formação educacional da Índia. Décadas de trabalho duro influenciando as comunidades locais. Contudo Carey trouxe um avivamento missionário na Índia, houve uma grande conversão através do seu ministério.

As pautas sociais precisam ser reconquistadas pela Igreja e tratadas com estratégia missionária, porém a primeira estratégia é resgatar a pregação evangelística e realização de milagres. A principal arma espiritual é a oração, não faltam pedidos de oração pela

transformação da cultura, da educação e política. A Palavra de Deus é a verdade e certamente o fundamento perfeito de qualquer constituição, mas não significa que a cosmovisão cristã deva ser primariamente política e também não significa que deva abandonar a política, o principal é ter o objetivo da missão bem claro, a visão do domínio espiritual sobre o material, o poder de Jesus Cristo que opera milagres. Não devemos confiar meramente na política, pois é o mesmo que confiar em homens, que a Palavra de Deus exorta a não confiar em homens, pois sempre haverá decepção.

Os cristãos não devem negar o devido lugar da política, o apóstolo Paulo se valeu de leis dos judeus e dos romanos para realizar seu trabalho missionário, direitos estes não produzidos pelos cristãos, mas pela providência, e enquanto havia paz e baixos níveis de perseguição a igreja avançava com segurança na pregação do evangelho. Portanto, entender como funcionam as leis em cada região é importante para atuar no campo da tolerância das leis impostas, de modo a não trazer problemas desnecessários para si e outros. E onde não há tolerância das autoridades e a perseguição aos cristãos aumenta, os missionários atuam bíblicamente na desobediência civil e clandestinidade, reconhecendo o risco da missão.

Os cristãos não devem converter ninguém pela força da espada, devem saber trabalhar em campo com perseguição e sem perseguição. E o interesse maior em conquistar mais liberdade para expansão da Igreja não deve ser primariamente político mas pela correta visão de poder espiritual. Cristão meramente político perdeu a visão e o verdadeiro poder, e está cometendo idolatria. -- Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas. (Jeremias 2:13). – O erro de trocar algo natural por algo artificial, algo vivo por algo morto. O erro em abandonar o evangelho de poder por filosofias políticas cristianizadas. Focar erroneamente na política é

cair em vã confiança e atrair a destruição. Apegar-se aos ídolos é se afastar da misericórdia. (Jn 2.8).

O poder espiritual do Espírito Santo através da fé está disponível para os chamados por Cristo, esvaziar este poder, esta busca pelo poder e fé, é trocar fonte de água jorrando por cisterna rachada. Temos um chamado para cooperar com a expansão do reino e demolir fortalezas (2Co 10.4) não com campanhas políticas, mas com o poder espiritual, os meios da graça. A nossa “política” mais eficaz para transformar a política e o mundo é: A propagação do evangelho pelo poder espiritual. Esta estratégia missionária funciona em qualquer geração e em qualquer sistema político.

Quer salvar o Brasil? Quer salvar a China? Quer salvar os EUA? Você nem precisa de cédula de eleição, Cristo deu a você, por adoção e justificação, a capacidade de transformar qualquer sociedade em nome dele. -- Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê: primeiro do judeu, depois do grego. (Rm 1.16). Que Deus nos ajude a não pregar o evangelho sem poder do Espírito Santo! Pregamos o evangelho, curamos os enfermos e adoramos o Cordeiro, esta é a maior missão que a Igreja pode realizar. Na Igreja Primitiva quando os discípulos eram perseguidos pelo poder político e religioso eles não lutaram pela vitória política, mas oraram para que Deus desse mais coragem para continuar pregando o evangelho e que Deus estendesse sua mão para curar os doentes e que sinais e maravilhas fossem realizados em nome de Jesus. Pregamos todo desígnio de Deus é pregar tudo! A exortação de Vincent Cheung é exatamente nesta necessidade da pregação do evangelho com plenitude e poder:

“Pregar é importante, mas não devemos pregar apenas por pregar. Devemos pregar o evangelho, mas uma mensagem que não tem cura ou que se opõe à cura não é o evangelho, assim como uma mensagem que não tem perdão de pecados ou que se opõe à justificação pela fé não é o evangelho. A Bíblia não conhece um

evangelho que não tenha cura. Devemos pregar o evangelho, mas uma mensagem sem o Espírito do poder dos milagres para todos aqueles que creem não é o evangelho, assim como uma mensagem sem a expiação não é o evangelho. Devemos pregar o evangelho, mas uma mensagem sem os efeitos físicos e financeiros que o evangelho nos garante não é o evangelho, assim como uma mensagem sem os efeitos espirituais e psicológicos que o evangelho nos garante não é o evangelho”⁷.

A pedra que enche toda terra

O maior inimigo de todos os projetos de poder do mundo (seja Comunismo, seja Grande Reset) é a expansão do reino de Deus, expansão com todas as bênçãos e promessas espirituais e materiais pela mão estendida de Deus, a multiplicação de um povo produtivo para o reino. - ***A pedra, que feriu a estátua, se tornou grande monte, e encheu toda a terra.*** – (Daniel 2:35b). Sabemos pelo contexto do segundo capítulo do profeta Daniel que a pedra não esmagou a cabeça, o peito do corpo da estátua do sonho, mas todo corpo se fragmentou ao cair quando os pés foram quebrados. Esta imagem representa os reinos da terra, os impérios sucessivos da história. A pedra que destruiu os reinos representa o reino do nosso Senhor Jesus Cristo. Do aumento do governo e da paz de Cristo não haverá fim. A pedra encheu a terra. O reino de Cristo, desde pequenos começos tem aumentado, e cada vez mais, até que toda terra se sujeite a Ele. O evangelho de Cristo espalhado pelas nações e reinos.

Cristãos conscientes do poder do evangelho e da expansão do reinodevem ocupar cargos legislativos, escolas, ensino superior e mídia. Calcula-se que 14 mil igrejas são abertas anualmente somente no Brasil (IBGE), por mais que haja divergências entre as linhas

⁷ <https://www.vincentcheung.com/2020/03/15/the-primacy-of-healing-ministry/>

denominacionais, há pontos de convergências capazes de criar uma força social relevante para buscar autoproteção de suas instituições. Geralmente a Igreja Evangélica age de modo mais dinâmico, mais descentralizado, mais veloz, mais distribuído e mais independente do que qualquer outro grupo religioso cristão. Essa demografia religiosa tem mudado o mapa da América Latina e já é o maior obstáculo para o marxismo global ou qualquer poder com pretensões de domínio.

A agenda progressista não tem vida fácil para adentrar a Igreja de modo geral, certamente é mais fácil tentar exercer algum tipo de controle externo do que interno (doutrinário ou comportamental). A massa evangélica tem herança em incentivar a força do trabalho, do mérito, da prosperidade, das conquistas materiais, da propriedade privada, da proteção à vida e família; geralmente liberais na economia, conservadores nos costumes. Evangélicos são despertados para interesses econômicos e políticos (mais que outros grupos), e tem forçado diversas instituições a repensarem sua oposição à fé cristã evangélica e encontrar um equilíbrio de convivência social pacífico. Quanto maior o crescimento dos evangélicos, naturalmente os espaços sociais serão disputados. O ponto em questão não é se a igreja cristã está crescendo em qualidade – a fé doutrinária é extremamente heterogênea, -- mas em quantidade seguramente. Se esta massa evangélica necessita ser reevangelizada é outro litígio. As instituições de ensino teológico e a produção de literatura deu um salto exponencial do analógico, presencial e físico para o digital e remoto, certamente as denominações cristãs terão um fluxo de informação mais distribuído e descentralizado. A Igreja tem que ter a paciência do movimento macro, confiante na providência. Qual era a representatividade social e política dos evangélicos 30, 50 anos atrás? Quais são as projeções para 2050? Paciência é uma virtude cristã e conservadora. Os continentes se movem imperceptivelmente, assim é o fermento que leveda toda massa.

Temos esta promessa infalível: A missão da Igreja é IR e fazer discípulos de todas as nações, esta tarefa está inacabada e precisa ser

realizada. O mundo caminha rapidamente para 8 bilhões de habitantes e neste número a força missionária da Igreja irá também aumentar. Cristãos de todas as denominações, que de algum modo se aproximam dos ensinamentos de Cristo ou apenas se identificam como cristãos, somam mais de 30% da população do mundo. Também mais de 30% possui alguma ligação histórica com a Igreja e o evangelho (exemplo: Europa e EUA), mas vivem de modo secular e pagão, há bíblias traduzidas para seus idiomas, há missionários, seminários, igrejas, mas optam pelo secularismo. Outros 30% nunca ouviram falar de Jesus, nunca leram um versículo da Bíblia, não há igrejas, não há missionários. Calcula-se que haja aproximadamente 400 mil missionários transculturais no planeta, e muitos desses missionários estão em campos onde há traduções e cristãos. A força missionária em campos de trabalho com povos não alcançados é a menor proporcionalmente. Mais de 2 bilhões de pessoas (até 3 bi) nunca ouviram falar em Jesus, as boas novas ainda não chegaram. Estes povos não alcançados deverão ouvir o Evangelho. A maior parte desses povos está na localização conhecida como janela 10/40:

JANELA 10/40



95% de todos os povos não alcançados estão localizados na parte do mundo entre 40 graus de latitude e 10 graus de longitude que se estende do norte da África para o sudeste asiático. Neste cinturão encontramos povos tribais, hindus, ateus, incluindo muitos chineses, muçulmanos e budistas. Jesus disse que o evangelho do reino será pregado para todos os povos. Muitas dessas regiões há conflitos étnicos, ideológicos e crises humanitárias que provocam deslocamentos de povos, refugiados e imigrações internacionais. Este fator proporciona à Igreja estratégias missionárias de acolhimento, a prática do bem e boas obras. -- *A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Portanto, peçam ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita.* (Lc 10.2). A colheita é grande! Devemos realizar o trabalho e confiar o resultado ao Senhor!

12

De Cristo é o reino, o poder e a glória

Ao transformarmos o mundo pelo poder do evangelho, de modo indireto podemos mudar as configurações geopolíticas. Enquanto não tivermos a maioria da população mundial convertida não vamos disputar poder político na arena do inimigo, os críticos se enganam quando dizem que os cristãos querem impor uma teocracia cristã a uma população rebelde. Não é pelo esforço humano a transformação. Uma multidão regenerada por Cristo irá exercer o domínio pela Palavra de Deus, e a Palavra será recebida com alegria por todas as nações. A vontade de Deus será feita assim na terra como no céu. Nossa confiança está em Cristo que vencerá todos os seus inimigos por meio de seu povo, sobre todos os homens e nações. Toda língua confessará a Deus (Rm14:11; Fp 2:11). Cristo destruiu o poder do pecado e estabeleceu Seu próprio senhorio. Só podemos conhecer o Reino de Deus por meio de nosso Senhor, Jesus Cristo. Seu Reino está onde quer que seja servido, onde quer que seja reconhecido, seja na igreja, estado, casa ou escola.

Será a Grande Comissão uma missão impossível tendo o Espírito Santo trabalhando através da Igreja? Este domínio mundial de Cristo não é como uma utopia socialista! Basta dizer que em uma sociedade baseada na lei de Deus não se deve roubar e cobiçar a propriedade privada do seu vizinho, a utopia socialista acaba neste mesmo instante. Utopia é arrogância humana, é a crença que se poder

reconstruir a sociedade segundo a sabedoria do homem, é uma arrogância que acaba em pobreza e morte, basta olhar os resultados da China e União Soviética, o Estado-deus. Um mundo sem Cristo é o sonho (pesadelo) de Karl Marx de uma ordem comunista final, ou o Reich de mil anos de Hitler. No pecado, o homem busca servir a si mesmo e busca seu próprio reino, poder e glória.

Quando não mais nada acima do poder controlador dos governantes e das elites, quem impedirá de agir de modo egoísta? Quando a mente da elite que rejeita Cristo e assume o controle da vida de sociedades, ela se coloca além do bem e do mal. Os governantes ímpios se esforçam pela mentira de Satanás de que o homem pode ser como deuses, governar como um deus. O reino do homem é rebelião, autogoverno, uma perversão do Reino de Deus.

O povo de Deus foi criado com um propósito, para cumprir um plano maior, para operar debaixo da direção de Deus para a glória de Deus. Os inimigos de Deus operam segundo seus próprios propósitos e de acordo com sua própria autoridade, agem por conta própria sem prestação de contas a ninguém. A nossa direção é com Cristo e por Ele, somos novas criaturas para servir ao reino soberano de Cristo. Oramos pelo avanço de Seu Reino porque Seu “é o reino, o poder e a glória para sempre”.

A pergunta que os cristãos devem se fazer é “O que estou fazendo para servir e promover o Reino Soberano de Cristo?”

“Se você estava de malas prontas para partir desta Terra através do arrebatamento, então as desfaça e abrace sua missão de dominar a Terra e fazer discípulos de todas as nações!”⁸

⁸ Troque o Arrebatamento pela Grande Comissão, pg. 151. César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada - Edição de Dezembro de 2018 – www.revistacrista.org

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em
www.revistacrista.org

